A stylized illustration of a woman with long, dark, wavy hair blowing a large, pink bubble. The woman is shown in profile, facing right, with her eyes closed and a slight smile. The background is a solid, vibrant pink. The text 'TODAS AS COISAS BELAS' is overlaid in large, bold, yellow letters.

TODAS AS COISAS BELAS

Matthew Quick

Autor de O LADO BOM DA VIDA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**TODAS
AS
COISAS
BELAS**

Matthew Quick

Tradução de Alice Mello



Copyright © 2016 by Matthew Quick

TÍTULO ORIGINAL
Every Exquisite ing

PREPARAÇÃO
Cristiane Pacanowski

REVISÃO
Clarice Goulart
Juliana Werneck

ARTE DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
KUCO / Shutterstock

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0301-5

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

PARTE UM

1. Ele era um adulto e eu ainda era uma garota
2. Parecia uma história incompleta
3. Você precisa conhecê-lo pessoalmente
4. Uma ode à nobre arte da desistência
5. Ele nunca contou a ninguém o que fiz
6. Um catálogo atualizado constantemente com as novas tendências
7. Seria horrível dizer tudo isso
8. Dando um empurrãozinho
9. Para se livrar dos canhões
10. Vamos deixar o celular carregando e dormir juntos
11. As tendências sexuais dos garotos
12. Dezenas de miras letais
13. O garoto pode ser um garoto
14. Mudou de assunto, como se colocasse uma faca no meu pescoço
15. O clube das famílias despedaçadas
16. No mesmo porão onde você se encontra agora
17. Eles não fugiram. Correram ao encontro da lava que eu despejava
18. Meu punho sacudindo o crânio

PARTE DOIS

19. Mate o Eu
20. O amor não necessariamente venceu
21. No foguete rumo a esse lugar desconhecido onde ela está agora
22. Confiante, agressiva e desafiadora
23. O “kit púrpura de prazer”
24. Sempre há uma janela de fuga
25. A preservação do meio ambiente é a menor das suas preocupações

26. Ele se tornou uma espécie de conceito
27. Como transformar a tragédia em algo positivo?
28. Time Antígona, jamais os Creontes do mundo
29. A concavidade nua de suas axilas adolescentes
30. Tão boa em algo que não lhe dá prazer
31. Apaixonado por uma versão falsa
32. Ele sorri como um lobo feliz
33. A treinadora parece muito satisfeita
34. E vai se odiar por isso
35. Como se estivesse sentada sobre um controle remoto
36. Colocando toda a raiva para fora
37. Espero de verdade que essa garota seja perfeita
38. Relógio populacional
39. Um preço por forçar o limite
40. Aveludadas como um beijo bom

Sobre o autor

Conheça os outros títulos do autor

Leia também

Para o banco verde perto do riacho

PARTE UM

Ele era um adulto e eu ainda era uma garota

No último dia de aula antes do recesso de Natal do penúltimo ano do ensino médio, fui à sala do sr. Graves durante o intervalo de almoço e o encontrei tomado pelo espírito natalino, sorrindo bem mais que de costume. Fazia alguns meses que comíamos sozinhos ali. Naquele dia, ele me trouxera alguns biscoitos italianos que a esposa fizera para mim, o que me levou a imaginar o que o sr. Graves andaria contando a ela. Os biscoitos pareciam flocos de neve gigantes e tinham gosto de alcaçuz preto. Cada um de nós comeu um, e depois o sr. Graves me entregou uma caixa pequena embrulhada em papel de presente azul com minúsculas renas brancas de chifres imensos. Eu nunca tinha recebido um presente de um professor. Senti que era um momento importante.

— É só uma lembrancinha de alguém que também evita refeitórios — disse ele, e sorriu.

Rasguei o papel de presente.

Na caixa havia um livro intitulado *O ceifador de chicletes*, de Nigel Booker. As páginas estavam amareladas e a capa havia sido remendada com fita adesiva. Tinha o cheiro de uma barraca de camping velha que tivesse ficado guardada ainda ligeiramente úmida por cinquenta anos. Na capa de fundo branco via-se a imagem da Morte com sua grande foice, só que a lâmina curva era feita de chicletes coloridos — como se dispostos sobre mármore branco. Era uma imagem inegavelmente estranha. Assustadora e instigante ao mesmo tempo.

Abri na primeira página.

A dedicatória era: “Para o clube de tiro com arco.”

Bizarro, pensei.

Folheando depressa as páginas de pontas dobradas, notei centenas de trechos sublinhados.

— Li esse livro quando tinha sua idade, e ele mudou minha vida — disse o sr. Graves. — Está fora de catálogo. Até deve valer algum dinheiro, mas não é do tipo que se vende. Já o digitalizei todo há muito tempo e prometi a mim mesmo passar meu exemplar adiante para o aluno certo, quando ele aparecesse. Pode não ser a maior obra literária do mundo, deve estar meio datado, mas é um clássico cult e sinto que pode ser a leitura perfeita para você. Até mesmo um rito de passagem, para pessoas *como nós*. Enfim. Feliz Natal, Nanette O'Hare.

Quando fui abraçá-lo para agradecer, ele se enrijeceu.

— Não é para tanto.

E, com uma risada nervosa, me afastou com delicadeza.

Na época fiquei com raiva, mas tempos depois entendi que era cautela. O sr. Graves pressentiu aquilo, porque ele era um adulto e eu ainda era uma garota.

Comecei a ler naquela noite.

Parecia uma história incompleta

O ceifador de chicletes conta a história de um garoto que se autodenomina Wrigley por ser viciado na goma de mascar sabor hortelã da marca Wrigley. Ele diz que chicletes o acalmam, e masca com tanta voracidade (e tanta frequência) que sente muitas dores na mandíbula e chega a sofrer “ocasionais travamentos da boca”. Acompanhamos o personagem ao longo de um ano do ensino médio sem nunca descobrir seu nome verdadeiro.

Na narrativa, Wrigley só faz observar seus colegas de turma, de quem não gosta, e falar o tempo todo sobre “desistir”, mas não sabemos de quê. Dei uma busca no Google e encontrei algumas teorias. Existem sites inteiros sobre isso, dedicados a responder a essa pergunta. Algumas pessoas acreditam que Wrigley quer se matar, do que se conclui que seria desistir da humanidade. Outros defendem que ele só quer se livrar do colégio e pronto. Há ainda os que pensam que Wrigley está falando sobre Deus e que quer renunciar à crença em um poder superior, mas tenho minhas dúvidas quanto a isso, porque o narrador não menciona Deus uma única vez. Uma última teoria é a de que Wrigley quer ir embora dos Estados Unidos e que na verdade o livro é sobre o comunismo, mas também não sei se é bem isso.

Um dia, Wrigley se apaixona por uma das gêmeas Lena Patch e Stella Patch — só que não sabe qual. É que uma das irmãs gosta de falar com uma tartaruga que está sempre tomando sol sobre uma pedra que desponta na água de um riacho perto do colégio deles. Wrigley chama a tal tartaruga de Ted Improdutivo, porque o bicho passa o dia inteiro ali na pedra sem fazer nada, só pegando sol. (Como eu adoro esse apelido: Ted Improdutivo.) Certo dia, Wrigley está atrás de uma árvore quando ouve uma das gêmeas desabafando com Ted Improdutivo sobre seus medos e preocupações e contando sobre um

ato terrível do pai, mas sem revelar o que foi. A garota passa a “conversa” toda no limite do choro, enquanto Wrigley ouve tudo pacientemente. Até que ele resolve sair de trás da árvore, e, ao vê-lo, a garota se dá conta de que ele ouviu tudo. Wrigley tenta consolar a menina: “Tudo isso que você disse... Eu entendo. De verdade. Penso igual a você. Quer dizer, quase igual.” A princípio ela fica irritada, sentindo que foi espionada, mas os dois acabam tendo uma conversa incrível sobre a vida, a escola e tudo mais, sobre o fato de não poderem ser verdadeiros “fora da floresta” e sobre como se sentem tentados a “simplesmente desistir”.

A tragédia se revela quando Wrigley vai embora. No caminho para casa, ele percebe, horrorizado, que não perguntou o nome da garota e, portanto, não sabe se aqueles momentos de forte conexão emocional foram com Stella ou Lena, o que desencadeia uma crise de ansiedade nauseante — ele chega a vomitar —, pois a gêmea foi enfática ao insistir: “Por favor, não conte para minha irmã. *Por favor!*” Ele não pode perguntar a uma das irmãs se era ela no riacho naquele dia, porque, caso falasse com a gêmea errada, estaria traindo a confiança da outra e “estragaria tudo”. Fica bem claro que é uma autossabotagem, mas sentimos muita pena de Wrigley, porque ele se sente torturado pelo problema sem solução.

Wrigley passa meses nesse dilema, torcendo para que a gêmea com quem conversou diga algo na escola e ao mesmo tempo temendo que ela esteja *esperando que ele tome a iniciativa*. Ele fica ainda mais perturbado pela ideia de que a garota agora se sente desconfortável com a conversa tão íntima que tiveram na floresta e que não quer falar com ele nunca mais.

Finalmente, após meses observando as irmãs no refeitório durante o almoço, ele conclui que a gêmea certa é Lena, sobretudo porque ela fica nervosa e bate o pé sempre que fala alguma coisa à mesa, cheia de garotas populares. Outro forte indício é que há pouco tempo Lena começou a usar uma bolsa com um patch da letra *L*, o que também é um ótimo sinal: Lena pode estar dando dicas de sua identidade. Mas ele ainda não tem certeza.

Wrigley decide convidar Lena para o baile de formatura, convencido de que, se ela aceitar, será uma confirmação de que ele acertou. Ela aceita o convite, mas não parece empolgada com a ideia, e assim a questão continua sem resposta.

O garoto aluga um terno e compra um *corsage* de rosas amarelas para Lena, mas, já prestes a tocar a campainha das garotas, se dá conta de que a gêmea que

ele conheceu na floresta jamais iria ao baile. Afinal, ele também não tem vontade de ir, só está fazendo isso para conferir se encontrou a irmã certa. Wrigley não está nem aí para todo o resto, para o que chama de “simulacros”. A gêmea que conversa com a tartaruga no riacho não amaria o Wrigley que vai ao baile, porque ele está fantasiado, não está sendo fiel a si mesmo — ao “Wrigley de roupas comuns na floresta”. É tão óbvio, pensa ele. E eu concordo. Ele não pode ir ao baile. Se fosse, acabaria com suas chances de ter um relacionamento com a irmã certa.

Wrigley conclui que fracassou antes mesmo de começar e, em vez de tocar a campainha das gêmeas, vai ao local onde eles conversaram pela primeira vez, na esperança de que a irmã certa esteja esperando por ele lá. Quem sabe os dois não conversam novamente e acabam se beijando, como no desfecho de um conto de fadas contemporâneo? Só que, chegando ao riacho, ele encontra um bando de meninos com gravetos tentando virar Ted Improdutivo de barriga para cima, “as quatro patas formando um círculo cruel no ar, como se ele fosse um carro capotado”. Furioso, Wrigley agarra um dos meninos maiores pelos ombros e começa a gritar “POR QUÊ? POR QUÊ? POR QUÊ?”, sem parar.

O líder do bando diz que eles só estavam brincando e que não iam matar a tartaruga. Wrigley pega o chiclete da boca e o gruda no cabelo do garoto, depois joga o menino no riacho e diz: “Também só estou brincando de segurar você embaixo d’água até ficar roxo.” Ele de fato faz isso, até um dos outros meninos implorar pela vida do amigo, suplicando que Wrigley o deixe respirar. Quando volta à tona, o garoto no rio arqueja e implora por sua vida. Wrigley o solta e as crianças fogem.

Wrigley coloca Ted Improdutivo na posição normal, mas a tartaruga morde a mão dele, arrancando um pedacinho da pele.

Enquanto Ted Improdutivo escapa, Wrigley sangra e fala palavrões e continua esperando a gêmea certa, que nunca aparece.

Quem aparece são os pais do garoto quase afogado. O pai joga Wrigley no riacho e chuta água na cara dele, dizendo:

— Cadê o valentão agora? Meu filho tem onze anos e metade do seu tamanho. Seu lixo de gente! Você é uma vergonha para nosso bairro. Por que não está no baile de formatura? Está de smoking e tudo! Não ir ao baile é uma atitude antipatriota. Você é comunista, por acaso?

Em vez de se explicar, Wrigley tira o smoking, nada até o meio do riacho poluído, já que ali “ninguém vai atrás dele”, fica boiando pelado e diz:

— Agora eu entendo, Ted Improdutivo, por que você fica o dia inteiro sozinho naquela pedra sem fazer nada. Eu desisto. Vou ficar aqui boiando para sempre, até a eternidade.

O livro termina com Wrigley rindo feito um louco enquanto as estrelas despontam no céu.

Existem muitas teorias na internet sobre o final da história, mas a conclusão mais comum é de que Wrigley rejeita a sociedade convencional — a família, a escola administrada pelo governo e até mesmo sua sexualidade — para viver o agora, boiando pelado no riacho.

Há quem diga que o desfecho contém uma lição zen-budista e que talvez represente o despertar espiritual de Wrigley.

Parecia uma história incompleta. Isso me chateou, porque eu fiquei muito curiosa para saber o que acontece com Wrigley depois que ele sai da água. Até reli o livro três vezes durante aquele recesso de Natal, achando que podia ter deixado passar alguma coisa.

Você precisa conhecê-lo pessoalmente

Em janeiro, no dia em que as aulas recomeçaram, fui à sala do sr. Graves e fiquei esperando por ele no corredor.

— Dormiu aqui, Nanette? O sol ainda nem nasceu — brincou ele ao chegar.

— O que acontece com Wrigley? — perguntei. — Preciso saber. Porque eu sou Wrigley. E a história não pode terminar desse jeito. Não. Pode.

— Por que não?

— Porque eu preciso saber mais.

— Sempre deixe um gostinho de quero mais. Uma regra fundamental do show business.

— Isso não é show business, é *literatura*. E é a minha vida — argumentei.

— Esse livro *sou eu*. É muito mais que uma história. O autor tem obrigação de dar respostas. *Todas* as respostas!

O sr. Graves deu uma risada.

— Imaginei que você fosse gostar. Como eu disse... é um rito de passagem para esquisitões como nós.

O sr. Graves sempre descrevia a si mesmo e as pessoas de quem gostava como “esquisitões”. Dizia que todos os grandes escritores também eram esquisitões, que os maiores artistas, músicos e pensadores foram rotulados como *esquisitos* no colégio ou “quando eram jovens”. Aquele era “o preço da admissão”.

— Aliás, por que esse título, *O ceifador de chicletes*? — perguntei.

— O que você acha?

— Não faço ideia. Por isso estou perguntando!

Ele riu.

— Bem, existem muitas teorias.

— Eu já pesquisei na internet. Não achei nenhuma explicação convincente.

— Então talvez você deva perguntar ao próprio autor.

— Como eu faria isso?

— Por acaso, Nigel Booker mora aqui pertinho. Sabia disso?

— É sério?

O sr. Graves deu um sorriso sugestivo, como se tivesse aquilo em mente desde o início.

— Dizem que ele conversa com qualquer um que oferecer um café no e House. Saiba que ele nunca, jamais, dá uma resposta direta. E acho que hoje em dia ele odeia esse livro.

— Como você sabe disso?

— Escrevi muitas cartas para ele quando eu era adolescente, até ele aceitar se encontrar comigo. Eu tinha dezesseis anos.

— E o que ele disse?

— Ah, não quero estragar a surpresa. Você precisa conhecê-lo pessoalmente. Olha, é uma *experiência*. Vou falar com ele, tenho certeza que Booker aceitaria se encontrar com você. Quer dizer... se você topar.

Uma ode à nobre arte da desistência

Eu obviamente topei.

O sr. Graves combinou tudo, e logo me vi frente a frente com Nigel Booker, o autor do meu mais novo livro preferido. — e House é o café local, fica a apenas seis quarteirões da minha casa. A maioria da clientela é mais velha, mas isso não me incomoda em nada, porque, sinceramente, não sou muito fã da minha geração.

— Srta. O'Hare — disse Booker ao chegar. Assenti, e ele me estendeu a mão. Trocamos um cumprimento. — Pode me chamar de Booker. Não sou muito adepto de *senhor*.

Ele devia ter algumas décadas a mais que o sr. Graves. Tufos de cabelo branco saltavam de suas enormes orelhas; a calça faltava no tornozelo e sobrava na cintura; o suéter de tricô trançado era, além de grande demais, puído e com aparência meio suja. Para completar, ele usava o cabelo todo puxado para cima nas laterais e inflado num topete como o do Elvis... só que grisalho.

— Esta bela jovem realmente quer tomar um café na companhia deste velho aqui? — perguntou ele, apontando para o próprio rosto. — Como foi que dei uma sorte dessas?

Nós nos instalamos e fiz o pedido, por minha conta.

— Diga — começou ele.

Respirei fundo antes de falar:

— *O ceifador de chicletes* é meu novo manifesto pessoal. Não sabia que existiam pessoas como eu, mas elas com certeza existem. E o senhor também me entende. É por isso que...

— Entendi — disse ele, e deu uma risadinha. — Já chega.

Hesitei, mas, achando que era só uma questão de modéstia da parte dele, continuei:

— Por que seu livro está fora de catálogo?

— Provavelmente porque não é muito bom — respondeu ele, e riu mais uma vez. — Não tenho formação como escritor. Eu só tinha essa história na cabeça e precisava colocá-la no papel. Foi como ser acometido por uma febre insistente, e o remédio era escrever. Não acreditei quando publicaram e, aliás, nem sei por que enviei o manuscrito para avaliação. Deve ter sido um surto duplo de insanidade: meu e do responsável por aquela editora obscura, que faliu logo depois de publicar meu livro. Vai entender. Só tiveram tempo de imprimir uma tiragem pequena. Graças a Deus.

Eu não estava entendendo, então voltei às perguntas que havia preparado.

— É verdade que o senhor compra todos os exemplares usados que aparecem na internet e os queima?

Ele riu.

— Eu nem tenho uma internet em casa.

O “uma internet” me fez acreditar nele. Sempre dá para saber quando os velhos não conhecem algo que foi mencionado, porque eles usam algum termo que não se encaixa naquele universo, quase como se tentassem vencer a tal novidade recusando-se a nomeá-la da forma correta. Chamo essa técnica de “vodu linguístico da terceira idade”.

Passei para a terceira pergunta.

— O que acontece com o Wrigley depois que ele sai do riacho?

— Quem disse que ele sai?

— *Então ele se afoga?*

— Não temos como saber.

— Por que não?

— Porque a história acaba.

— Você pode escrever a continuação.

— Não, não posso. Não há mais nada a ser escrito.

— Por que não?

— É assim que são as coisas. A história termina onde termina.

— Não estou entendendo.

— Está vendo aquela moça simpática que nos serviu café?

Olhei para trás, vi a moça alta do caixa com um rabo de cavalo castanho e um sorriso permanente no rosto, e assenti.

— Ela se chama Ruth. Você já a viu antes?

— Não — respondi.

As pessoas da minha idade não frequentavam aquele café.

— Talvez você nunca mais a veja.

— E...?

— Você só viu cinco minutos da história de Ruth. E é assim que são as coisas. Só que Ruth vai seguir sua vida mesmo se você não voltar a vê-la. Ela faz uma porção de coisas que algumas pessoas veem e outras não. A sua versão da história de Ruth serão os cinco minutos que você ficou aqui e foi atendida por ela. É assim que são as coisas.

— Entendi. Mas o que isso tem a ver com *O ceifador de chicletes*? Ruth é real. Wrigley é um personagem fictício.

— Não existe isso de personagem fictício.

— Como assim?

Ele tomou um gole de café e abriu um sorriso.

— Olha, eu escrevi esse livro há muito tempo. Você nem era nascida. É difícil lembrar o que eu pensava naquela época. Mal lembro o que comi hoje de manhã! Você me parece uma jovem inteligente. Não precisa que eu lhe explique nada.

Minha cabeça girava. Voltei a minha lista de perguntas.

— O que você quer dizer quando fala que Wrigley quer desistir? No livro. Ele fala isso toda hora. Desistir *de quê*?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você nunca teve vontade de largar alguma coisa que todo mundo faz você sentir que *precisa* continuar fazendo? Nunca teve vontade de... *parar*?

— Não sei... quer dizer... acho que sim — respondi, embora eu soubesse exatamente como era aquela sensação.

Um silêncio se instalou entre nós, como naqueles momentos em que de repente notamos as partículas de poeira dançando à nossa volta ao sol da tarde e nos perguntamos como não reparamos naquilo antes.

— Por que não falamos menos sobre minha carreira fracassada como romancista e mais sobre você? — sugeriu ele, enfim quebrando o silêncio. — Você se considera uma pessoa feliz?

Acho que ninguém nunca se dera ao trabalho de me fazer aquela pergunta.

— Como assim? — falei, tentando ganhar tempo para pensar em uma resposta inteligente.

Quando foi a última vez que alguém lhe perguntou se você era feliz e olhou no fundo de seus olhos, de um jeito que fez você sentir que a pessoa de fato estava interessada em saber?

— Você gosta de todas as suas atividades, de tudo que costuma fazer? — explicou ele.

— Tipo... se eu quero desistir de alguma coisa?

— Não é um crime admitir esse tipo de coisa. Não tem nenhum fiscal do Departamento de Atividades do FBI escondido atrás daquela planta. Nem da KGB. Temos liberdade de expressão neste país. Temos *liberdade*, pura e simples. E sei que você quer deixar para trás alguma coisa, já que se envolveu tanto com meu livrinho sem graça, que é, se bem me lembro, uma ode à nobre arte da desistência. Então, me diga: do que você gostaria de se ver livre, mais que tudo no mundo?

— Do futebol.

Minha resposta foi uma surpresa para mim mesma, embora fosse a mais pura verdade. Já fazia um bom tempo que eu odiava jogar futebol.

— Futebol. Muito bem. Agora sim estamos caminhando. Próxima pergunta: por quê?

— Não sei.

— Ah, aposto que sabe. Você é do time da escola?

Baixei os olhos, reparando nos grãos brancos de açúcar caídos na mesa.

— Capitã e artilheira.

— Então você é boa nisso, certo?

— Mais ou menos.

Na verdade, eu tinha sido aceita no time All-South Jersey, já recebera propostas de algumas universidades e fora abordada por olheiros algumas vezes. Só que eu não fazia questão de nada daquilo. Toda aquela atenção era constrangedora e só piorava a sensação de ser uma fraude.

— Aposto que ninguém nunca lhe disse esta verdade antes, então direi a você pelo preço de um cafezinho. — Ele tomou um gole e me encarou, para então declarar: — Só porque você é boa em determinada coisa não significa que precise fazê-la.

Ficamos apenas nos encarando por um segundo.

Ele sorria como se estivesse me revelando o segredo da vida.

Diga isso ao meu treinador e ao meu pai, pensei.

— Tive vontade de matar aquelas crianças que estavam mexendo com Ted Improdutivo. Depois, quis matar o pai do garoto, por jogar Wrigley no riacho. E olha que não sou uma pessoa do tipo violento. Nem deixo minha mãe botar ratoeiras em casa! Nunca recebi sequer um cartão de advertência em todos esses anos jogando futebol. Nem vermelho nem amarelo. Nunca quis matar nem um *inseto*. Nem erva daninha, aranha, nada. Mas você me fez sentir uma coisa tão intensa... O final do seu livro me deixou com uma raiva absurda!

Booker abriu um sorriso de compreensão extremamente triste. Ele se virou para a janela, o olhar perdido.

— Por favor, não me culpe por seu ódio. Ele estava aí dentro antes de você abrir *O ceifador*. Pode ter certeza. Está em todos nós. Precisamos, no mínimo, assumir a responsabilidade que nos cabe... principalmente pela parte desse ódio que deixamos escapar.

— Não estou insinuando que... — comecei, mas parei ao me dar conta de que estava, sim, o culpando.

— Você devia ler “A genialidade da multidão”, de Bukowski — sugeriu ele, voltando a olhar para mim. — É um poema que diz uma ou duas coisas importantes sobre o ódio.

— De quem?

— Do grande Charles Bukowski. Herói dos não conformistas e poetas operários do mundo todo.

Minha família não era operária, mas a parte dos *não conformistas* me atraiu.

Perguntei como se escrevia o sobrenome e digitei no celular. Acrescentei “A genialidade da multidão”. Mais tarde, li o poema e amei. Foi como colocar os óculos do grau certo depois de passar a vida dando de cara nas paredes. Naquelas linhas, Bukowski consegue resumir com precisão o que eu sentia havia anos, e de uma forma que faz parecer muito fácil.

— Tome cuidado com os poemas do Buk — advertiu Booker, naquele dia no café. — São intensos. E, por favor, não conte aos seus pais, nunca mesmo, que eu lhe recomendei poesia da contracultura, principalmente se eles forem do tipo careta, daqueles que fazem foto de família em estúdio. Acima de tudo, não diga nada sobre Buk se eles forem do tipo que usa suéteres idênticos na noite de Natal. Mesmo os pais de classe média não cristãos cafonas desprezam Bukowski, e, claro, é por isso que os jovens de classe média o amam.

— Como você adivinhou que eles fazem isso? — perguntei, chocada. — Meus pais, as fotos de família, as mesmas roupas no Natal...

— São hábitos muito comuns. As pessoas são lamentavelmente previsíveis. E eu sei de muitas coisas. É uma maldição. Outra coisa que eu sei: você não está fadada a ser igual aos seus pais. Você pode quebrar o ciclo. Pode ser quem você quiser. Mas vai pagar um preço por isso. Seus pais e outros ao seu redor vão puni-la caso escolha ser você mesma e não como eles. É o preço da sua liberdade. A gaiola está aberta, mas todo mundo tem muito medo de sair, porque quem tenta, leva uma pancada, e é uma pancada e tanto. Eles querem que você sinta medo, que fique na gaiola. No entanto, depois de alguns passos fora dali, eles não a alcançam mais, e por isso você já não leva mais pancada. Outro segredo: eles não vão atrás de você porque também têm medo. Eles amam as gaiolas.

Cheguei a abrir a boca para defender meus pais, porque são pessoas muito boas e eu não queria que Booker acreditasse que eles me agrediam, mesmo que metaforicamente. Não sei dizer por que não saiu nada da minha boca. Aquela tarde havia ganhado intensidade rápido demais.

— Você me parece uma jovem estranha e solitária, Nanette O'Hare. Eu sou um velho estranho e solitário. Pessoas estranhas e solitárias precisam umas das outras. Então, vamos direto ao ponto. — Ele sorriu. Tomou mais um gole de café. E disse as quatro palavras que mudariam minha vida para sempre: — Quer ser minha amiga?

Fiz que sim com uma empolgação meio excessiva, e fiquei chocada ao me descobrir emocionada.

— Olhe, eu jamais, sob hipótese alguma, falo sobre *O ceifador de chicletes* com meus amigos. Assim que oficializarmos nossa amizade, será o fim. Jamais falaremos sobre Wrigley, Ted Improdutivo, as gêmeas Patch nem nada do livro. *Entendido?*

Ainda restava uma pergunta na lista. Talvez para não cair no choro, perguntei:

— Então, antes de sermos amigos... Li na internet que você recebeu propostas de muitas editoras para relançar o livro e que rejeitou todas. É verdade?

— Sim.

— Por quê?

— Porque sou o detentor dos direitos autorais e posso fazer o que eu quiser com meu livro. E escolhi desistir de publicar. Tomei essa decisão há muito tempo. *O ceifador de chicletes* foi o maior erro que cometi na minha vida.

— Você desistiu... *como Wrigley?*

— Sim! Agora podemos encerrar esse papo literário e sermos amigos de uma vez? Amigos de verdade são melhores que livros! Melhores que peças de Shakespeare! Sempre! Quer dizer, os amigos falsos... bem, eu preferiria que uma Bíblia de ouro maciço rachasse minha cabeça ao meio a aguentar o envenenamento lento de uma falsa amizade!

Quando alguns clientes em volta olharam para nós, Booker fez uma careta para eles e, voltando-se novamente para mim, sorriu. Dei uma risada.

— Isso é só para me fazer parar de perguntar coisas sobre o livro?

— Não, é uma tentativa de deixá-lo para trás. O livro está lá... estagnado. Não muda nunca. Enquanto nós evoluímos como pessoas. Não sou mais o homem que escreveu aquele livro, vinte e tantos anos atrás. E você não será para sempre a garota apaixonada por Wrigley.

Fiquei vermelha, porque Booker tinha acertado: eu estava completamente apaixonada por Wrigley. Até havia começado a passear no lago, onde as tartarugas tomam banho de sol no verão, torcendo secretamente para que ele aparecesse por ali num passe de mágica — como se eu pudesse torná-lo real de tanto pensar nele, como fazemos ao ler ficção. Senti meu rosto queimar e resolvi mudar de assunto.

— Então, por que você aceitou me encontrar, se odeia tanto falar sobre seu livro?

— Eu adoro ser convidado para um café numa xícara de verdade, com pires e tudo, nada de sair pela rua com copos descartáveis — respondeu ele sem pestanejar. — Se quiser me pagar um bom café, encontro você toda semana para todo o sempre.

Sorri e preendi uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Como vai ser quando nos tornarmos amigos?

— Não temos como saber. Acho que só nos resta tentar, e depois descobrimos como nos saímos. Não existem garantias quando se trata de algo tão precioso quanto a amizade. É um negócio complicado.

— Você foi amigo do sr. Graves quando ele tinha a minha idade, não foi?

— Sim. Trocávamos cartas.

O sr. Graves era um dos poucos adultos que eu admirava. Eu queria repetir tudo que o fizera ser quem ele era.

— Tudo bem — decidi. — Somos amigos agora.

— Ótimo.

E foi isso.

Booker e eu viramos amigos.

Passamos a nos encontrar regularmente. Às vezes tomávamos café no e House, outras vezes conversávamos no jardim da casa dele, onde vivia sua tartaruga de estimação, chamada Dom Quixote, eternamente sentada entre dois moinhos de vento em miniatura equipados com carinha e braços e segurando uma espada, e Booker morria de rir toda vez que olhava para o bicho, ou seja, todo dia. No começo, nunca mencionávamos o livro, embora eu ainda o relesse sem parar. Mantive minha palavra. Só chamava Dom Quixote de “Ted Improdutivo” sem querer, o que deixava Booker irritado. “Não é esse o nome dele!”, gritava meu novo amigo sempre que eu tinha um lapso.

E se você é um daqueles céticos que pensam que um velho não pode ser amigo de uma adolescente sem algum tipo de interesse sexual oculto, vamos encerrar a caça às bruxas agora mesmo. Booker não podia ser mais como um avô. Jamais fez ou disse algo impróprio. Nunca houve nenhum tipo de situação suspeita entre nós. Eu o amava como amava caminhar descalça na grama do verão, como amava ter uma xícara quente nas mãos, como amava dirigir por uma estrada longa enquanto o sol descia no horizonte. Era uma simples amizade, saudável e reconfortante — ao menos no início.

5

Ele nunca contou a ninguém o que fiz

Era o horário de almoço de sempre, apenas o sr. Graves e eu na sala dele, com a diferença de que era Dia dos Namorados. Estávamos conversando sobre Booker. Tínhamos posicionado duas carteiras de um modo que nos permitia observar, lá fora, um bando de pássaros empoleirados na fiação. Ríamos e trocávamos opiniões como velhos amigos. Nós dois nos viramos ao mesmo tempo para dizer algo. Seu rosto de repente estava muito próximo — cheguei a sentir o cheiro de loção pós-barba e a ver em seu pescoço alguns pontos machucados pela lâmina, logo abaixo do maxilar —, e, quando ergui o olhar, me vi tomada por uma eletricidade súbita.

Não foi planejado o que fiz em seguida.

Ali terminou o que havia entre nós. E tenho certeza de que foi o que o levou a parar de dar aulas no fim daquele ano.

Meio que aconteceu naturalmente, como quando a gente vê uma aranha subindo a parede do quarto e sente um arrepio automático. Ou quando a gente se depara com pornografia na internet pela primeira vez e a pele formiga e a gente quer parar de olhar, mas não consegue, e em vez disso acaba abrindo um monte de links.

Cliquei no link do sr. Graves sem permissão.

Eu jamais deveria ter feito aquilo. Não sei explicar o que aconteceu, mas sofri as consequências. Nunca vou me perdoar. O pior é que eu sabia que estava estragando tudo, mas mesmo assim não parei. Ele desviou o rosto no último segundo possível, e meu beijo pousou na bochecha. O sr. Graves ficou vermelho e afastou minha mão de seu pescoço.

— *O que você está fazendo?* — perguntou ele num sussurro.

Tentei, com um sorriso, demonstrar que eu podia guardar o segredo.

— Você não pode fazer isso! — gritou ele. — *Jamais!* Está entendendo, Nanette? Você ultrapassou os limites.

Aquelas palavras foram como um tapa na cara. De repente, me senti uma idiota. Quando comecei a chorar, não consegui mais parar. Chorei de soluçar. Ele chamou a enfermeira de plantão no colégio, uma mulher que eu nem conhecia. Ela apareceu e me levou à enfermaria, onde passei o resto do dia deitada num leito cercado por uma cortina branca e me sentindo culpada. Aleguei cólica, e ela não fez mais perguntas.

No dia seguinte, na hora do almoço, a sala do sr. Graves estava trancada e com as luzes apagadas. Espiei pelo pequeno retângulo de vidro e não vi ninguém lá dentro. Minha investida o havia empurrado para a temida sala dos professores, que ele sempre dizia detestar. “Alguns professores são ainda piores que os alunos em fazer os colegas se sentirem péssimos.” Ele nunca contou a ninguém o que fiz (pelo menos nunca fui chamada ao gabinete do diretor), e não se falou mais sobre o assunto.

Ele sequer olhava para mim durante as aulas, até que, um dia, me transferiram de turma. Meu orientador, o sr. Bryant, não me explicou o motivo, mas sua rigidez e seu constrangimento quando falava comigo faziam com que eu me sentisse Abigail Williams em *As bruxas de Salem*.

Depois de passado um tempo, fui à sala do sr. Graves entre uma aula e outra e, parada à porta, perguntei se podíamos conversar. Com uma voz fria e distante, ele me respondeu que poderíamos nos reunir na sala do sr. Bryant, na presença dele, e foi quando eu soube que nunca mais repetiria aqueles almoços com meu professor preferido, que o que tivéramos um dia estava morto e enterrado para sempre.

E eu estava certa.

6

Um catálogo atualizado constantemente com as novas tendências

Meus pais não eram pessoas ruins, pelo menos de acordo com os atuais padrões americanos. Eles me alimentavam; compravam roupas nas lojas mais caras, para que eu me vestisse como todo o pessoal que tinha dinheiro na minha escola; faziam questão de morar próximo às melhores escolas do estado e até mesmo do país. Nunca me maltrataram de modo algum e sempre me incentivaram a fazer o que achavam que fosse do meu interesse, e é aí que reside o grande problema. Eu não queria mais ser a filha que era. Só que nunca falei isso para ninguém.

Minha mãe trabalhava com decoração de interiores. Era uma mulher ainda bem bonita e vivia renovando o guarda-roupa; íamos ao shopping pelo menos duas vezes por semana. Durante o ensino médio, era uma tradição nossa sair todo domingo para algum programa de mãe e filha. Comíamos um *brunch* na cidade e depois víamos um filme ou fazíamos mais compras. Eu gostava daqueles momentos. De verdade. Até que de uma hora para outra ela começou a aproveitar essas ocasiões para fazer confissões, como se fôssemos irmãs ou amigas, não mãe e filha. Lembro que uma vez estávamos sentadas junto à janela no último andar do sofisticado hotel Bellevue tomando mimosas (minha mãe dava ótimas gorjetas, o que evitava perguntas quando ela pedia duas bebidas, embora eu obviamente fosse menor de idade) e ela disse:

— Você às vezes não se incomoda com o jeito de seu pai comer?

— Como assim?

— Ele mastiga e respira pela boca ao mesmo tempo, dá para ver tudo lá dentro. Parece uma vaca ruminando. Até em restaurantes ele faz isso. Já tentei

falar sobre o assunto para poupá-lo da vergonha, e agora ele surta toda vez que uso a palavra *mastigar*.

Vasculhei a memória, mas não encontrei uma única ocasião em que os modos do meu pai à mesa tivessem me incomodado, assim como não me lembrei de um só momento em que minha mãe houvesse abordado a questão diretamente, embora jantássemos juntos todas as noites, como uma verdadeira família. Foi nesse dia que reparei que meus pais tinham uma vida secreta, independente de mim — que eles brigavam quando eu não estava olhando ou talvez discutissem aos sussurros no quarto e depois, na minha frente, fingissem que estava tudo bem. Entendi que aquele papo de mastigação seria um ponto sem volta para mim. Talvez vocês me achem burra por demorar tanto tempo para entender que meus pais não se amavam mais, mas sempre acreditei que eles fossem exatamente quem aparentavam ser. Por que eu pensaria de outra forma?

A partir daquele dia, comecei a reparar outras coisas em minha mãe. Por exemplo, ela podia estar no pior dos humores, reclamando de tudo na vida pelos corredores do supermercado, mas era só esbarrar em uma de suas clientes na seção de cereais e seu comportamento mudava por completo. “Fulaaaaana!”, ela cantarolava, como se do nada tivesse sido transportada para um musical. Um sorriso brotava em seu rosto, os olhos se abriam tanto que pareciam prestes a saltar das órbitas. Minha mãe sempre começava perguntando escandalosamente sobre a família da mulher, depois relatava, num sussurro conspiratório, alguma tragédia pessoal de um conhecido (um diagnóstico médico negativo que alguém recebera, algum marido alcoólatra, algum vizinho que a mulher odiava), para enfim introduzir o assunto de algum projeto de reforma que “precisa ser feito imediatamente se você quiser manter o valor de revenda do seu imóvel, porque, afinal, *reformular é o melhor investimento a fazer em seu maior investimento*”. Minha mãe sempre falava que a casa era a posse mais importante de uma família, mas que mesmo assim pouco se investia em renovações estéticas. “Ridículo!”, gritava ela quando estávamos a sós. “Uma estupidez!”

Eu me lembro bem de uma vez em que isso aconteceu na praça de alimentação do shopping. Encontramos a sra. Shaeffer com a filha, Rebecca, que era da minha turma, mas que ninguém conhecia muito bem, porque ela sofria de um tipo severo de asma e vivia faltando. Se aparecia na escola sete vezes por ano, era muito. Minha mãe fez um milhão de perguntas a Rebecca

sobre sua saúde, insistindo tanto no assunto que comecei a me sentir mal, porque a garota obviamente não queria falar sobre aquilo. Lembro que Rebecca aspirava o inalador a cada resposta, embora não parecesse lhe faltar ar. O estranho era que a sra. Shaeffer acompanhava toda a conversa com um olhar de amor absoluto por minha mãe, simplesmente por vê-la expressar preocupação com a menina. Talvez ninguém nunca falasse com Rebecca, sei lá. Assim que terminou o interrogatório, minha mãe entrou em ação.

— Então, está pronta para resgatar aquela cozinha azul-desinfetante dos anos 1970 direto para o século XXI? É um investimento que você vai recuperar em dobro quando vender o imóvel. Eu garanto. Retorno garantido.

A sra. Shaeffer não parecia muito interessada em reformar a cozinha nem em vender a casa, mas não queria decepcionar minha mãe. Na hora, senti como se ela estivesse extorquindo a mulher, tentando arrancar dela uma grana preta por algo que dificilmente seria uma prioridade. Aquela foi a primeira vez que realmente desgostei da minha mãe. Eu a odiei um pouco naquele dia, embora soubesse que aquele era seu trabalho e que persuadir as pessoas a reformar a casa era o que nos permitia levar o estilo de vida de que a gente tanto gostava — só que no fundo eu não gostava tanto assim do “nosso estilo de vida”, e estava começando a achar que meus pais também não.

Quando nos despedimos da sra. Shaeffer e sua filha, minha mãe olhou para trás, para ter certeza de que não nos ouviriam, e disse:

— Se a garota está tão doente que não pode ir à escola, como pode estar no shopping caindo de boca num frango xadrez? É revoltante que ela deixe a filha engordar tanto e jogue a culpa na asma. Muitas coisas na vida têm origem na nossa saúde mental, Nanette. Anote o que digo. Fico feliz que eu não precise me preocupar com isso em você. *Nem com sua aparência.* Temos tanta sorte!

— Por que você insistiu daquele jeito para a sra. Shaeffer reformar a cozinha? — perguntei, mas me arrependi no instante seguinte, por medo de que ela se sentisse atacada.

Minha mãe respondeu prontamente:

— Eu levo beleza, classe e estilo ao lar de mulheres comuns, que não têm outros atrativos. Elevo a autoestima delas. Sabia que estudos comprovam que até a vida sexual dos casais melhora após uma reforma na casa? É verdade.

Estava claro que minha mãe acreditava totalmente naquilo e que agora tentava me convencer, então não falei mais nada, embora no fundo quisesse morar numa casa velha e antiquada que realmente tivesse vida e fosse cheia de

mistério, história e magia — o oposto da nossa, em que eu me sentia num catálogo atualizado constantemente com as novas tendências. E não queria nem imaginar os efeitos daquilo sobre o que meus pais faziam entre quatro paredes.

Meu pai trabalha com alguma coisa relacionada ao mercado de ações, mas não sei exatamente o quê. Ele fala sobre as oscilações da economia de outros países como as pessoas falam do tempo, e tenho a impressão de que a “economia global” é só mais uma história sem fim que os adultos contam para si mesmos. Entendo o princípio básico do mercado de ações, que é “compre em baixa e venda em alta”, mas só isso, embora meu pai já tenha tentado algumas vezes despertar meu interesse pelo meu portfólio de investimentos.

Comecei a jogar futebol aos cinco anos. Todas as meninas do meu bairro faziam parte de um time chamado Dragões do Arco-Íris. Eu gostava de sentir o cheirinho da grama, de ficar ao ar livre e de comer laranja no intervalo da partida. Era legal porque todo mundo assistia, e eu me divertia chutando a bola o mais forte que conseguia. Eu chutava com mais precisão do que as outras meninas, então acabava marcando quase todos os gols. Passei a correr mais rápido também, e não tinha medo de cabecear, mesmo quando o treinador jogava a bola bem alto e todo mundo saía correndo. Eu sempre corria *na direção* da bola e a cabeceava sem esperar que caísse em mim.

Então, meu pai criou uma brincadeira em que ele investia cem dólares no meu portfólio a cada chute a gol que eu tentasse. Quando eu era pequena, não fazia ideia do que era dinheiro, ações, nada, mas meu pai ficava maluco toda vez que eu marcava um gol. Ele se acabava de gritar e só faltava dar cambalhotas. Eu ria, porque me surpreendia: era muito raro meu pai sorrir, muito menos gritar e fazer dancinhas.

Eu gostava de vê-lo se soltar daquele jeito.

Sempre que eu fazia gol em alguma partida, a gente se sentava na frente do computador à noite, transferia o dinheiro da conta dele e aplicava na bolsa o que eu havia ganhado com os gols. Eu não me importava muito com as ações em si, principalmente porque não podia retirar nenhuma quantia e gastar, então que graça teria? Gostava de ficar sentada no colo dele e ouvi-lo falar com entusiasmo sobre dinheiro. Algumas crianças brincam de Jogo da Vida ou Macaco Equilibrista com os pais; eu brincava de Dow Jones e Nasdaq. Era assim que eram as coisas.

Meu pai trabalhava muito. À exceção de nossos jantares, eu só o encontrava nos dias de jogo, ou quando ele me chamava até o escritório para investir o dinheiro que eu ganhava com os gols. Como eu amava meu pai, tentava marcar o máximo de gols só para manter nossa relação viva.

Seria horrível dizer tudo isso

Fizemos algumas viagens em família pelo país para conhecer universidades. Uma das coisas que me incomodaram foi eles terem planejado tudo sem nem me perguntar se eu pretendia fazer faculdade. Simplesmente deduziram que sim. Naquela época, eu realmente achava que seguiria para uma universidade, mas mesmo assim fiquei um pouco chateada por não terem me consultado.

Conversei com Booker sobre isso uma vez na casa dele, sentada no sofá xadrez pinicante que parecia feito de calças de idosos.

— É o início da luta, camarada. Tudo começa agora. Você terá que fazer algumas escolhas da vida adulta.

— Quais escolhas?

— Que tipo de pessoa você vai ser?

— Quais tipos existem?

— Não se faça de boba comigo. Você sabe muito bem que existem dois tipos.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Bem, existem pessoas que dizem ter certeza sobre a existência de certos tipos de pessoas e tentam ser um tipo ou outro. E tem o resto, que diz que é tudo bobagem e se recusa a ser enfiado em categorias tão ridiculamente limitadas.

— Qual deles você é?

— Ah, eu não acredito em tipos.

— Mas você acabou de dizer que existem dois tipos!

— As que acreditam em tipos e as que não acreditam.

— Você está dando um nó na minha cabeça!

— Bobagem!

— O quê? — Comecei a rir.

— A questão, Jovem Nanette, é não se prender a um tipo como se fossem algemas.

Mesmo mais tarde, quando estava no carro a caminho da minha primeira visita “não oficial” a uma universidade, eu não conseguia deixar de me sentir como se estivesse de fato algemada, colocada à venda no mercado. Aquelas universidades queriam meus pés, meus pulmões, minhas coxas, minhas canelas, minha barriga e minha testa, e queriam que eu suasse por elas, que corresse atrás de uma bola num gramado e fizesse de tudo para marcar gols. Parecia uma coisa meio selvagem, descrevendo daquele jeito puramente objetivo. Havia um leilão em andamento, e era meu corpo de artilheira que estava à venda.

Meus pais falavam sem parar sobre meu futuro: todos os cursos que eu poderia escolher, os lugares que eu conheceria se jogasse para esse ou aquele time, e que alguns participavam de campeonatos internacionais na Europa e na América do Sul, e todos os benefícios vitalícios de pertencer a determinadas associações daquelas instituições.

Eu insistia em me censurar por pensar em tantas garotas da minha idade pelo mundo que não tinham o que comer nem acesso a água tratada e ali estava eu, me sentindo prisioneira em um carro de luxo, a caminho das melhores universidades do país interessadas em me proporcionar formação acadêmica sem custo.

Me comparando a um escravo.

Sério?

Eu não parava de me censurar por ser ingrata, mas mesmo assim não conseguia ignorar a sensação de que aquilo tudo era uma espécie de armadilha.

Eu sabia que era privilegiada, mas de que valia ter tantos privilégios se não podia fazer minhas próprias escolhas? Era um privilégio passar a vida inteira nutrindo infelicidade por dentro?

Durante as visitas, quando conversávamos com os responsáveis pela seleção, técnicos e jogadores, eu ficava quieta a maior parte do tempo, como uma observadora, enquanto meus pais tratavam da minha vida como se eu não estivesse ali. Às vezes eles até diziam um “Não é mesmo, Nanette?”, e dava para ver que eles queriam que eu participasse mais e fingisse um grande interesse por ficar de conversa com um monte de estranhos, mas eu não achava a paisagem tão bonita quanto eles achavam, tampouco apreciava a “história viva” impressa

na arquitetura das construções. Também não achava estimulante a grade de disciplinas, a abordagem dos treinadores não me impressionava, minhas potenciais colegas de time não me pareciam tão agradáveis quanto pareciam aos meus pais. Eu sabia que seria horrível dizer tudo isso, então não disse nada. Apenas sorri e assenti, até dar câibra nos músculos do rosto e do pescoço.

Meus pais não desistiam de perguntar o que eu achava, mas continuei evasiva.

— Não sei... São muitas coisas a pensar...

No carro, assim que terminamos nosso tour, meu pai resolveu fazer uma declaração.

— Bem, depois de visitar cinco universidades que praticamente lhe garantiram uma bolsa no ano que vem, acho que não tem como você fazer uma escolha ruim.

— Tenho inveja de você — acrescentou minha mãe.

Fiquei olhando pela janela e mordi a língua até começar a sangrar.

Dando um empurrãozinho

Um dia, na primeira semana de agosto, pouco antes de eu começar o último ano, Booker do nada comentou comigo que conhecia outra professora de uma outra escola, a meia hora dali.

— Só mais uma adolescente solitária que leu meu livro na hora certa, me escreveu e virou professora de literatura.

Perguntei se ele tinha fãs no corpo docente de todos os colégios dos país.

Ele sorriu.

— Existem muitos adolescentes solitários no mundo, eles só não se conhecem. Se essa garotada se unisse, muitas coisas boas aconteceriam, mas o mundo tem muito medo de que os solitários se unam, por isso faz o que pode para impedi-los.

— Por quê?

— Porque os solitários muitas vezes têm boas ideias, mas não têm apoio. As pessoas que contam com apoio têm muitas ideias ruins, mas têm poder. E poder não é algo de que se abra mão. Ninguém abdica do poder, não importa se tenha ideias boas ou ruins. Pelo menos não sem uma luta bem sangrenta, e geralmente jogando sujo. Outro problema é que as pessoas solitárias não costumam tolerar traição. Elas tendem a dizer a verdade e a jogar limpo. Por isso, precisamos de arte, música e poesia, que lutam por nós. — Booker parou por um instante, com um sorriso de quem sabe das coisas, e continuou: — Acho que você precisa conhecer um garoto que tem me enviado uns poemas. Gosto do que ele escreve. Vocês se dariam bem. Ele se apresenta como Pequeno Lex. Foi aluno dessa professora que mencionei. Ela deu a esse rapaz um exemplar do meu livro, assim como Jared Graves deu a você, e Lex também ficou obcecado por Wrigley. Já é uma coisa em comum entre vocês.

— Está querendo me arranjar um namorado? Você sabe que eu nunca namorei ninguém.

— Ele é bom na poesia. Me lembra você.

— Como assim? Eu não escrevo poemas.

— Bom, eu gosto bastante dele. E gosto bastante de você. Tem tudo a ver!

— Como ele é?

— Fisicamente? Que diferença faz?

— Muita!

— Hum, me deixe pensar. Ele tem três cabeças, sete olhos, um nariz, uma língua bifurcada, escamas pelo corpo, um rabo e...

— Não! Sério.

— Não sei. Nunca o encontrei e nem vi fotos. Mas ele vem jantar aqui em casa este sábado, e você vem também. Contei a ele tudo sobre minha Nanette. Sinto que vocês vão acabar se casando e tendo filhos.

— Pode parar! Não acredito que você está armando um encontro às escuras para mim!

— É só um jantar. Não exagere. Vamos comer, tomar um café, bater um papo. Talvez Lex leia para você um dos poemas dele. Não custa nada! Por que rotular o evento como um encontro? Por que não pode ser apenas uma conversa entre amigos?

Claro, só que ficou óbvio que eu tinha sido ludibriada assim que cheguei à casa de Booker naquele sábado à noite. Velas tremeluziam na mesa de jantar, uma música clássica de som áspero tocava no antigo toca-discos que parecia ter algumas décadas a mais que eu, e um arranjo de morangos cobertos de chocolate fazia as vezes de decoração de centro. Um garoto louro muito grande, de mãos enormes e cabelo na altura dos ombros estava sentado à cabeceira da mesa estalando os dedos sem parar. Não sei por que isso me transmitiu confiança.

Booker me conduziu com o braço sobre meus ombros.

— Nanette, este é o Pequeno Lex. Pequeno Lex, esta aqui é Nanette. Fiquem à vontade enquanto preparo nosso banquete.

Assim que Booker saiu da sala, Pequeno Lex me deu um oi de trás da cortina de cabelo.

Eu me sentei.

— Olha, não sei o que Booker disse, mas...

— Não se preocupe — retrucou ele. — Eu sei que não tenho chance.

— Como assim?

Ele deu de ombros e desviou o olhar para a janela.

— Você gosta do Buk? — perguntei, e aponte para a camiseta dele, que exibia em preto e branco a cabeça de um Bukowski meio lobisomem gritando para um copo de plástico cheio de vinho tinto.

Lex olhou para o rosto do velho poeta.

— Adoro.

— E você manda poemas seus para Booker?

— Sim.

— Legal. Então você é oficialmente um poeta?

— Booker vem tentando me fazer driblar os rótulos.

— Comigo também.

Dei uma olhada em volta, observando a sala sem interesse. O Pequeno Lex batia o pé no chão muito rápido, com seu All-Star preto.

— Você leu *O ceifador de chicletes*, não foi? — perguntei.

— Claro.

— Lena atch.

— O que tem ela?

— Você batendo o pé, igual a ela. Na cena do refeitório, em que Wrigley a observa. A gêmea certa. É Lena, não é?

— Pode ser Stella — respondeu Pequeno Lex, me encarando pela primeira vez.

— Por que você acha isso?

— Bem, é o seguinte — começou ele, e se pôs a contar algumas de suas teorias.

Conversamos sobre *O ceifador de chicletes* por uma boa meia hora. Logo percebi que o Pequeno Lex havia memorizado as mesmas frases que eu e que a experiência dele com o livro de Booker tinha sido igual à minha. As únicas diferenças eram que o exemplar que ele ganhara da tal professora era xerocado, e divergíamos quanto ao amor verdadeiro de Wrigley: ele votava em Stella, e eu, em Lena. Em algum momento, reparei que estava me divertindo bastante, que o tempo passava voando como pelicanos sobrevoando o mar quando estamos deitados na areia num dia de verão. Nos últimos oito meses, eu conhecera o maravilhoso e incrível mundo de *O ceifador de chicletes*, mas sem companhia para percorrê-lo, porque eu não conhecia ninguém que tivesse lido meu novo livro preferido — apenas o próprio autor, que vetara o assunto entre

nós, e o sr. Graves, que já não fazia parte da minha vida. Naquela noite, ao compartilhar aquele mundo com Pequeno Lex, me senti revivendo a experiência de ler *O ceifador* pela primeira vez, agora por outros olhos.

— Na primeira vez que li — disse Pequeno Lex —, quando cheguei ao final e à cena em que Wrigley diz que entende Ted Improdutivo e que vai desistir, quando ele fica boiando no riacho... Foi ali que tudo se encaixou.

— Como assim? — perguntei.

— Eu percebi que podia desistir.

— Desistir do quê?

Bem nessa hora, Booker voltou à sala trazendo um enorme refratário de espaguete com cogumelos e espinafre.

— *Macarronada!* — exclamou ele, fingindo sotaque italiano, e começou a distribuir nos pratos sua criação, só se sentando depois de terminar de servir. — Acho que ouvi uma conversa sobre certo assunto que foi censurado nesta casa.

Pequeno Lex e eu nos entreolhamos.

— Chega disso — disse Booker. — Pequeno Lex, por que não lê um pouco da sua poesia tão radical, transformadora e intensa?

— Agora? — reagiu ele, ficando vermelho.

— Ah, Pequeno Lex é muito modesto — disse Booker, dirigindo-se a mim. — Afinal, ele trouxe o caderno, tenho certeza de que está cheio de poemas. Ele mal pode esperar. O poeta precisa cantar!

— Você me *obrigou* a trazer os poemas. Disse que eu não ia entrar sem eles! — retrucou Pequeno Lex.

— Nanette, você não gostaria de ouvir um pouco da poesia do Pequeno Lex?

— Sim, mas, por favor, não se sinta pressionado.

— Tiro uma cópia mais tarde, e aí ela lê depois. Tudo bem? — sugeriu ele a Booker.

— A obra é *sua* — respondeu Booker. — Ninguém pode lhe dizer o que fazer com sua arte.

— Sua professora ainda dá aula? — tentei, para fugir ao constrangimento. Booker estava forçando uma situação que não agradava nem a Pequeno Lex nem a mim.

— Quem?

— A que deu meu livro para você — esclareceu Booker.

— Ah, sim. Ela ainda dá aula.

— Sorte sua — falei.

— Você não tem mais aula com aquele seu professor que lhe deu o livro que não deve ser mencionado?

— Não. Eu o assustei — surpreendi a mim mesma em dizer.

— O que você fez?

— Não sei — menti, só então percebendo como era desconfortável aquele caminho em que eu tinha escolhido conduzir a conversa. Lex franziu a testa e inclinou a cabeça, sem entender. — Brincadeira.

— Gostaram da comida? — perguntou Booker, mudando o assunto mais uma vez, para me salvar.

Pequeno Lex e eu nos rasgamos em elogios à refeição, embora estivesse fria e insossa. Ficamos empurrando o macarrão no prato e comemos só o pão, que estava quente, crocante e besuntado de manteiga. Então Booker foi para a cozinha lavar a louça, deixando Lex e eu com pequenas xícaras de café espresso à nossa frente, e as luzes estavam baixas, e os morangos com chocolate estavam na nossa barriga.

— Quer dizer que você e Booker estão sempre juntos? — perguntou Pequeno Lex.

— Ele é como o avô que eu nunca tive. Quer dizer, na verdade ainda tenho meus avôs, mas nunca encontro nenhum dos dois. E você e Booker?

— Ele sempre me escreve. Tenho cento e quatro cartas em casa, guardadas numa caixa de sapato. Se eu juntasse tudo, daria para formar um segundo romance. Mas fui proibido de mostrá-las a alguém, é claro. Ele disse que eu “teria uma morte lenta e dolorosa se um dia quebrasse minha promessa sagrada”. Não duvido, ainda mais depois que ele me mandou fotos da sua coleção secreta de espadas samurai.

Nós dois rimos.

— Minha professora me deu o livro depois de umas coisas chatas que aconteceram.

Para não interrompê-lo, fiz uma nota mental para perguntar o que tinham sido as coisas chatas. A cafeína estava fazendo Lex falar mais e mais rápido.

— Quando fui comentar que tinha gostado, ela me disse para escrever para Booker, e a partir daí passamos a trocar cartas quase toda semana. — Ele olhou de relance para a porta da cozinha e baixou a voz para continuar: — Fiquei meio receoso no início, com medo de que ele quisesse alguma coisa, porque

que graça tem perder tempo escrevendo para um garoto como eu? Se bem que eu nem sabia o que ele poderia querer. Hoje em dia, acho que Booker é só um velho que se sente muito sozinho. Talvez não fizesse diferença quem estava escrevendo, ele ia se corresponder com qualquer um que o procurasse se dizendo um fã.

— Ele realmente se sente sozinho — concordei, baixando a voz também —, mas não acho que escreveria para muitas pessoas. Acho que ele só se interessa por aqueles que são como Wrigley e a gêmea que fala com tartarugas.

— Pode ser.

Lex era um cara grandão e pesado, além de um pouco curvado, mas nada disso o tornava desengonçado. Tinha um cabelo grosso e bonito, olhos brilhantes e um sorriso simpático. O que mais me agradou nele era que ele parecia não se importar em tentar provar nada para ninguém; sem presunção.

— Então. Por que chamam você de Pequeno Lex? — perguntei casualmente, mesmo achando que já sabia a resposta.

Ele fez uma careta como se tivesse acabado de botar algo azedo na boca.

— Não é uma história muito alegre.

— Conta.

— Quer mesmo saber?

Ele abriu a pasta de couro que trazia consigo e pegou um caderno velho e uma folha de papel vegetal. Começou a fazer traços furiosos no papel, o lápis dançando veloz por alguns minutos, a expressão dele carregada às vezes, enquanto eu apenas observava e tentava adivinhar aonde ele ia chegar com aquilo. Por fim, ele dobrou em oito o papel vegetal e me deu.

— Um poema? — perguntei.

— É. Não leia na minha frente, está bem? Não mostrei esse nem a Booker ainda. Ele queria que eu lesse um pouco de poesia para você hoje, mas eu... Não dá.

Aceitei o papel e o guardei no bolso.

— Por que será que Booker armou esse encontro entre a gente?

— Não sei. Eu não pedi nada disso, só queria conhecê-lo, depois de tantas cartas.

— Então é verdade que vocês estão se encontrando hoje pela primeira vez?

— É. Eu já tinha tentado marcar alguma coisa antes, mas Booker dizia que nossa amizade era “pura”, porque era só através das palavras, e que se a gente se visse, colocaríamos isso em risco, mas isso só me fazia ter ainda mais vontade

de conhecê-lo. Sem contar que acabei de tirar carteira de motorista e ganhei um carro, então é a primeira vez que posso sair por minha conta, sem ter que pedir para meu pai me trazer. E você sabe que Booker não dirige.

— Por que você não queria vir com seu pai?

— Só quero manter esses dois mundos separados, acho.

Eu entendia perfeitamente. Booker estava se tornando um vício, porque era a única hora do dia em que eu sentia que podia ser eu mesma. Ou talvez por saber que havia no mundo uma pessoa que não tinha a intenção de fazer de mim algo que eu não queria ser, de me fazer agir de certo modo ou atender a tudo que me impunham. Eu também não falava sobre Booker com meus pais, por medo de que eles o contaminassem com seus planos para o meu futuro — com o ideal que tinham de quem eu deveria ser. Quando eu o encontrava, geralmente meus pais pensavam que eu estava com minhas colegas de time.

— Você não acha estranho Booker ter armado esse encontro para nós dois e a gente não ter se irritado nem se chateado? Não achei ruim. E você? Bom, você pode estar disfarçando bem, mas me pareceu bem tranquilo até agora.

Ele hesitou por alguns segundos, como se eu o tivesse surpreendido, e o que me disse em seguida foi ao mesmo tempo maravilhoso e triste:

— Sinceramente? É a melhor noite que tenho em muito tempo. Talvez a melhor da minha vida.

— Sério?

Ele assentiu com um entusiasmo meio excessivo, e naquele momento vi o rosto de criança ainda escondido atrás do cabelo comprido e da leve barba, mas ele fez isso de um jeito fofo, e de repente me dei conta de que, também para mim, talvez fosse a melhor noite em muitos anos.

Conversamos um pouco mais enquanto tomávamos café, depois nos “retiramos” para a sala de estar. Jogamos uma partida de Scrabble, que Booker venceu por uns bons trinta pontos, graças à palavra *qi* utilizada em uma casa de bônus triplo. Booker provocou a gente o tempo todo, mas não nos importamos muito em perder.

Quando terminamos de jogar, Booker e eu acompanhamos Lex até o carro dele (um Jeep novinho, com capota conversível) e nos despedimos constrangidos, ainda mais depois do comentário de Booker:

— Nada de beijar no primeiro encontro! Tenho uma espingarda lá dentro! Abro um buraco do tamanho de uma bola de boliche na sua barriga se não a tratar direito!

Lex ficou branco, não porque acreditasse na ameaça, mas porque nosso ídolo estava falando da nossa libido adolescente antes mesmo que a gente fizesse alguma coisa do tipo. Ele entrou no carro e foi embora sem dizer mais nada.

— O que você está fazendo? — perguntei a Booker. — Por que humilhou a gente desse jeito?

— Só estou dando um empurrãozinho. A vida é curta! Você devia ler “Annus Mirabilis”, um poema de Philip Larkin. Vai me agradecer por isso um dia.

— Hein?

— E quando ler esse poema aí no seu bolso, vai ficar encantada. O garoto tem talento. E um coração e tanto.

— Você ficou ouvindo escondido o tempo todo?

— Claro!

— Seu velho maluco.

— São os melhores!

Naquela noite, já no meu quarto impecavelmente decorado por minha mãe, com paredes verde-pistache em que não posso tocar um dedo, abri o papel.

Para se livrar dos canhões

PEQUENO LEX
de Alex Redmer

*“Chame-o de PEQUENO”, disse um deles, “pois pequeno ele não é”
E assim o chamaram, PEQUENO Lex
E ele era gordo e roliço, era baixo e assustado
Como um meteorito caído dos céus
Perguntando-se onde tinha aterrissado, e por quê
Mas não encontrava resposta enquanto ficava gelado
E ele se contorcia quando o chamavam de PEQUENO
E vomitava no banheiro do vestiário
Eles roubavam sua camisa e o chicoteavam com as deles
E era punido
Porque chegava atrasado à aula
Porque não tinha camisa
Por não ser PEQUENO
E ele perguntou ao pai por quê
Mas o pai não soube dizer
E os professores não queriam saber
Porque eles recompensavam os que inventavam nomes cruéis.
Para aqueles que os professores nunca recompensavam
E seguiu sendo assim
E seguiu e seguiu e seguiu e seguiu e seguiu e seguiu
Então Pequeno Lex ficou alto como um carvalho,
Ou um foguete*

*E já não era mais redondo, e sim retangular
E suas mãos, pesadas como canhões
E seus punhos podiam apagar as luzes
Dos olhos de quem o xingava, e foi o que aconteceu
Mais de uma vez
Tão fácil quanto apagar uma vela
Depois de lamber os dedos
Surgiu sangue
Depois, surgiram advogados
E convocou-se uma reunião
E todos concordaram
O nome PEQUENO Lex
Seria banido
Assim como suas mãos de canhão
Então chamou a si mesmo de PEQUENO Lex
E não aceitou ser chamado
Por qualquer outro apelido
Mesmo quando não queriam usar o
Nome PEQUENO
Ele forçava
Os professores
Os pais
O diretor
Todos
Dizia: “Me chame de PEQUENO, senão...!”
E eles obedeciam
Só para se livrar dos canhões
Para manter o sangue no lugar certo
Dentro do corpo dos xingadores
E ele ficou feliz por ter uma opção
E ele não tinha mais medo
E ninguém roubava sua camisa
Ou cutucava sua barriga mole com um dedo ossudo
Ou o punia injustamente
Ou ria quando o chamavam de PEQUENO
Mas ele se sentia só*

Mesmo que não muito
Porque sentia falta do velho Alex
— SIMPLEMENTE ALEX
Que nunca tinha machucado ninguém

Vamos deixar o celular carregando e dormir juntos

No fim do poema havia o endereço e o número de telefone de Alex.

Começamos a trocar mensagens cinco minutos depois que terminei de ler “PEQUENO Lex”, e logo passamos para chamadas em vídeo, nós dois com o celular debaixo da coberta, nosso rosto iluminado pela tela do aparelho como se estivéssemos numa barraca de camping com uma lanterna.

Falamos sobre o poema.

Falamos sobre *O ceifador de chicletes*.

Falamos sobre Booker.

Falamos até sobre nossos pais, sobre as pessoas com quem convivíamos no colégio e sobre como nos sentíamos meio perdidos — e era incrível poder me abrir com alguém da minha idade, alguém que conhecia “a grande e invisível solidão” da qual tratava o romance de Booker.

Mencionei o tal “Annus Mirabilis”.

— Significa “ano miraculoso” em latim.

— Como você sabe isso? Você tem aula de latim?

— Não. Pesquisei quando conheci esse poema. Quer que eu leia para você?

Vou só pegar o livro.

Ele leu com uma voz muito séria.

É sobre sexo.

Quando ele terminou, ficamos num silêncio meio prolongado demais, até darmos uns risos para quebrar o constrangimento.

O poema menciona a “proibição de Chatterley”, que pesquisamos no Google, chegando a D. H. Lawrence e à controvérsia a respeito de um livro dele, *O amante de lady Chatterley*, que aparentemente foi proibido de circular por conter pornografia — embora a sinopse não prometa nada interessante, se

julgarmos pelos padrões de hoje em dia. Segundo alguns sites, esse livro fala que precisamos ter algumas experiências sexuais marcantes para sentirmos que vivemos de verdade. Há quem o considere uma obra machista, pura fantasia masculina.

— Por que Booker disse para você ler *este* poema? — perguntou Pequeno Lex.

— Acho que não é só sobre sexo. É sobre o tempo, eu acho. Sobre aproveitar o momento, sobre deixar de viver coisas boas por causa de crenças que não são suas.

Depois disso, conversamos mais um pouco sobre *O ceifador de chicletes* e sobre o que Booker representava para nós, porque, no fundo, aquele homem envelhecido guardava uma tristeza equiparável à que o poema de Larkin transmite.

Em algum momento durante aquela nossa primeira conversa no FaceTime, comecei a chamar meu novo amigo de Alex, em vez de Pequeno Lex, e ele não me corrigiu, o que me pareceu bastante significativo depois de ler o que ele escrevera.

Alex leu mais alguns poemas de Philip Larkin escolhidos na coletânea que Booker lhe enviara de presente pelo correio, e foi então que me toquei que aquele velho esperto sabia que Alex e eu entraríamos em contato depois do jantar. Por isso é que ele havia plantado “Annus Mirabilis” na minha cabeça, para que tivéssemos um bom assunto a explorar. Booker sabia que eu iria atrás de qualquer coisa que me recomendasse ou mesmo mencionasse. Senti como se ele estivesse numa espécie de tabuleiro de xadrez jogando com o amor juvenil: nós éramos as peças, e ele estava vencendo.

Conversamos muito sobre um poema chamado “Janelas altas”, que Alex leu para mim. A princípio, achei que também era sobre sexo, mas na verdade é sobre a possibilidade de não existir nenhum ser acima quando olhamos por uma janela, e talvez não exista Deus nem nada do tipo. Soa deprimente, mas Larkin transforma isso em algo bom e até belo, o que dá certo alívio.

— Você acredita em Deus? — perguntei a Alex.

— Não sei. E você?

— Também não sei.

E seguimos conversando sobre Deus também por um bom tempo, enumerando uma série de coisas que nos fazia querer acreditar, tais como o pôr do sol e os lírios e um bom *chai* com leite quente, e música indie, e incríveis

demonstrações de altruísmo, além de literatura e cinema e poesia. E citamos coisas que nos fazem desistir da ideia de um Deus, como guerra, pobreza e doenças, e psicopatas que matam um monte de gente numa sala de cinema ou num shopping, e amigos que nos abandonam e se tornam pessoas ruins quando crescem, e também acne, a necessidade de ir ao banheiro, o absurdo repulsivo do sistema público de educação — embora Alex tivesse estudado em escola particular no fundamental e constatado que era ainda pior.

— Eles ensinavam que éramos melhores por estarmos naquela escola, e a gente acreditava. Era bem triste.

Quando falávamos com sinceridade, era mais fácil preencher a lista dos elementos “antiDeus”, mas minha impressão era de que nenhum de nós dois gostaria que de fato não houvesse algo acima de nós.

Booker tinha apresentado Bukowski para Alex também. Começamos a ler alguns poemas dele, nos revezando. Alex escolheu um intitulado “Pássaro azul”, que eu não conhecia.

Era sobre esconder algo bonito dentro de si.

Era lindo.

— Você chora? — perguntei a Alex, porque Bukowski diz, nesse poema, que não chora.

— Hum... — disse ele, desviando o olhar da câmera do iPhone. — *Sim?* Acho que não sou do tipo Bukowski.

Algo me fez contar a Lex o incidente de quando tentei beijar o sr. Graves e acabei chorando na maca da enfermaria cercada por uma cortina branca. Era a primeira pessoa para quem eu contava aquilo. E, para minha surpresa, ele não achou nada de mais.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você — disse ele, quando terminei o relato.

Foi ótimo tirar aquele segredo de dentro de mim e ainda não ser odiada pela verdade, nem ser chamada de piranha ou maluca.

Mesmo assim, comentei:

— Você deve estar achando que eu sou uma tarada... porque dei em cima do meu professor.

— Acho que você só estava confusa. Eu me sinto confuso toda hora.

E, ao ouvir isso, tive vontade de beijá-lo.

Conversamos sobre nossos pais, confessando que não queríamos nos tornar pessoas como eles, mas que não tínhamos outros modelos, ou “mapas”, como

Alex disse algumas vezes.

— Meu pai é um mapa terrível, nunca me leva a lugar nenhum.

Pensei em meus pais como mapas que me levavam a lugares aonde eu não queria ir, e fez todo sentido descrever os pais daquela maneira. Quase me pareceu ser possível dobrar os dois, guardá-los no porta-luvas e seguir dirigindo livremente pelo resto da vida.

No final de nossa conversa épica via celular, Alex e eu só ficamos ali deitados, cada um na sua casa, olhando para o rosto um do outro na telinha do aparelho, o que me parece estranho agora, ao lembrar, mas foi bom — como se estivéssemos cansados de ficar sozinhos e não quiséssemos nos despedir.

Alex tinha um rosto incrível.

Examinei cada pixel.

Eu poderia olhá-lo para sempre.

— Vamos deixar o celular carregando e dormir juntos — sugeriu ele. — Não precisamos desligar.

— Ok.

E assim adormecemos sem encerrar a chamada, e me senti confortável e protegida tendo-o ali comigo.

No dia seguinte, quando acordei, a tela do celular exibia apenas a imagem de fundo com os ícones. A chamada devia ter sido encerrada automaticamente durante a noite. Quis ligar para ele na mesma hora, para continuar o que quer que tivéssemos começado. E foi quando eu entendi; senti, pela primeira vez, que entendia por que as garotas tantas vezes ficavam loucas quando estavam envolvidas com alguém ou apaixonadas, por que Shannon tinha engravidado, como meus pais haviam ficado juntos tantos anos antes.

Amor e paixão são uma loucura que coloca tudo em risco, mas mesmo assim, no calor do momento, nada mais importa.

As tendências sexuais dos garotos

Conheci Shannon no primeiro dia de treino do Dragões do Arco-Íris. Nossos pais é que nos inscreveram. Eu estava na lateral do campo, esperando alguma coisa acontecer, quando uma garota pequena de cabelo preto comprido e brilhante se aproximou, pegou minha mão e me levou até o bando de garotas que aguardava o treinador tirar as bolas da sacola.

— Oi, meu nome é Shannon Welsh, vamos ser amigas — disse ela, e eu concordei.

Pouco tempo depois, o fato de Shannon ter se aproximado de mim me pareceu coisa do destino, porque ela se revelou a melhor centroavante do time. Foi uma das primeiras garotas a conseguir levantar a bola no ar e chutar com alguma precisão, e por isso os treinadores nos botaram como dupla no time.

No início, nossa principal jogada era fazer um passe alto para Shannon, por cima da defesa, até a lateral do adversário, onde ela ultrapassava o zagueiro enquanto eu corria para o gol. Shannon me dava a assistência e eu marcava o gol. Repetimos essa estratégia centenas de vezes, durante todos os jogos da liga infantil municipal, depois com os times de fora e finalmente em nosso time do ensino médio, em que fomos aceitas assim que entramos no colégio.

Shannon já disse muitas vezes que sou sua melhor amiga, embora eu nunca tenha aceitado o cargo formalmente. Ela é o oposto de mim: muito feminina, vive experimentando maquiagens novas, mudando o cabelo e fazendo bronzeamento artificial. Ela é bonita em qualquer lugar, mas dentro de campo é *linda*, com um rabo de cavalo, o uniforme encharcado de suor e o mínimo de maquiagem — só ela não vê isso.

Sempre soube que Shannon e eu éramos diferentes. Ela era muito falante em grupo, e eu não. Ela foi a primeira garota da nossa turma a ter um

namorado, e isso aconteceu no terceiro ano do fundamental. Ela até me obrigou a ser sua madrinha no casamento de mentira que fizemos no quintal. Eu me senti como se estivesse sendo eletrocutada, mas não protestei.

No sétimo ano, Shannon já fazia sexo oral nos caras mais velhos, que só a procuravam para isso. Ela sempre me contava tudo em detalhes, quase como se quisesse que eu tivesse ciúme ou para provar a si mesma que adorava aquilo, mesmo sendo dolorosamente claro que ela estava sendo usada.

O pior é que ela sabia disso, e *todo mundo* sabia que os garotos eram uns babacas completos, mas Shannon dizia adorar sexo. E talvez ela adorasse mesmo, não só por receber atenção dos garotos mais velhos e por ganhar bebidas em recompensa, mas também pelo sexo em si. Para ser sincera, talvez tenha sido por isso que tentei beijar meu professor. Porque era *bom*.

A questão é que os tais garotos contavam aos amigos como era fácil ganhar um boquete das garotas mais novas, e nisso toda a população masculina das escolas de ensino médio locais passava pelo nosso colégio todos os dias, oferecendo carona às garotas que não dirigiam, como eu, e perguntando se não gostaríamos de tomar uma cerveja. Shannon e várias outras garotas do Dragões aceitavam a proposta, até que os pais de algumas descobriram o que estava acontecendo e acionaram um advogado.

Minha mãe me perguntou se alguma vez eu tinha entrado “no carro daqueles garotos atrás de oral”, e quando eu disse que não, ela me perguntou por que não, e eu fiquei confusa.

— A mãe da Shannon ligou. Parece que sua amiga era uma grande adepta dos passeios. Mas você nunca fez isso. Por quê?

— Você *queria* que eu fizesse?

— Claro que não.

— Então por que está me perguntando isso?

Minha mãe ficou um tempão só me olhando, até que finalmente disse:

— Você gosta de garotos?

— O quê? — perguntei, embora tivesse entendido que ela queria mesmo era saber se eu era lésbica.

— Não tem problema se não gostar. Eu só queria...

— A gente pode *não* falar sobre esse assunto?

— Como quiser — retrucou ela, e saiu do meu quarto batendo o pé, como se eu a tivesse ofendido.

Passsei anos pensando sobre essa conversa, analisando os significados por trás das palavras. Minha mãe nunca disse que estava orgulhosa por eu não ter saído com os garotos mais velhos nem expressou uma opinião desfavorável sobre Shannon, que estava sempre em nossa casa e era claramente muito querida por minha mãe. Elas conversavam muito sobre dicas de beleza. Foi quando entendi que não seguir o comportamento do grupo, mesmo que o comportamento envolvesse chupar uma porção de garotos mais velhos, dava a impressão de que eu era esquisita.

Meu pai nunca disse uma palavra sobre o assunto — que meus amigos chamaram de “escândalo sexual oral do fundamental”.

É claro que Shannon me perguntou por que eu não tinha agido como elas. Fazia mais ou menos um mês que os passeios sexuais haviam sido encerrados pelos pais das garotas. Estávamos no quarto dela, e Shannon tinha bebido metade da garrafa de vodka barata sabor pêssego que ganhara de um dos garotos.

— Você se acha melhor que a gente? — continuou ela, um pouco alcoolizada, e riu. — Só porque nunca se divertiu com um garoto? Ou é porque você não gosta de garotos?

— Não quero falar sobre isso, tá bom?

— Ótimo.

Os boatos começaram a circular na escola no dia seguinte. Os garotos cobriam a boca com a mão e diziam discretamente: *Sapatão*.

Era tudo muito ridículo e não menos deprimente.

O curioso era que eu tinha certeza de que aqueles boatos tinham começado com Shannon, ou que, no mínimo, ela não tinha me defendido, mesmo sendo popular e capaz de fazê-los parar, mas continuei fingindo que estava tudo bem entre nós, e ela fez o mesmo. Nos jogos, Shannon me passava a bola no campo várias vezes, e eu marcava muitos gols. Os treinadores e nossos pais diziam que éramos a dupla perfeita, e eu não queria estragar nossa “química dentro de campo”. Todos os adultos à nossa volta fingiam não reparar que Shannon sempre aparecia bêbada e estava com um garoto diferente a cada semana. Se bem que, para ser justa, a maioria do pessoal do colégio fazia a mesma coisa. O que eu sabia sobre aquilo? Talvez pagar boquete fosse um rito de passagem natural, uma atividade extracurricular proveitosa. Eu é que não sabia o que estava perdendo — eu era uma das esquisitonas.

A questão ali não era sexo. Eu não tinha nada contra sexo, queria fazer também, como todo mundo. O que me incomodava era ter que repetir o comportamento dos outros. Chupar os garotos porque todas chupavam. Beber porque todos bebiam. Se fosse “vá ao colégio montada num dromedário porque todo mundo vai assim”, eu também teria resistido, porque não queria que me obrigassem a ser como os outros. E eu amo camelos! Shannon odeia montar camelos. Sei disso porque passeamos com dromedários no zoológico no segundo ano. Tem uma foto engraçada daquele dia em que estou acenando e sorrindo entre as corcovas de um camelo, enquanto, atrás de mim, Shannon grita e chora montada em outro. E, sendo sincera, no fundo eu gostei da experiência só porque Shannon não gostou, embora fôssemos crianças. Eu estava de saco cheio de seguir todas as vontades dela, e foi uma espécie de redenção fazer algo que ela odiava, ou melhor, *não fazer* algo que ela adorasse.

— Você deveria ir mais a festas, Nanette — dizia minha mãe quando eu ficava em casa lendo nos finais de semana. — Precisa ser mais sociável. Como a Shannon.

Os boatos sobre meu suposto lesbianismo pararam de repente, no início do ensino médio. Tenho certeza absoluta de que, mais uma vez, Shannon teve alguma participação nisso, porque foi o ano em que a mãe dela se assumiu gay e largou o marido. Ela e Shannon foram morar do outro lado da cidade, com uma advogada a quem, ironicamente, fora apresentada durante o incidente do “escândalo sexual oral do fundamental”. Naquela época, Shannon sumiu das festas e passou muito tempo no meu quarto chorando e me contando todos os seus segredos: quais garotos tinha só chupado e com quais chegara a transar. E eu ouvia tudo, porque achava que era o certo a fazer.

Ao longo de tudo isso, ela me dava muitos passes, eu fazia muitos gols, nosso time ganhava muitas partidas, meu pai torcia feito um louco nas arquibancadas e meus investimentos em ações cresciam.

Depois que beijei o sr. Graves e paramos de almoçar juntos na sala dele, Shannon me perguntou várias vezes o que tinha acontecido, dizendo que eu estava visivelmente deprimida. Houve alguns momentos em que cogitei contar a verdade a ela, mas então me lembrava dos comentários homofóbicos que precisei aguentar nos anos anteriores, e tinha o fato de que Shannon agora era presidente da Aliança Gay-Hétero em nosso colégio, da qual eu orgulhosamente também fazia parte, representando o lado heterossexual, por

isso eu sabia que era melhor não deixá-la conhecer nenhum lado meu que fosse verdadeiro, pois ela não era confiável.

Shannon engravidou no primeiro ano.

Ela nem tinha certeza de quem era o pai, então não contou nada para nenhum dos garotos. De acordo com nossas contas, havia três candidatos. Eu sei porque era a única pessoa que sabia da gravidez, e Shannon me contava *tudo*. Fazia oito semanas desde sua última menstruação, quase dois meses vivendo apavorada em segredo. Ela chorou descontroladamente quando me contou. Viramos uma noite do fim de semana fazendo uma lista de prós e contras para ajudá-la a decidir se abortaria ou não. No dia seguinte, ela havia decidido “interromper a gravidez”, e fomos até a cozinha mostrar os testes para suas duas mães.

A mãe biológica de Shannon teve um surto histérico, gritando com Shannon não pela gravidez em si, mas por ela ter “permitido” que acontecesse.

Já a madrastra dela, Joyce, se manteve mais calma.

— Elas até fizeram uma lista de prós e contras — argumentou Joyce com a esposa. — Quantas garotas se preparam tão bem para uma conversa dessa?

Mas Shannon já estava aos prantos, enquanto eu olhava fixamente para minhas mãos.

Fui com Shannon e suas mães à clínica de aborto, onde descobrimos que Shannon havia sofrido um “aborto espontâneo” sem sentir — aparentemente, o coração minúsculo de um bebê em formação pode parar de bater sem motivo específico —, o que todas acharam uma “bênção”, então fomos jantar em um refinado restaurante francês chamado Parc e nunca mais se tocou no assunto.

Shannon começou a tomar anticoncepcional e não parava de dizer que eu deveria fazer o mesmo. E eu nem tinha vida sexual.

Era engraçado que no início de cada temporada de campeonatos fôssemos obrigadas a assinar um contrato nos comprometendo a não beber, não usar drogas e não fumar, mas quase todos os atletas do colégio quebravam essas regras regularmente e zombavam de mim por levá-las a sério, sem saber dos drinques que eu tomava com minha mãe aos domingos.

Meu pai me disse certa vez que bebia cerveja no colégio. Ele comentou: “Não tem nada errado em beber uma ou duas cervejas. É só evitar coisas pesadas, entendeu?” Eu sabia que ele estava me dando permissão para beber, mas aquilo não mudava nada para mim. Eu não fazia questão de beber e não

gostava das festas em que Shannon ficava tão louca que mal conseguia andar e acabava transando na cama dos pais do anfitrião.

Achava tudo aquilo muito deprimente.

Quando eu tentava falar com o sr. Graves sobre o assunto, ele dizia que não queria saber daquilo e tapava os ouvidos, e assim percebi que ele não podia fazer nada a respeito. Ele precisava fingir que seus alunos eram jovens muito inteligentes e conscientes, destinados a se tornar adultos que ajudariam a construir um mundo melhor (uma ilusão necessária para quem acreditava no poder transformador da educação), e comecei a entender que devia ser difícil para um professor passar o final de semana inteiro corrigindo trabalhos e planejando aulas para um bando de adolescentes desesperados por sexo e álcool.

— Sabe como a gente vê quais adolescentes se tornarão adultos alcoólatras e alucinados por sexo? — Booker me contou certa vez. — Pelos pais deles.

Ao ouvir isso, me lembrei do pai de Shannon, que todo mundo via enfiado no bar dia e noite, “dando em cima de qualquer criatura viva com um par de peitos”, segundo as palavras dos meus pais. Ele tinha ganhado certa fama na cidade desde que fora trocado por uma mulher, e era como se estivesse tentando provar sua masculinidade. As mães de Shannon também bebiam muito; muito vinho. Sempre que eu ia à casa delas havia no mínimo uma garrafa aberta e taças cheias. Carol e Joyce deviam ter se envolvido quando os pais biológicos de Shannon ainda eram casados.

Eu tinha uma ideia meio maluca de que, se não transasse nem bebesse, isso significaria que meus pais não eram alcoólatras nem alucinados por sexo.

Quem sabe assim eles continuariam casados e felizes.

Quem sabe assim minha mãe não odiaria o jeito de meu pai mastigar, e quem sabe assim meu pai voltasse a abraçá-la, como fazia quando eu era pequena.

Eu sabia que não fazia sentido, mas pensar daquele jeito me ajudava.

Era algo que eu podia fazer.

E nem era difícil — até eu conhecer Alex.

Ironicamente, ele nem parecia tão interessado em sexo. Eu já tinha ido a um bom número de festas e conhecia as tendências sexuais dos garotos: que eles tentavam apressar as coisas, do mesmo jeito que ficavam batendo na porta do banheiro com a bexiga cheia de cerveja, gritando: “Anda logo, estou muito apertado!”, como se as garotas estivessem lixando as unhas ou lendo um livro lá

dentro. Eu notava que às vezes eles se aproximavam demais da garota enquanto conversavam; que a mão deles ia parar sem querer nas coxas das minhas colegas de time e que elas fingiam não reparar. Tinha visto até alguns ajeitarem o próprio genital durante as conversas, porque ficavam excitados, e as garotas novamente fingiam não ver, embora todas descrevessem paus nos mínimos detalhes quando não havia garotos por perto. E eu nunca havia me interessado por nada daquilo.

Eu tinha medo de ser assexuada ou algo do tipo, mas quando comecei a sair com Alex, como amigos — andávamos no jipe dele com a capota aberta, víamos filmes de arte, líamos poesia um para o outro nos bancos dos parques —, comecei também a entender o que era sentir atração sexual. Eu me pegava reparando em diferentes partes de seu corpo e desejando explorá-las — não porque todas as outras garotas do time já haviam feito aquilo, mas porque de repente me parecia bom, natural, verdadeiro. Ao mesmo tempo, comecei a me preocupar, porque Alex *não* botava a mão na minha coxa, não falava próximo demais nem me agarrava. Ele apenas ouvia tudo o que eu tinha a dizer, e dava para ver que seu interesse era genuíno, então talvez apenas não me achasse bonita. Aquilo era um medo novo para mim. De repente, eu queria ser linda, adorada, desejada.

Dezenas de miras letais

— Quero parar de jogar — confessei a Booker um dia em que estávamos sentados no quintal ao lado de Dom Quixote e os moinhos. Estávamos bebendo uma limonada absurdamente gelada, recém-preparada, com folhas de hortelã colhidas no jardim. — Não estou nem um pouco a fim de jogar a temporada do último ano.

— Não aguento mais essa conversa. Se você ainda não largou o futebol, nunca vai largar. Você sofreu uma lavagem cerebral da comunidade futebolística.

Era verdade que eu havia decidido sair do time durante os treinos de inverno, depois adiar para os jogos de primavera, e depois, quando acabassem os jogos de verão com os treinadores semiprofissionais da Inglaterra, que sempre apareciam em nossas festas e transavam com as garotas do time, todas apaixonadas pelo sotaque deles. Mas tudo isso tinha acontecido antes de Alex. “Vou sair do time amanhã. Vou ligar para o treinador e falar que não quero mais”, eu dizia, de um jeito até bem desafiador, mas nunca cumpria a ameaça.

Um discurso de Shannon foi o que finalmente me levou ao limite, em um dia escaldante de verão, no primeiro treino oficial do nosso último ano. O treinador Miller havia pegado pesado no condicionamento físico: dribles de alta velocidade, tiros com passe de bola; exercícios intermináveis de ataque e defesa; e, o pior de todos, os vinte minutos em que deveríamos brincar de bobo num quadro marcado por cones, e caso alguém parasse de se mexer mesmo que por alguns segundos, o time inteiro era obrigado a correr um quilômetro e começar tudo de novo. Ele sempre flagrava pelo menos uma pessoa, e naquele dia tivemos que correr dois quilômetros até completar os vinte minutos. Passei o treino inteiro pensando em Alex, desejando estar em algum lugar a sós com

ele, sendo eu mesma e discutindo literatura, em vez de suar com uma porção de garotas de quem eu não gostava e que eu nem entendia, tudo para chutar a bola dentro do gol mais vezes do que as garotas dos times adversários.

Ao fim de cada treino, sentávamos entre as traves do gol e o treinador conversava com o time. Depois disso, ele passava a palavra para as capitãs fazerem discursos motivacionais e abordarem alguma questão da qual as garotas não se sentissem à vontade de tratar com o treinador. Shannon sempre assumia o papel de líder com muita facilidade, o que era quase cômico, porque em qualquer outro aspecto da vida — quando não estava se dirigindo a adolescentes de caneleiras sentadas dentro de um gol — sua tendência era seguir garotos com planos lascivos. Eu ficava imaginando se Shannon estava apenas seguindo o que o treinador reservara para ela, do mesmo jeito que entrara naqueles carros cheios de garotos mais velhos quando ainda estávamos no fundamental. Talvez Shannon fizesse qualquer coisa que um homem mais velho mandasse.

— O objetivo de vocês neste ano, meninas — dizia Shannon, olhando para cada uma em sequência —, é ganhar um campeonato estadual. Qualquer coisa menor que isso será uma derrota. Mas se ganharmos o título estadual este ano, ele será nosso pelo resto da vida. Ninguém poderá tirar isso de vocês. Não importa o que mais aconteça ou não aconteça, vocês serão sempre campeãs. Por toda a eternidade.

Era a mesma ladainha motivacional que a gente ouvia e repetia desde criança, no Dragões do Arco-Íris. Talvez aquilo tenha sido a garfada que faltava para esgotar toda a capacidade do meu estômago, porque de repente tive vontade de vomitar.

— Temos o talento, a dedicação e... Ei, Nanette, aonde você está indo?

— Estou abandonando o time como uma puta de uma campeã!

— O quê?

Todas as outras garotas riram, talvez por ficarem surpresas ao me ouvirem falando palavrão. Mas me senti bem dizendo aquilo, então repeti, ainda mais alto:

— *Eu sou uma puta de uma campeã!*

Dessa vez ninguém riu.

Atravessei o campo sentindo os olhos de todas elas colados em mim, dezenas de miras letais perfurando minhas costas. Não ousei me virar.

Levantei o dedo do meio das duas mãos, coisa que eu nunca tinha feito na vida, e finalmente me senti livre.

O treinador foi correndo atrás de mim.

— O que aconteceu, Nan? O que está fazendo?

— Meu nome é Nanette — corriji, surpreendendo a mim mesma.

Fazia quase quatro anos que ele me chamava de Nan, e eu odiava aquilo. Parecia que estava zombando do meu nome pelo jeito como falava, arrastando a voz; como se achasse um nome idiota, talvez porque eu devia ser a única Nanette que ele conhecia e tivesse resolvido cortar meu nome pela metade para me punir por ser única.

— Estou saindo do time — avisei. — Cansei de correr atrás de uma bola. Você não pode mais me obrigar a fazer isso. Ninguém pode! *Eu já sou uma puta de uma campeã!* Campeã de mim mesma!

— Uou. Calma aí. O que aconteceu? — perguntou ele, ignorando por completo minha enxurrada de palavrões.

— Não quero mais jogar. Odeio futebol. Pronto, falei. *Finalmente.*

— Quer conversar com a srta. Train? — perguntou ele, como um código para *Você está menstruada?*

A srta. Train era a assistente de treino, só que não sabia nada sobre futebol. Sua função era ajudar nos “problemas femininos”. Lá estava eu falando a verdade pela primeira vez, e ele queria enfiar ciclo menstrual na história para apagar minhas palavras, invalidar tudo.

— Não — respondi, e acrescentei: — Foda-se o futebol.

Naquela noite, o treinador foi até minha casa e tivemos uma conversa em família.

— De onde veio isso? — perguntou meu pai. — Você nunca disse nada e agora resolve, de repente, sair xingando todo mundo e abandonar o time?

Aquilo não surpreenderia as duas pessoas que me conheciam de verdade, Booker e Alex. Nem mesmo o sr. Graves ficaria surpreso, ainda que após meses sem nos falarmos. Mas meus pais, que moravam comigo, ficaram em choque.

Meu pai e o treinador ficaram batendo na tecla dos muitos gols que eu tinha marcado, dizendo que naquele ano eu poderia quebrar o recorde da divisão, porque já havia quebrado o da escola no primeiro ano, e que as universidades me convidariam para visitas “oficiais” e me ofereceriam bolsa integral. Pelo modo como os dois falavam, pareciam estar tentando me convencer a não cometer suicídio, como se eu fosse me condenar a uma vida de merda se

parasse de jogar. Como se eu não prestasse como ser humano caso não marcasse gols por um time.

— Ela tem notas boas o suficiente para ser aceita nas melhores universidades, não precisa do futebol — disse minha mãe, enfim.

Minha mãe foi líder de torcida no colégio. Sempre tive a impressão de que ela acreditava que esse era o único lugar para garotas nos esportes, por isso aquela defesa era, na verdade, triste. Sem contar o sorriso que ela exibia: parecia que era um meio de desafiar meu pai na frente do meu treinador, de colocar em prova a masculinidade dele.

— Não é essa a questão — retrucou meu pai.

E foi quando me dei conta de que meu relacionamento com ele iria piorar e que minha mãe tentava formar uma aliança comigo. Ao deixar para trás o futebol, eu estava cortando a única ligação real que tinha com meu pai, o que talvez explicasse por que ele estava tão chateado.

(Mais tarde, Booker diria: “Bem, você não poderia passar o resto da vida jogando futebol, então esse momento de ruptura com seu pai era inevitável. Não se pode viver em função de outra pessoa. Em algum momento a gente explode, o que explica os palavrões que você saiu disparando como uma metralhadora.” Pelo menos ele me entendia.)

— Você tem um compromisso com suas colegas de time — disse o treinador, apontando o dedo na minha cara, do requintado conforto do sofá de couro branco dos meus pais. — Você assumiu um compromisso comigo. Assinou um contrato.

— O senhor sabe que todas as garotas do time desrespeitam a cláusula que proíbe o consumo de álcool? Vai passar na casa de cada uma delas depois que sair daqui e repetir esse sermão? Posso dar os nomes das que beberam com os ingleses que você contratou para treinar a gente... São todas, menos eu! — contei, me surpreendendo de novo. Eu nunca tinha falado com o treinador daquele jeito. — Mas você já sabe disso! Então não venha me falar de uma merda de contrato!

O treinador olhou para meus pais, em um silencioso pedido de apoio.

— Não fale assim com seu técnico, Nanette — disse meu pai, muito obediente. — Não há necessidade de usarmos esses termos.

— Vou deixar vocês resolverem o assunto em família — disse o treinador, pálido, como se começasse a sentir medo de mim. — Vejo você no treino amanhã, Nanette.

Era a primeira vez que ele dizia meu nome inteiro. Foi um momento importante para mim. Ele respeitou minha vontade porque eu tinha algo que ele queria e do qual não abriria mão tão facilmente, só por isso. Foram muitas as vezes que pedi a ele que me chamasse de Nanette quando estava no primeiro ano e ainda competindo por uma vaga de titular, e ele havia me ignorado solenemente. Tive uma estranha sensação de poder.

— Não, você não vai me ver amanhã — falei. — Eu saí do time.

Ele apenas balançou a cabeça, com ar de reprovação, e se retirou.

— Por que está fazendo isso? — perguntou meu pai.

— Ela não gosta do futebol — respondeu minha mãe. — Muito simples. É só um jogo.

— Um jogo que pode bancar a educação dela.

— Temos dinheiro guardado para isso. Não somos pobres.

— Não é essa a questão!

— Sua filha jogava por sua causa, Don. Só que ela não é mais uma garotinha.

— O esporte transforma meninas em mulheres. Estatisticamente, garotas que jogam em times profissionais têm mais chances de...

— Por favor — disse minha mãe. — Como se fosse por isso que você quer que ela jogue.

Eles continuaram discutindo por um tempo, até que me levantei e fui para meu quarto. Não sei se repararam.

Shannon me ligou para gritar comigo, reclamando que eu a deixei mal na frente do time — eu a “desmoralizei” — e me chamando de “vaca traidora maluca”. Ficou surtando ao telefone, então desliguei na cara dela. Ela ligou de novo mil vezes e deixou um monte de mensagens de voz, mas nem me dei ao trabalho de ouvir.

Liguei para Alex. Falei que não sentia mais medo. Que tinha largado o time.

— Eles vão tentar deixar você com medo de novo — disse ele. — Você precisa ser forte por um tempo, até que a deixem em paz. Pode acreditar. Sei bem como é.

As garotas do time me mandaram e-mails e me ligaram. Shannon foi até minha casa, tentando uma nova tática: implorando que eu jogasse “só mais essa temporada”, alegando que precisava de mim para ter um bom desempenho em campo e conseguir uma bolsa.

— Preciso de uma boa artilheira para finalizar meus passes!

De repente, eu não era mais uma “vaca traidora”. Mas minha decisão estava tomada. Não voltei, e me senti um tanto vitoriosa. Era uma escolha genuinamente minha.

Para provar que era pra valer, faltei ao primeiro dia de aula do último ano para ir à praia com Alex.

Matar aula significava suspensão automática do time, uma das poucas regras que todas levavam a sério. Fiz questão de avisar à secretaria que não iria.

— Liguem para meus pais, avisem a quem tiverem que avisar. Espero ser punida com total rigidez. Por favor, avise ao treinador Miller.

Alex também matou aula, porque pedi. Disse que precisava dele.

Eu nunca havia precisado de um garoto antes. Fiquei me perguntando se Booker tinha algum poder sobrenatural.

Será que ele via o futuro?

Depois de uma hora no carro, encontramos uma praia que não estava cheia, já que não contava com salva-vidas.

Nadamos rumo ao Atlântico e ficamos boiando no mar.

Eu me lembrei de Ted Improdutivo, em cima daquela pedra o dia todo.

E fiquei feliz por Alex estar ali comigo, mas também senti que poderia ficar a sós com ele. Era um sentimento novo: desejar ficar a sós com uma pessoa.

Nadei até ele e o beijei na boca.

Ele retribuiu com um beijo de verdade.

Meu primeiro beijo de língua.

Nos abraçamos no mar, e logo notei que ele teve uma ereção, sentindo a rigidez na minha barriga, sob a água.

Não comentamos isso.

Apenas nos beijamos.

E não senti o medo que achei que sentiria.

No dia seguinte, no colégio, nenhuma das garotas do time olhou para mim, nem mesmo Shannon. Voltei a ouvir o “sapatão” dito muito rápido no meio de uma tosse forçada. Ou um “cola-velcro” aqui e ali. Será que a presidente da Aliança Gay-Hétero tinha retomado alguns antigos hábitos? Eu estava vivendo minha heterossexualidade pela primeira vez, mas não estava a fim de dividir o momento com os idiotas do colégio, então usei os comentários lésbicos a meu favor, mantendo em segredo Alex e tudo que eu amava, longe do alcance daquelas pessoas nojentas que não me conheciam de verdade nem nunca

conheceriam. Além do mais, eu não tinha nada contra ser lésbica. Aquelas provocações eram coisa de babacas ignorantes.

Quando meu pai parou de jantar conosco, minha mãe trouxe à tona de novo o assunto da mastigação.

— Bem, pelo menos não precisaremos mais ver a comida na boca dele. — E completou: — Não sei se o amo mais, Nanette. Você me odeia por isso?

Era um golpe baixo, ser honesta daquele jeito, quando eu estava apenas começando a ser honesta. Eu sentia como se não fosse possível ou mesmo certo que todo mundo resolvesse ser honesto ao mesmo tempo, como se a estrutura do mundo não fosse feita para suportar tamanho volume de verdade. Ou talvez eu tivesse sentido as primeiras rachaduras no casamento dos meus pais havia muito tempo e aquilo tivesse atuado como gatilho para finalmente me libertar e começar a ser eu mesma, quaisquer que fossem os custos.

Eu tinha Alex e meu mundo secreto com Booker, ambos muito melhores do que meu colégio ou minha família jamais seriam.

— Acho que isso não importa, mãe — respondi enfim. — Eu não vou estar aqui para sempre, não é?

Minha mãe me olhou em seguida por um instante e em silêncio começou a chorar.

O garoto pode ser um garoto

QUANDO FUI UM CICLOPE

Alex Redmer

*Existe um lugar
Onde os garotos menores brigam
E todos sabem onde fica
Professores e pais, também eles
Fica depois do parquinho
Logo depois da colina
E do alto os garotos assistem
E torcem, desdenham, aplaudem
Rostos a sangrar
E gemidos de dor
E o rasgar de camisas*

*Ainda hoje vou lá
Mesmo já velho demais
Mesmo bastante crescido
Minha sombra cobre distâncias
Ali, eu fecho um dos olhos
Para as crianças pensarem que sou
Um ciclope, um monstro que ruge
Que resmungue em vez de falar*

Vou lá porque sempre vejo

*Um garoto como eu
Como eu era naquela idade...
Rechonchudo, vermelho, encurralado
Os punhos abaixo dos óculos
Infinita coragem
Ele enfrenta os garotos arrogantes
Que têm a torcida do lado deles
Uma sinfonia a conduzir suas mãos*

*Geralmente eu grito e gemo
e finjo ser um monstro
E assim faço todos fugirem
Até que sou eu e o menino
O mesmo que eu era poucos anos atrás
Então digo a ele que essa idade
Não
Dura
Para
Sempre
É claro, ele não acredita
Mas sei que fica feliz
Com a minha presença
Uma vez cheguei tarde demais
E o garoto magro e bonito
Segurava o rechonchudo e feio
De costas, preso
Joelhos e cotovelos
E o Bonito batia no Feio
As lágrimas correndo vermelhas
Fazendo a torcida vibrar
Então abri os dois olhos
Voltei a ser eu mesmo
Corri colina abaixo
Segurei o Bonito pelo cinto
E pela gola o lancei
Alto e longe*

*Para que ele soubesse
Como era cair*

*Ele caiu de cabeça — uma queda violenta
A grama marcando
A bochecha e o nariz
E eu sentei em cima dele
E bati em seu rosto
Avisei que seus dias estavam contados e que hoje
Era o dia zero*

*Eu sou o Ceifador de Chicletes!
Eu sou o Ceifador de Chicletes!
Exclamei a cada tapa
Então o soltei
como um peixe de água poluída
Que não se pode comer*

*O gorducho ficou para trás
Quando o restante partiu
E me disse:
“Eles vão me matar amanhã”
Eu o levei para casa
E falei com a mãe dele
Que me serviu o jantar
Falei que ela precisava
Ajudar
Ou pelo menos ver*

*Voltei ao meu antigo colégio
No dia seguinte, depois das aulas
E o menino gorducho parecia assustado
Novamente, cercado de bonitos*

*Então fui um ciclope mais uma vez
E eles fugiram, pois os bonitos fogem*

*Ensinei o garoto a fechar um dos olhos
e grunhir como um monstro
Sempre que os bonitos chegassem perto demais
E agora quando ele sacode os braços
No alto, gritando
Ele é quase
Quase um ciclope também
Quase, mas tudo bem
Porque os bonitos
Não sabem
a
diferença
na
maior
parte
do
tempo
Então
O garoto pode ser um garoto
Por mais tempo*

Mudou de assunto, como se colocasse uma faca no meu pescoço

O time seguiu vencendo mesmo sem mim. Shannon continuou fazendo sua jogada característica e outras passaram a golear. Os olhares de ódio que me acompanhavam nos corredores se reduziram a nenhum olhar. Talvez eu já tivesse me afastado da gaiola. Talvez não pudessem mais me alcançar.

Livre das normas do time, passei a me sentar num banco ao ar livre durante o horário do almoço para ler as poesias de Alex ou reler *O ceifador de chicletes*, porque estávamos tentando determinar de uma vez por todas se Wrigley se apaixonou por Stella ou Lena e tínhamos certeza de que havíamos deixado passar alguma pista.

Alex escrevera um poema novo, chamado “Quando fui um ciclope”, que achei comovente e ao mesmo tempo assustador. Ao me dar um papel com o texto escrito à mão, ele disse que era inspirado em experiências próprias de “não muito tempo atrás”, quando começara a passar o tempo perto de sua antiga escola à procura de garotos que precisassem de ajuda. Ele se dispôs a fazer aquilo porque, quando criança, fantasiava que alguém surgiria para ajudá-lo sempre que sofria com o bullying — mas também porque queria ser como seu herói, Wrigley.

O poema me fez pensar nos garotos mais velhos que apareciam na minha escola à época do ensino fundamental com bebida barata para tentar comprar favores sexuais das meninas, todas bem mais novas que eles. Alex era o oposto dos garotos do escândalo oral. E eu o amava por isso. Mas a raiva tão palpável na poesia dele também era um pouco assustadora. Eu não queria namorar um ciclope.

— Você realmente jogou longe um menino do oitavo ano? — perguntei.

Tínhamos parado o jipe em um campo e estávamos com a capota aberta, observando aquele efeito da lua de sangue, que brilhava como uma enorme abóbora em chamas logo atrás das árvores. Alex queria que eu ouvisse uma música chamada “Midnight Surprise”, do Lightspeed Champion, naquele ar fresco de outono. Achei bem legal a música. Meio estranha, mas no bom sentido. E tinha quase dez minutos. Quando acabou, comentei que tinha sido uma experiência interessante, e ficamos conversando sobre o que dizia a letra por um bom tempo. Então perguntei:

— Você realmente bateu no menino bonito do poema? Ele devia ter a metade do seu tamanho.

— Assim como o menino que Wrigley segurou debaixo d’água, lembra? O que estava provocando Ted Improdutivo.

— Sim, mas aquilo é uma história de ficção.

— Não, não é. *Acorde, princesa* — disse ele, citando a letra de “Midnight Surprise”.

— Você acha que Booker fez aquilo? Acha que ele quase afogou uma criança?

— Às vezes é preciso lutar — disse Alex. — Se você não luta, você é que é massacrado.

— Lutar contra *o quê?*

— Contra tudo e todos que fazem você se sentir pequeno e insignificante.

— Podemos lutar com poesia.

— Às vezes as palavras não bastam.

— Sim, mas usar de violência? Isso não é legal.

— Não é legal, mas às vezes é *necessário*, quando tentam fazer você acreditar que é irrelevante no mundo ou mesmo que nem deveria existir. Por que você acha que nos ensinam sobre guerras nas aulas de história? Quantos meses levamos só na Segunda Guerra? Quando uma pessoa ultrapassa um limite, como Hitler, Mussolini, Tojo ou, mais recentemente, Saddam Hussein e Bin Laden, é hora de lutar. É o que nos ensinam. Por que o governo pode matar gente e jogar bombas, mas nós não podemos nos defender com nossos braços? Este país foi fundado pela violência. Nossos ancestrais foram ciclopes quando roubaram a terra dos povos nativos que viviam aqui. Roosevelt e Truman foram ciclopes durante a Segunda Guerra. Bush também foi um ciclope depois do 11 de Setembro.

Eu nunca tinha ouvido Alex falar de maneira tão intensa. Não sabia se ele estava falando sério ou apenas lançando ideias no ar, como fazia nos poemas.

— Pode ser — concordei. — Mas não tem como comparar crianças com Hitler ou Bin Laden!

— Hitler e Bin Laden também já tiveram catorze anos.

— E você não é presidente do país!

— Ainda não — corrigiu ele, e riu, o que me fez acreditar que não era sério; que tudo aquilo era hipotético.

— Você também precisa ter cuidado para não fazer os outros se sentirem pequenos e insignificantes, certo? Para não se tornar aquilo que odeia. Ninguém pode sair por aí bancando o justiceiro. E se todo mundo resolvesse fazer isso?

Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Como você se sentiu xingando e mostrando o dedo para o time inteiro?

— Sinceramente? *Foi foda!*

— Talvez você tenha passado um tempão aguentando, até que não deu mais para segurar e explodiu. Talvez não houvesse mais espaço para um meio-termo. Às vezes precisamos ser violentos com as palavras, porque senão ninguém ouve.

— Sim, mas eu não machuquei ninguém fisicamente.

Alex olhou para a lua, que havia mudado de laranja para vermelho-sangue, e não respondeu.

— O que aconteceu com o menino do poema? O rechonchudo de óculos, que era desafiado pelos “bonitos”?

— Oliver?

— Ele se chamava Oliver?

— Sim. *A ficção não existe.* Somos amigos hoje em dia. — Alex deu um sorrisinho, como se o tempo todo estivesse me guiando até Oliver. Como se toda aquela conversa tivesse um propósito claro. — Quer conhecê-lo?

— Está falando sério?

— Eu estava meio que esperando o momento certo para apresentar vocês.

— Jura?

— O melhor momento é sempre o agora. Vamos!

Alex ligou o carro e aumentou o som, que tocava sua banda preferida, Los Campesinos!.

— Essa música se chama “In Medias Res” — explicou ele. — É latim. Sabe o que significa? “No meio das coisas”. É também uma técnica de narrativa.

Você começa no meio de tudo. Bem na ação. Nenhum contexto. Já entra direto no ponto-chave. Como nos filmes, que às vezes fazem a primeira cena mostrar uma batalha e a gente nem sabe quem está lutando contra quem. “In Medias Res”.

— Foi como a gente se conheceu. *In medias res*. Na casa do Booker. No jantar — lembrei.

— É, foi mesmo!

Eu adorava conversar com Alex sobre música e literatura, ainda mais por ser algo tão natural entre a gente. Era quase como acompanhar o nascer da lua de sangue, coisa que eu nunca tinha pensado em fazer antes de conhecer Alex. E eram também momentos de uma estranheza inspiradora.

Sorri para ele e apertei sua coxa sob a calça jeans escura. Ele aumentou o volume ainda mais e pisou fundo no acelerador.

Dirigimos por mais ou menos vinte minutos. Alex diminuiu o volume quando chegamos a uma casinha humilde com a pintura verde de aparência suja. Era um bairro pobre, que eu não conhecia.

— Shhh — fez Alex, levando o indicador à boca.

Demos a volta até os fundos da casa, e Alex bateu três vezes na janela. A cortina se abriu, e lá estavam os grandes óculos de Oliver nos olhando do outro lado da tela, que foi rapidamente erguida para entrarmos por ali. Foi o que fizemos.

Oliver parecia muito o Ralphie de *Uma história de Natal*.

— Essa é a sua mulher? — perguntou o garoto a Alex, provavelmente tentando parecer mais velho e descolado.

— Há... *o quê?* — falei.

— Foi mal — desculpou-se Oliver, sentado numa cadeira de escritório toda em madeira, e baixou o olhar.

Alex deu um tapinha no braço dele e fez as apresentações:

— Oliver, esta é minha grande amiga Nanette. Nanette, este é meu parceiro, Oliver. Um grande encontro.

— Alex fala de você toda hora — comentou Oliver, e ajeitou os óculos pesados no nariz. — Você é mais bonita do que ele disse.

— Obrigada — falei, envergonhada.

Até então, eu só recebera aquele elogio dos meus pais.

— Mas é a inteligência dela que me deixa animadão — brincou Alex, e engoliu Oliver em um abraço forte.

O menino deu um gritinho de felicidade. Os dois juntos pareciam irmãos. Então entrou no quarto uma mulher de meia-idade.

— Pode usar a porta, Alex. E é sempre bem-vindo, a qualquer hora. Você sabe.

— A porta não é tão divertida — retrucou ele, sorrindo para a mulher.

— É essa a *tal*?

— A primeira e única Nanette O'Hare — confirmou Alex.

— Você tem muita sorte. Esse menino é um santo. *Só falta a auréola.*

— Ok, mãe — disse Oliver. — Pode ir agora.

A mulher sorriu para ele, depois para mim.

— Bem, é um prazer conhecê-la. Qual é seu nome mesmo?

— Nanette.

— Francês?

— Sou americana.

— Que bom. Gosto de americanos.

Ela foi embora.

— A gente já pode mostrar para ela? — perguntou Alex a Oliver.

— Não sei. A gente se conhece faz... sei lá, dez segundos!

— Ah, mostre logo. Olhe para ela. Nanette é confiável.

— Você é do time Lena ou do time Stella?

— Você leu *O ceifador de chicletes*? — perguntei.

— Só um milhão de vezes.

— Deixei Oliver viciado um pouco cedo demais — explicou Alex.

Olhei em volta, observando o quarto de Oliver, e vi muitas fotos de flores. Incontáveis. Eram recortes de revistas colados com durex na parede: rosas, lírios, narcisos, cravos, hortênsias e centenas de outras cujo nome eu não sabia. No meio daquelas flores todas havia, aqui e ali, fotos da mãe de Oliver e várias de Alex e Oliver juntos. Uma delas mostrava os dois deitados em um vasto campo de dentes-de-leão amarelos. A foto havia sido tirada do alto, como se alguém tivesse escalado uma árvore para conseguir capturar os dois juntos na imagem.

Alex apontou para a foto que eu estava olhando.

— Usamos um timer e uma corda. Tive que descer do galho correndo e fazer a pose para não perder o clique. Tentamos umas cinquenta vezes até conseguir, por isso que eu saí todo suado. Mas ficou bem legal, não acha?

— Aham — concordei.

— Stella ou Lena? — perguntou Oliver, concentrado.
— Lena — respondi.
— Viu? — disse Alex. — Ela é do seu time, cara.
— Por que tantas flores? — perguntei.
— Garotos podem gostar de flores — disse Oliver, meio na defensiva.
— Eu gosto de flores. E sou um garoto — emendou Alex. — É totalmente verdade.
— Wrigley também gosta — acrescentou Oliver. — Veja.
Ele pegou um anuário escolar antigo. Era vermelho, com o ano *1967* impresso na capa em números dourados enormes.
— O que é isso? — perguntei.
Oliver folheou os retratos até chegar à letra B.
— *Aqui*. — E deu uns tapinhas na página com o dedo.

Nigel Wrigley Booker

“Nada é mais perfeito que uma flor.” Nigel Wrigley Booker não descreve a si mesmo como um solitário. Ele é independente. Tem seus livros, suas poesias e seus escritos. Nigel não gostou muito do colégio e espera que a vida do outro lado seja um pouco mais bondosa e mais humana. (Morte à educação física!) Ele gostaria de publicar um livro de poesias em algum momento da vida, mas continuará escrevendo ainda que ninguém as leia. Poema favorito: “Fern Hill”, de Dylan Thomas. Melhor amigo: Sam Preguiçoso, a tartaruga que fica em cima da rocha atrás do colégio.

Logo que olhei para a foto em preto e branco, vi um Booker da nossa idade. A única diferença era que ele parecia mais velho, provavelmente porque a ausência de cores faz todo mundo ganhar alguns anos a mais. Ele usava uma gravata fina e um blazer antiquado; o cabelo raspado bem baixinho tornava as orelhas ainda mais gigantescas. Não sorria. Parecia meio derrotado.

— Onde você achou isso? — perguntei.
— No eBay — respondeu Oliver. — Alex descobriu onde Booker estudou, uma escola que fica a meia hora daqui, e em que ano se formou. Depois disso, levamos alguns meses procurando essa beleza na internet. Um cara estava vendendo tudo que encontrou no apartamento do pai, que tinha morrido. Um tal de Eddie Alva, formando de 1967. Foi sorte. Custou só quatro dólares, tirando o frete!
— E tem mais — disse Alex. — Mostre a ela.
Oliver passou mais páginas, chegando à letra T.
— Aqui estão as gêmeas. Sandra Tackett e Louise Tackett.

Elas eram tão parecidas que eu poderia jurar que alguém havia duplicado uma única foto, sem querer. Tinham cabelo escuro até os ombros e partido ao meio; ambas de pescoço esguio, ambas com um colar de pérolas, um suéter escuro de gola canoa e um lírio preso logo abaixo da clavícula direita. Era impossível diferenciar as duas. A biografia era a mesma, inclusive.

“Nem tudo que vemos é real.” As gêmeas Tackett gostam de pregar peças. É impossível dizer quem é quem, não apenas porque as duas se vestem igual, mas também porque falam e agem do mesmo jeito. Uma pode facilmente se passar pela outra, e há quem diga que se comunicam por telepatia, embora elas neguem. Tanto Sandra quanto Louise foram coroadas rainhas do baile de formatura do primeiro ano, porque nem o conselho nem seus acompanhantes conseguiram fazer distinção entre elas. Música preferida: “Paperback Writer”, dos Beatles. Melhor amigo: minha irmã gêmea.

— Repare no sorriso da Louise, aqui no cantinho esquerdo. É ligeiramente mais baixo que o da Sandra, tipo um centímetro. Vai que ela estava um pouquinho menos animada e não quisesse participar da brincadeira? Talvez porque ela não era quem a irmã queria que fosse, mas também não tinha força para se desvencilhar. O tipo de garota que se confessaria com uma tartaruga quando não tivesse ninguém por perto!

— Forçou a barra, Oliver — disse Alex. — Quase não dá para ver alguma diferença no sorriso delas. E mesmo se tiver, talvez tenha sido Sandra quem citou “Paperback Writer”, para que Booker soubesse que ela já acreditava no futuro dele como escritor, e aí é por isso que ela está com um sorriso ligeiramente maior. Com certeza Booker contou a ela que queria escrever um livro, naquela conversa que eles tiveram na floresta. Sandra sabia que ele ia entender. É ridiculamente óbvio. Talvez até mesmo profético, uma vez que *O ceifador de chicletes* nunca foi publicado em capa dura.

— Esperem. Vocês estão me dizendo que têm os nomes das verdadeiras gêmeas — atch e não tentaram descobrir mais nada a partir disso? Não fizeram nada com essa informação?

— Ah, *fizemos* — respondeu Oliver. — Mas temos um probleminha.

— E você não vai gostar — acrescentou Alex.

— Por quê?

— Sua Louise não está mais entre nós.

— Adivinhe o ano em que ela morreu? — disse Oliver.

— Como eu vou saber?

— Em 1989 — revelou Alex.

— Um ano depois... — começou Oliver.

— ... da publicação de *O ceifador de chicletes* — completamos todos ao mesmo tempo.

— E isso explicaria por que Booker nunca republicou o livro — opinou Alex.

— Por quê? — perguntei.

— *Porque...* ele o escreveu para Louise Tackett — explicou Oliver. — Estava tentando conquistar o coração dela! Então, se o coração dela tinha parado de bater, não fazia mais sentido manter o livro em catálogo. Pelo menos para o que interessava a Booker. *O ceifador* não é um romance, é uma carta de amor pública.

— *A não ser...* — contrapôs Alex — que ele tenha confundido as gêmeas, que eu é que esteja certo e Sandra Tackett foi o grande amor da vida dele. A gêmea que falava com tartarugas no riacho. E talvez Booker tenha se enganado esse tempo todo, pensando que tinha uma conexão com Louise, quando na verdade era com Sandra, e isso sim seria a maior tragédia de todas. Ainda pior que *Romeu e Julieta*. Mas se fosse isso, a Julieta de Booker não morreu e está até hoje esperando que ele descubra a verdade!

— Mas por que ela nunca o procurou depois que leu o livro?

— Exato! — exclamou Oliver.

— Talvez ela nunca tenha lido. Pensa só: além de nós três, e dos nossos professores, vocês conhecem alguém que tenha lido *O ceifador*? *Alguma* pessoa?

— Bem pensado — admiti. — Então por que a gente não procura Sandra Tackett?

— Fizemos isso — disse Oliver. — Como qualquer pessoa de South Jersey, ela mora a vinte minutos daqui.

— E o que estamos esperando?

— É um risco — alertou Alex. — E se eu estiver enganado? E se Sandra Tackett se irritar quando ler o livro? E se Booker não quiser que a gente se meta nisso? Tipo... ele não quer nem que a gente toque nesse assunto. E se Booker nunca mais falar com a gente? Talvez a gente esteja entrando numa área nebulosa ao desenterrar essa história.

Pensei sobre como eu tinha perdido o sr. Graves em um único instante e achei que não suportaria perder também Booker.

— Eu votei sim, em ir atrás dela — disse Oliver. — Alex votou não. Você vai desempatar.

— Eu?

— É — confirmou Alex. — Combinamos assim. Então, você que manda, Nanette.

— Vocês realmente têm o endereço dela?

— Aham — respondeu Oliver. — Ela é viúva. E bem gata, para uma senhora. Então, se Alex estiver certo...

— Já passamos algumas vezes pela rua dela e ficamos de longe vendo Sandra cuidar do jardim. Ela tem um jardim incrível... com uma horta e tudo. No outono, os girassóis chegaram a dois metros de altura! E ela é bem ágil para a idade que tem, parece uma aranha se movimentando. Ficamos de olho nela para o velho Booker. É o mínimo que posso fazer depois de ele trocar tantas cartas comigo e me incentivar tanto a escrever, me indicando um monte de livros. Ele me apresentou Larkin e Bukowski. É o melhor professor que já tive, mesmo sem ser exatamente meu professor. Tenho medo de estar errado e estragar tudo. De passar dos limites.

De novo aquela expressão, “ultrapassar um limite”, e novamente pensei no sr. Graves. Conhecer a Stella — a vida real, conhecer mais um personagem de *O ceifador de chicletes*, era uma ideia quase irresistível — assim como beijar o sr. Graves no Dia dos Namorados... será que eu não aprendia nunca? Mas aquilo era diferente. Era por Booker, não por mim. Não era?

— Então, qual é seu voto, Nanette? — perguntou Oliver. — É a hora da verdade.

— Preciso pensar.

— Maldito anticlímax! — exclamou Oliver.

Bem nessa hora, a mãe dele reapareceu.

— Oliver tem aula amanhã — disse ela, como se o garoto tivesse seis anos e não catorze.

— Mãe!

— Já estamos indo — disse Alex. — A gente se fala amanhã, Oliver.

— Legal te conhecer, Nanette. É um prazer ter você no nosso time.

— É um prazer fazer parte do time.

Enquanto eu me despedia, vi no rosto de Oliver a mesma bondade que tinha visto muitas vezes no de Alex.

Será que era aquilo que atraía os valentões? Será que eles tinham a necessidade de esmagar aquela bondade nas pessoas? Alex os chamava de “bonitos”, talvez para efeminá-los, ou talvez porque geralmente são os mais populares e, portanto, considerados os mais bonitos. Só que, para mim, beleza não é algo do que se envergonhar, e mesmo Oliver e Alex tinham uma suavidade no olhar e no sorriso que eu achava radiante. Podia não ser uma beleza sensual, mas passava a sensação de que ficaria tudo bem, ainda que por apenas um ou dois segundos. O sr. Graves também tinha isso.

Assim que entramos no carro, dei uma bronca em Alex:

— Seu maldito! Escondendo todas essas informações de mim!

— Eu não podia trair a confiança do meu parceiro.

— Quantos segredos — comentei. — Até que é sexy.

— Sou um homem de mistérios infinitos — brincou ele, erguendo a sobrancelha sugestivamente.

— Você sabe que as duas teorias são absurdamente implausíveis. Não dá para ver uma diferença nítida nos sorrisos. E “Paperback Writer” era uma música muito famosa na época, talvez a preferida de muitos adolescentes. Sem contar que existem gêmeos em quase todo colégio de grande porte. Claro que são muitas semelhanças entre os nomes do anuário real e os nomes dos personagens, mas pode ser que Booker tenha simplesmente usado elementos do que ele vivia e criado uma história em cima disso, não acha?

— Booker, que vive dizendo que “a ficção não existe”.

— Verdade.

— Mas esses detalhes e teorias, sejam inconsistentes ou sólidos ou um pouco dos dois... isso é tudo que temos... *tudo*... para a investigação.

— Antes de mais nada, *pra quê* investigar essas coisas? Por que não podemos deixar Booker em paz?

Lá no fundo, no entanto, eu sabia que jamais resistiria à aventura.

— Todo mundo precisa acreditar em alguma coisa... torcer por alguma coisa. — Ele citou *O ceifador de chicletes*: — “Uma vida bem vivida é confusa.” Sabe? Talvez seja... Sei lá, é o que a gente tem no momento, só isso. Um projeto em conjunto. Eu, você e Oliver. Afinal, a gente nem teria se conhecido não fosse por Booker. Nós dois nunca teríamos nos beijado. E agora podemos usar o mesmo livro que mudou nossa vida para mudar a vida de quem o escreveu. Isso não é incrível? É o equivalente literário ao “dai e recebereis” de Deus.

— Isso se a sua teoria sobre Stella — atch estiver correta. É só uma hipótese. Se você estiver enganado, não vai ser nada bom.

— Bem, às vezes a gente tem que se arriscar.

— Então por que você votou não?

— Para que precisássemos de um desempate e Oliver já adorasse você de cara.

Fiquei feliz em ouvir aquilo, mas me lembrei novamente do sr. Graves e comecei a ficar nervosa. Resolvi mudar o assunto.

— Oliver ama você.

— É, pois é — disse Alex, com um sorriso.

— Você mostrou a ele. O nosso livro.

— Ele precisa tanto quanto a gente. Não acha?

Eu me inclinei e dei um beijo em Alex.

— Por que você não tinha uma namorada antes de a gente se conhecer? Como pôde gostar de mim?

Ele apenas sorriu, botou para tocar “What Death Leaves Behind” e engatou a marcha.

Era uma noite fria de outono, ainda mais com a capota aberta. Ligamos a calefação no máximo, aproximando as mãos e os pés das saídas de ar, mesmo queimando um pouquinho.

— Você sabe que a gente *vai* falar com a Sandra — disse Alex quando chegamos a minha casa.

— Eu sei. Só não sei se devemos.

— Acho que *precisamos*.

— E por que mesmo?

— Porque se não tentarmos, nunca saberemos.

— Não saberemos o quê?

— Se é possível o amor vencer.

— Será que é? — perguntei, e não era deboche. Minha voz até falhou um pouco, e meu coração começou a bater acelerado; era como se estivessem apertando o ponto exato em que a garganta encontra o tórax. Eram forças perigosas em jogo, e Alex parecia só ligeiramente menos assustado que eu.

Ali, dentro do carro sob a iluminação da rua em frente a minha casa, à vista de todos os vizinhos, nos beijamos por um bom tempo. E eu não me importava.

Peguei a mão de Alex e a levei ao meu peito. Ele não se afastou.

Alex me tocou com delicadeza, e era bom ser tocada.

— Sabe o que eu lembrei agora? — falei, depois dos beijos. — Não vi nenhuma assinatura no anuário de Eddie Alva.

— Não tinha nenhuma.

— Nem umazinha? *Ninguém* assinou o livro dele?

— Não.

— Então por que será que ele guardou aquilo a vida toda? Se não tinha nenhum amigo no colégio? Que coisa mais triste.

— Também não sei.

— O que está escrito na bio dele?

— Não tem texto, só a foto e o nome: Eddie Alva. Ele parece angustiado na foto. Não está sorrindo. Com certeza não era um dos bonitos. Sobrancelhas grossas, nariz torto... Só de olhar dá para ver que odiava a escola. Acho que a bio em branco diz tudo. O equivalente simbólico de mostrar o dedo para o time inteiro de futebol.

— E ele guardou o anuário mesmo assim.

— Talvez tenha guardado para nós, Nanette.

Era tentador acreditar naquilo; havia poesia na ideia. Como se, de repente, o universo conspirasse a nosso favor. Mas também era deprimente. Em vida, Eddie Alva nem sabia da nossa existência. O fato de ter guardado o anuário escolar, sem nenhuma assinatura, por cinco décadas, faz qualquer pessoa querer se encolher em posição fetal e chorar por ele. Eddie tivera um filho, então talvez houvesse conhecido o amor em algum momento da vida, tentei me consolar. Ao menos uma vez na vida tinha feito sexo, isso era certo. E talvez ele amasse os colegas da escola a seu próprio jeito — um pouco como às vezes amamos os vilões das histórias porque são parte essencial da trama. Talvez Eddie Alva tivesse isso, um grupo de colegas que ocupava aquela parte de sua história pessoal. E isso me lembrou Shannon, de quem eu sentia falta, uma saudade meio melancólica, apesar da certeza de que não queria mais contato com ela. Provavelmente eu nunca deixaria de pensar nela e nas outras garotas do time. O Dragões do Arco-Íris sempre faria parte da minha psique, fosse de um jeito bom, ruim ou indiferente, e era assim que eram as coisas. Foi aí que me toquei: era provável que nenhuma delas assinasse meu anuário, porque já nem olhavam mais para mim, o que seria triste, mas de certa forma não me afetava.

Quando entrei em casa, encontrei minha mãe sentada no sofá.

— Belo show.

Engraçado: achei que ela estava orgulhosa. Por me ver crescendo, finalmente namorando, fazendo o que as garotas faziam na minha idade. O que *ela* fazia quando era líder de torcida na escola. E de repente ela mudou de assunto, como se colocasse uma faca no meu pescoço.

— Seu pai saiu de casa.

— *O quê?*

— Pois é.

— Quando?

— Faz umas três horas. Surtou. Você perdeu.

— Ele já foi?

— Pode ligar para ele se quiser uma explicação.

— Qual é a *sua* explicação?

— Não tem nada a ver com você.

— É por causa do que eu fiz? Porque larguei o futebol?

— Não seja ridícula. Claro que não. — Ela falava voltada para a janela, evitando meu olhar.

— Quando ele volta?

— Acho que ele não vai voltar, meu bem. Sinto muito.

Havia lágrimas em seus olhos, mas entendi que ela acreditava ser a melhor solução; que aquilo era o ato final de uma história que vinha sendo ensaiada havia muito tempo.

Liguei para meu pai do meu quarto. Com o noticiário ao fundo, e ele repetiu o que minha mãe havia falado, explicando que a separação não tinha nada a ver comigo nem com a minha decisão de sair do time.

— Acho que nós dois já sabíamos que seguiríamos caminhos diferentes quando você saísse de casa para a faculdade, mas não conseguimos chegar até lá. Foi quase. Sinto muito, filha. As pessoas deixam de se amar. É assim que são as coisas. Mas nosso amor por você não mudou. Nunca vai mudar.

Então todo mundo sentia muito.

Como se isso fosse de alguma ajuda.

Meu pai prometeu jantar comigo duas vezes por semana e disse que veríamos como ficariam as coisas quando encontrasse um lugar para morar, porque ele ficaria em um hotel por um tempo. Eu continuaria morando com minha mãe, naquela casa em que havíamos morado todos juntos minha vida inteira.

Perguntei se algum dos dois estava com outra pessoa e ambos negaram. Queriam ficar um tempo sozinhos. Preferiam ficar sozinhos, porque estar junto era pior.

Bem ali, naquele ponto exato do tempo, transferei minha lealdade para o time Stella Patch e Sandra Tackett.

Pelo menos ali ainda havia uma chance.

Eu queria acreditar que ainda era possível o amor vencer no final.

Liguei para Alex.

— Eu voto sim.

O clube das famílias despedaçadas

— Meus pais se separaram. Ele saiu de casa uns dias atrás — contei a Booker. Estávamos na casa dele, sentados na sala. — É meio irônico. Foi eu me apaixonar pela primeira vez que meus pais terminaram... como se estivessem esperando que eu assumisse o lugar deles. Me passaram a bandeira do amor, porque já estavam com os braços cansados.

— Bem, pelo menos você e Alex estão se dando muito bem.

— Como você soube que daria tão certo?

— Ah, tive um palpite.

— Quero dizer em relação ao momento em que isso aconteceu. Foi como... como se você soubesse que eu precisaria de um namorado quando isso acontecesse. Você sentiu que tudo isso seria necessário. *Você sabia*. Como?

— Pode ter certeza que eu *não* sabia sobre o problema dos seus pais. Não vamos dar asas a ideias mirabolantes. Só acho que todos os adolescentes de dezoito anos precisam se apaixonar. É por isso que existem coisas como festas e bailes de formatura, embora esses bailes não sirvam para todos. Você está em uma fase da vida em que precisa sentir as coisas fervorosamente, e acreditar com o mesmo fervor... É assim que são as coisas.

— Você já se apaixonou, Booker?

— Claro.

— E como foi?

— Não foi.

— Por que não?

— Falta de coragem, basicamente.

Pensei em Wrigley, que desiste quando está prestes a tocar a campainha da casa da garota que seria seu par no baile. E me lembrei das gêmeas da vida real,

que foram escolhidas rainhas do baile. Será que Booker tinha ido ao baile, na vida real? Ou teria ele vestido o smoking, levantado o dedo até a campainha e fugido no último momento possível?

— Você queria ter agido diferente?

— Claro. Todo mundo tem esse desejo.

— Qual era o nome dela?

— Por que acha que era “ela”?

— Era “ele”?

— Não, era “ela”.

Dei uma risada.

— Conta mais sobre essa mulher tão especial e misteriosa.

Ele desviou o olhar.

— Você nunca se declarou a ela? Como Wrigley em...

— Pode parar — retrucou Booker, apontando o dedo no meu rosto. — Nada de discussões sobre meu livro fracassado.

— Seu livro *não foi* um fracasso.

— Em qual critério ele foi bem-sucedido?

— É o meu livro favorito. E do Alex também. E de um garoto chamado Oliver, que Alex...

— Sei tudo sobre Oliver. Alex escreve sobre ele o tempo todo. Mas é esse o objetivo ao se escrever um livro? Ser o preferido de alguém? É por isso que escrevemos ou fazemos qualquer arte? Você acha que foi para isso que escrevi? Para vocês? Você, Alex e Oliver nem existiam quando eu enlouqueci com a literatura e enviei aquele conjunto de palavras desesperadas para um editor em Nova York. Não escrevi para vocês. Não mesmo.

Ele estava tomado pela raiva, o que não era comum em Booker.

— Para quem você escreveu, então? — perguntei.

— Você não vai conseguir respostas assim tão fácil — respondeu ele, com um sorriso irônico.

Não insisti. Mas logo em seguida me ocorreu algo totalmente aleatório.

— Não sei nada sobre seus pais. Vocês não se dão bem?

— Não conheci minha mãe. Ela foi embora de casa quando eu era pequeno. Para ficar com um homem mais bonito e mais rico, que ela conheceu no restaurante em que trabalhava como garçonete. Dr. Farrell. Provavelmente tiveram um caso tórrido nos fundos do restaurante, depois no motel e,

finalmente, na mansão do sujeito, do outro lado da cidade. No lado bom da cidade.

— Então ela não deixou só seu pai, ela deixou a família?

— Sim. Mas não a condeno. Não era um lar muito feliz. Meu pai era um homem fraco. Gosto de pensar que pelo menos *ela* foi feliz. Nunca mais a vi depois disso.

— Ela abandonou você?

— Ela me esqueceu totalmente. Teve outros filhos.

— Por isso você não confia nas mulheres?

— Você virou Freud? Quer que eu arranje um divã?

— Desculpa.

— Eu confio em você.

— Não o suficiente para me contar sobre o grande amor da sua vida. — De repente me senti eletrizada de novo, como se estivesse a um passo de descobrir a verdade. — Por acaso ela tinha uma irmã gêmea?

Booker não disse nada a princípio, o que era estranho. Uma tristeza tomou conta de seu rosto, mas depois de um tempo ele se recompôs.

— Não quero falar sobre meu passado. Quantas vezes tenho que dizer isso?

— Tudo bem. — Meu coração batia tão rápido que doía. Mudei de tática.

— Eu odeio meus pais. Mas também amo os dois. Na maior parte do tempo, só meio que cansei de ficar perto deles. Faz sentido? Amar e odiar alguém ao mesmo tempo?

— Sim, sinto dizer que faz sentido.

— Então, o que eu deveria estar fazendo agora?

— Como assim?

— Sei lá... Acabei de fazer dezoito anos e sei que deveria estar enlouquecida com o último ano da escola, me inscrevendo nas faculdades e fazendo planos... mas não tenho vontade de fazer nada disso, só quero ficar perto de você e do Alex.

— Bem, então fique feliz que também queremos estar perto de você. É muita sorte ter... ter exatamente o que queremos.

— Mas não vai durar para sempre. A partir do ano que vem, vai ser tudo diferente.

— Temos o agora. Ele é todo seu, meu e do Alex. Não é incrível?

Sorri para Booker ao ouvir isso.

— Ontem fui jantar com meu pai, e ele me disse que preciso escrever uma carta de apresentação impecável para as universidades, agora que não tenho mais o trunfo do futebol. Ficou falando sobre isso sem parar e não fez uma única pergunta sobre o meu agora. Acho que ele nem sabe sobre você ou sobre Alex.

— Pior para ele — retrucou Booker.

— Queria que você fosse meu pai.

— Não deseje uma bobagem dessas.

— Por que isso seria bobagem?

— Se eu fosse seu pai, não poderíamos ser amigos, ora. Você me odiaria. E eu seria obrigado a fazer você escrever *uma carta de apresentação impecável para as universidades*. Provavelmente não falaríamos de nada além disso. E com certeza eu não bancaria o cupido se fosse seu pai. Então, como podemos concluir, minha presença no papel de seu pai estragaria tudo que temos.

Pensei por um instante no que ele disse, e realmente fazia muito sentido.

— Booker, se ela reaparecesse na sua vida... o grande amor da sua vida... e quisesse ficar com você, você daria mais uma chance ao amor?

— Isso não vai acontecer.

— Mas e se fosse possível? Hipoteticamente.

— Somos pessoas diferentes hoje em dia. Pablo Neruda disse melhor do que ninguém: “Posso escrever os versos mais tristes esta noite.” Leia esse poema, se ainda não leu. Você vai se apaixonar por Neruda e lamentar que ele não tenha mais os seus dezoito anos... vai lamentar não tê-lo conhecido no Chile, décadas atrás. Eu poderia recitar o poema para você, mas acabaria chorando, e odeio chorar na frente de moças bonitas.

Engoli em seco, tomei coragem e comecei:

— “Houve momentos em que meu amor por ela me fez acreditar que eu era melhor do que realmente era... Ou será que ela me fez acreditar em meu potencial, tornou possível transcender a mim mesmo e apenas ser?” Booker, Nigel Wrigley. *O ceifador de chicletes*.

Ele arregalou os olhos. Um segundo depois, vociferou:

— Como você descobriu?

— Eu... — Mas não consegui inventar nenhuma explicação crível.

— Foi Alex? Ele lhe mostrou o anuário?

Eu não sabia o que dizer, então não disse nada. Booker ficou com o rosto vermelho, bastante exaltado.

— Não estou interessado em Sandra Tackett ou Louise Tackett, que Deus a tenha. E quero que você vá embora agora. Já!

— Desculpa. Eu só estava tentando...

— Saia!

Booker nunca tinha gritado comigo. O rosto dele estava ficando roxo, e tive medo de ele sofrer um derrame. Era devastador ver o ódio borbulhando em suas pupilas. Aquilo me assustou, então fui embora.

Ao sair, liguei para Alex e tentei explicar o que tinha acontecido.

— Fique aí — disse ele. — Já chego.

Alex apareceu com Oliver, que parecia abatido: os óculos remendados com durex e o rosto inchado de um lado.

— O que houve com você? — perguntei.

— Eu é que pergunto — retrucou Oliver.

— Entre — disse Alex.

Fomos até o local em que Alex e eu havíamos observado a lua de sangue, para trocar informações.

Os bonitos tinham provocado Oliver durante o almoço, jogando bolinhos de batata com ketchup no rosto dele, o que explicava as manchas vermelhas na camisa. Ele pediu ajuda ao inspetor, que levou dois ou três bonitos ao diretor, então os outros o atacaram a caminho de casa. Quebraram seus óculos e bateram nele, deixando hematomas nas costelas, como punição por ser “x-9”.

— Parece que a escola é uma prisão, e posso ser esfaqueado a qualquer momento — comentou Oliver, talvez tentando fazer graça da situação, mas ninguém riu.

— Eu vou na casa deles hoje à noite. Vou falar com os pais desses garotos.

— Não, Alex — pediu Oliver. — Só vai piorar tudo para o meu lado. Mas então, Nanette, o que aconteceu na casa do Booker?

Contei tudo, e tive a impressão de que eles não ficaram nem um pouco felizes com o vazamento das informações.

— Ele já sabia que você tinha o anuário — tentei me defender. — Alex mesmo contou a ele.

— Você falou do anuário para o Booker? — perguntou Oliver.

— Indiretamente. Meio que testando o terreno.

— Mas isso não foi a votação. A gente vota tudo!

— Verdade. Foi mal.

— *Foi mal?* — ecoou Oliver.

Sentindo a tensão no ar, resolvi ir direto ao ponto:

— Voto sim para entrarmos em contato com Sandra Tackett. Vamos lá agora mesmo.

— *Sério?* — disse Oliver, pelo que deduzi que Alex não tinha contado a ele.

— Sim — confirmei. — Eu topo. Estou dentro.

— Bom, então tá — disse Alex. — Você ouviu a moça, Oliver.

— Mas estou todo sujo de ketchup. Não quero conhecer a Stella real desse jeito!

— A gente passa na sua casa para pegar o anuário, a cópia que você fez de *O ceifador* e uma camisa limpa — propôs Alex.

— Preciso tomar banho. Não é todo dia que se conhece uma Sandra Tackett.

E lá fomos nós.

Enquanto dirigia, Alex volta e meia buscava meu olhar pelo retrovisor, já que eu estava sentada no banco de trás. Sempre que eu notava, ele abria um sorriso feliz, como se contássemos uma piada interna em silêncio — ou como se Oliver fosse nosso filho e estivéssemos organizando uma festa surpresa para o aniversário dele, por mais estranho que a ideia pareça. Eu sentia que não estávamos fazendo aquilo só por nós, que era uma forma de aliviar o péssimo dia que Alex tivera na escola. Estávamos tentando corrigir um erro. Era um alívio Alex não ter se irritado comigo, porque, quando saí da casa de Booker, me senti quase como no dia em que tentei beijar o sr. Graves.

Esperamos no carro enquanto Oliver tomava banho, e aproveitei e pulei para o banco da frente.

— Booker pirou quando falei sobre as gêmeas Tackett — comentei. — Me desculpa. Eu não devia ter falado aquilo para ele. Mas você já tinha contado sobre o anuário, então você nem tem muito direito de ficar com raiva de mim.

— É, não estou com raiva — disse ele, rindo.

Havia algo misterioso no jeito como ele falou.

— Você sabe mais do que está dizendo — deduzi.

— Talvez.

— Que tipo de jogo é esse?

— Não tem jogo nenhum.

— Sabe, perguntei ao Booker por que ele nunca fala sobre os pais, e ele me disse que...

— A mãe dele teve um caso com um médico e o abandonou. Triste.

— Você sabia?

— Aham.

— Aliás, você também nunca fala da sua mãe.

Ele deu de ombros.

— Ela fez o mesmo. Só que não foi por nenhum médico rico, nenhuma mansão nem nada. Simplesmente foi embora, quando eu tinha sete anos. Meu pai ficou arrasado, virou quase um zumbi depois disso. Ele é legal, me deu esse carro maneiro, mas não é muito presente na minha vida. Pelo menos não como Booker. Todo ano minha mãe me manda um cartão de Natal com uma nota de cem dólares dentro, mas meu pai tem tanto dinheiro que acaba tornando aquilo meio triste; irrelevante. Eu nem uso esse dinheiro que ela manda. Pego a nota e dou para a primeira pessoa que aparece na minha frente parecendo deprimida. É sempre um estranho. Eu dobro a nota bem pequena, para caber na palma da mão, aí me aproximo da pessoa e troco um aperto de mão, deixando o dinheiro com ela... mas nunca, jamais, falo com a pessoa. Se eu esperasse, elas me agradeceriam, e isso estragaria tudo. Tem sido uma tradição de Natal já faz um tempo. Fora isso, não tenho nenhum contato com minha mãe.

— Você não confia mais nas mulheres?

— O quê? — Ele riu.

Descarto essa ideia e continuo:

— E o pai do Oliver?

— Mais ou menos a mesma história que a nossa.

— Nossa?

— Agora você também não tem mais pai.

Fiquei chocada ao ouvir aquilo, pois só então percebi que agora eu também fazia parte do clube das famílias despedaçadas.

— Ele não me abandonou — retruquei, tentando me enganar. — Toda semana a gente sai para jantar.

— E isso faz você se sentir melhor?

Desviei o olhar.

Oliver apareceu na porta de casa com um par de óculos reserva pequenos demais para seu rosto e uma camisa de botão. Trazia o anuário e a xerox de *O ceifador*.

— Você roubou meu lugar!

— O carona é de quem chegar primeiro! — disse Alex. — Vá no de trás, meu jovem.

Partimos rumo ao endereço de Sandra Tackett.

No mesmo porão onde você se encontra agora

Na casa branca com duas macieiras na frente e um grande jardim à direita, uma mulher de idade próxima à de Booker atendeu à porta.

— Pois não?

Ela usava um vestido laranja de algodão e um suéter branco. O cabelo era grisalho e elegante, com uma leve ondulação ao lado direito. Nos olhos, uma sombra grafite que eu quis copiar na hora, embora nunca tenha usado sombra. Em Sandra, não tinha o efeito vulgar que eu notava na maioria das garotas do colégio (que pesavam a mão na maquiagem e ficavam um horror), pelo contrário: dava um ar misterioso e até majestoso, como algo que uma rainha usaria.

— A senhora é Sandra Tackett? — perguntou Alex.

— Isso. E vocês, quem são?

Alex nos apresentou.

— Essa aqui é a senhora? — Oliver foi logo perguntando, mostrando o anuário de 1967.

— Mas de onde vocês tiraram isso? — reagiu ela, e deu uma risada muito agradável. — Na verdade, eu sou a da foto ao lado. Eu e minha irmã gêmea trocamos de lugar de brincadeira, para enganar as pessoas.

Alex, Oliver e eu trocamos olhares.

— Então... posso perguntar o que os trouxe à minha porta com esse anuário escolar?

— Somos amigos de Nigel Booker — falei. — Você se lembra dele? Da sua turma do último ano.

— De onde vocês conhecem Nigel? — perguntou ela.

— Tecnicamente, somos fãs dele — respondeu Alex.

— Nigel tem fãs hoje em dia?

— A senhora leu o livro dele? — perguntou Oliver.

— Não, não li.

— Foi publicado em 1988, mas saiu de catálogo pouco tempo depois — explicou Alex. — A gente acha que duas personagens do livro podem ter sido inspiradas na senhora e na sua irmã.

— Que honra — disse ela, levando a mão ao colo, em um gesto típico de lisonja. — Por que ele escreveria sobre *nós*?

Aquela pergunta não era bom sinal para o Time Stella. Se Sandra fosse a gêmea certa, saberia exatamente por que Booker escreveria sobre elas. Embora, sejamos justos, fizesse quase cinquenta anos desde o encontro dos dois na floresta, então ela podia muito bem ter esquecido. Ou podia estar se fazendo de desentendida, como agia com a irmã — pelo menos no livro.

Deixando de lado nossas teorias, o fato era que a mulher diante de nós tinha se animado com o que estávamos contando, e isso me deixava com receio, porque e se ela fosse a gêmea má? Não tinha a menor chance de ela gostar do livro de Booker se fosse a irmã errada. Nós nos sentíamos mexendo com uma dinamite emocional.

— E é uma história de amor — contou Oliver. — Talvez seja até uma *carta de amor*.

— É um mistério, que temos esperança de solucionar com sua ajuda — disse Alex. — Gostaríamos de entrevistá-la depois que a senhora ler o livro.

— Por que não perguntam ao próprio Nigel o que querem saber? Afinal, ele é o autor. Certamente vai poder explicar tudo a vocês.

— Ele não fala mais sobre o livro — esclareceu Alex. — Ele decretou embargo a qualquer discussão sobre a obra.

— *Por quê?*

— Bem, nós acreditamos que ele tenha tido uma grande decepção amorosa. Que ainda sofra por sua causa.

— Mas isso seria deliciosamente lascivo! — exclamou a mulher, com um sorriso enorme, as mãos novamente no coração. Bom indício para o Time Stella. — Onde posso conseguir um exemplar desse livro?

— Está fora de catálogo, como explicamos — respondeu Oliver. — Mas fizemos uma cópia para a senhora.

Alex prontamente pegou o exemplar xerocado.

— Gostaríamos muito que a senhora lesse e nos respondesse algumas perguntas depois.

— Bem, parece bastante interessante. E tempo é o que não me falta hoje em dia.

Alex entregou o livro a ela e concordamos em voltar no final da semana. Estava feito, não tinha mais volta.

— Eu vou na frente! — gritou Oliver ao nos dirigirmos ao carro, apropriando-se do banco da frente.

Dali, fomos à casa de Oliver. Alex e eu entramos para falar com a mãe dele, enquanto o próprio Oliver foi direto para o quarto e bateu a porta. Alex se comprometeu a ir à casa dos garotos que o tinham agredido, para conversar com os pais deles, mas avisou que ela precisava falar com a direção da escola. Apesar de ela ter concordado, tive a impressão de que não ia de fato fazer o que Alex sugeria, porque insistia em dizer que ligaria dali a alguns dias, quando a poeira baixasse, enquanto Alex ressaltava que era importante tomar uma providência imediatamente.

— Ele precisa de um defensor. Dois seria ainda melhor — opinou Alex.

Eu via que ele estava tentando fazer a coisa certa, fazer algo que mudasse a vida de Oliver, mas ao mesmo tempo queria lembrá-lo de que ele também era só um garoto, não o pai de Oliver.

Era uma casa bem pequena; quem estivesse no quarto provavelmente ouviria a conversa toda. Deixei a sala e fui ver como estava Oliver. Ele fingia ler *O ceifador de chicletes*, mas olhou para mim rápido demais quando bati à porta e entrei.

— Você está bem? — perguntei.

— Aham. E você?

— Também.

Sem saber o que mais dizer, voltei para a sala e esperei. Alex decidiu tomar a iniciativa de ligar logo para a escola, mas quando o atendimento eletrônico surgiu na linha e ele estendeu o telefone para a mãe de Oliver, ela se recusou a pegá-lo. Alex deixou um recado pedindo que ligassem assim que possível.

Na volta, quando paramos na porta da minha casa, Alex comentou:

— Você mal abriu a boca durante nossa visita a Sandra Tackett. Oliver e eu falamos sozinhos.

— Não acho uma boa ideia você ir conversar com os pais daqueles garotos hoje à noite — falei, mudando completamente de assunto.

— Por que não?

— Porque você não é pai do Oliver. É só um adolescente, como eu. E em oito meses a gente vai se formar e...

— O garoto é massacrado todo dia. A gente tem que fazer alguma coisa.

— Uma porção de garotos é massacrada todo dia, em todas as escolas do país.

— Exato.

— Eu também me sinto massacrada, Alex. — As palavras saíram sem pensar. — Nem sei mais o que está acontecendo comigo.

— Como assim?

— É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, me sinto meio que à deriva, não sei.

— À deriva? Porque seu pai saiu de casa?

— Também.

— O que mais?

— Estou com medo de termos perdido Booker também.

— Não o perdemos. Confie em mim — disse Alex, e me deu um beijo, sua boca quente e com um gosto levemente adocicado por causa do chiclete que estava mastigando.

— Que chiclete é esse? Aquele de hortelã da Wrigley's? — Alex vivia tentando incorporar seu personagem favorito.

— Claro! Que outra marca eu compraria?

Tive um pressentimento ruim, embora não soubesse explicar. O chiclete em si não era problema, mas eu estava começando a achar que aquela idolatria estava indo longe demais.

— O que você vai dizer para os pais dos garotos?

— Vou ser um ciclope.

— O que pretende fazer? Fechar um dos olhos e fingir que está soltando raios de luz?

Não foi minha intenção, mas meu comentário soou bastante sarcástico.

— Você não sabe o que Oliver passa. Alguém precisa fazer alguma coisa. Vou conversar com os pais dos garotos, tentar fazer com que entendam.

— Quando eu tinha a idade do Oliver, todo mundo me chamava de sapatão quando passava por mim. Eu fingia que não me incomodava. Não sei se isso é pior ou melhor do que ter os óculos quebrados, mas hoje em dia ouço coisas homofóbicas ainda piores.

— Sério? Por quê?

— Não faço a menor ideia. Eu nem sou lésbica. Não sei por que eles fazem isso, como se fosse horrível ser chamada de lésbica. Mas se eu não sou homofóbica, por que isso me incomoda? Não entendo.

— Quais os nomes dos garotos que fazem isso com você?

— As garotas também fazem.

— Diga o nome de todo mundo.

— É sério, isso?

— Muito sério.

— É muita gente. O que você faria se eu lhe desse uma lista de nomes?

— Eu resolveria o problema.

— Como assim? Você não pode sair enfrentando todo mundo, Alex.

— Claro que posso! — exclamou ele, sua voz falhando. — A gente tem que enfrentar todo mundo que for preciso, senão nada muda! *Nada!*

Ficamos em silêncio por um tempo, até que pedi:

— Não faça nada arriscado. Você me promete?

— Que risco eu corro em conversar com uns coroa conservadores? — Naquele momento, seu sorriso me disse que a raiva havia passado e que ele estava no controle outra vez. — Será que vão me obrigar a cortar a grama perfeita do jardim deles? A lavar seus carrões?

— Não sei. Só estou com um pressentimento ruim.

— Então vamos mudar isso — disse ele, já se aproximando para um beijo.

E depois de um tempo eu saí do carro para entrar em casa.

Encontrei minha mãe bebendo vinho sozinha na cozinha. Restava apenas um terço da garrafa.

— Está tudo bem, mãe?

— Sim, tudo bem. — Suas palavras saíam apenas ligeiramente arrastadas.

— Eu estava guardando esse vinho Diamond Creek Gravelly Meadow de 2002 para uma ocasião especial, e achei que hoje podia ser esse dia. Você acha que a gente precisa reformar a cozinha? Estou aqui sentada olhando em volta e parece que estamos vivendo sete anos no passado. Precisamos dar uma renovada!

— Há... pode ser.

— Exato, uma reforma imediata!

— Tipo... agora?

— Não existe melhor momento que *o agora*.

— Podemos esperar até eu me formar? Não sei se aguento mais mudanças.

— Deixamos para o verão, então?

— É, se for possível. Eu prefiro. Até lá, talvez já tenham surgido outras novidades. Eletrodomésticos melhores. Talvez existam robôs que cozinhem e limpem tudo. A gente pode esperar até lá?

— Por você, Nanette — disse ela, apontando para meu rosto —, eu espero. Por você.

— Obrigada, mãe.

— Você está usando proteção com aquele menino?

— O quê?

— Quer começar a tomar pílula?

— Hum, vou para o meu quarto.

— Seja inteligente, Nanette. Conversamos melhor no café da manhã. Faça sexo seguro! É como dizíamos na minha época: sem proteção, sem amor!

Chocada, fui para o meu quarto e me deitei na cama. Eram tantos pensamentos fazendo minha cabeça girar que fiquei enjoada.

Peguei meu exemplar de *O ceifador de chicletes*, abri aleatoriamente na página 71 e li o primeiro trecho que vi:

Eu soube que tinha chegado ao fim da infância quando percebi que os adultos na minha vida não conheciam mais do que eu sobre a vida — então, como um flash, entendi que tudo que havia se passado até aquele exato momento era uma espécie de jogo organizado pelos supostos adultos, que piscavam uns para os outros quando ninguém estava olhando... Pessoas fingindo ser o que não eram, como Papai Noel, Coelhinho da Páscoa, treinadores esportivos, professores, nossos heróis também. Mas a triste realidade era que nenhum deles era melhor que nós. Muitas vezes, aliás, eram bem piores, porque estavam neste planeta havia mais tempo e, portanto, tiveram mais oportunidades de absorver vícios, preocupações e tristezas.

Aquelas palavras fizeram minha mente parar de girar, apenas porque senti que alguém já tivera todos os meus pensamentos, o que era reconfortante. Como saber que houve sobreviventes a um tornado e que eles estão escondidos no mesmo porão onde você se encontra agora, então continuei lendo até não existirem mais palavras no livro — como eu já fizera tantas e tantas vezes —, e só assim consegui dormir.

Eles não fugiram. Correram ao encontro da lava que eu despejava

No dia seguinte, liguei para Alex assim que acordei, mas ele não atendeu, e meu estômago começou a se revirar. No caminho para a escola, liguei outras vezes e mandei várias mensagens, dizendo que era importante e pedindo que ele me ligasse assim que possível. Nenhuma resposta. Já próximo do meio-dia, quando pude olhar o celular mais uma vez, havia uma mensagem de voz da mãe de Oliver.

Alex foi preso ontem à noite. Ele deu um soco no pai de um dos garotos que implica com Oliver. A polícia veio interrogar Oliver hoje cedo. Ele não foi à escola, está em casa sozinho, porque tive que vir trabalhar. Oliver está com medo. Você pode vir ficar com ele? O pai de Alex disse à polícia que o filho deve ficar preso para aprender a lição. Temo pelo que pode acontecer. Se você puder ajudar Oliver durante o dia, agradeço muito, mesmo que só dê uma passada lá em casa depois da escola, para conversar um pouco com ele. Obrigada.

Saí da escola na mesma hora — a segunda vez que eu matava aula em toda a minha vida. Quando cheguei em casa, peguei na garagem minha antiga bicicleta de corrida e saí pedalando feito louca. Levei pouco mais de uma hora para chegar à casa de Oliver. Prendi a bicicleta na cerca de arame e bati na janela do quarto dele três vezes, como Alex fazia.

Ao abrir a cortina, Oliver não conseguiu disfarçar a decepção por não ser Alex. Ele abriu a tela para eu entrar.

— Você está bem? — perguntei.

Ele fez que sim, mas não parecia nem um pouco verdade.

Oliver estava com o cabelo desgrehado e com um pijama com estampa de flores cor-de-rosa, provavelmente feito para meninas. Logo me perguntei como

a mãe dele encontrara um tamanho tão grande; e por que Oliver usaria aquilo, ainda mais estando sozinho em casa? A única resposta possível era que ele provavelmente *gostava* do pijama.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Eu não queria que Alex fosse na casa daqueles garotos. Ele me obrigou a dizer onde eles moravam, disse que ia dar tudo certo. E agora está preso.

— O que foi que disseram?

— Que Alex bateu no pai do Pete Mandrake. Deu um soco na cara dele.

— Por quê?

— Ele não gosta dos bonitos, dos aterrorizadores, como gosta de dizer. Eu também não gosto deles, mas isso... Ele não devia ter feito isso.

— Ele ainda está na cadeia?

— Acho que sim.

Cadeia.

Soava horrível.

Um lugar feito para os outros, não para as pessoas que conhecemos.

— Eles vão acabar comigo quando eu voltar para a escola.

Lágrimas se formavam nos olhos de Oliver. Eu o abracei, e choramos juntos. Me peguei acariciando o cabelo dele, como se fosse sua mãe, algo que me deixou abismada. Nunca tinha pensado em mim como alguém maternal. No entanto, ali estava eu, consolando aquele menino.

— Esses garotos não vão mais tocar em você, todo mundo vai estar de olho neles... os professores, a polícia... Você vai ver. Vão deixar você em paz agora.

— Mas e Alex?

— A que distância fica a delegacia?

— Uns vinte minutos a pé.

— Você tem uma bicicleta?

— Aham.

— Perfeito. Pegue seus óculos quebrados. Vamos à delegacia visitar Alex. Talvez deixem a gente entrar se ficarem com pena de você.

Levamos apenas dez minutos de bicicleta, mas a mulher que nos recebeu na delegacia alegou não ser permitida nossa entrada.

— Não vai ser possível.

Tentei argumentar com os óculos quebrados de Oliver, mas não adiantou.

Quando eu estava quase desistindo, um policial atrás da mulher nos viu e se levantou, indo na direção da mulher que nos atendia.

— Foi esse cara que me interrogou hoje — comentou Oliver, acenando.

— Deixe-os entrar, Cheryl — ordenou o policial.

A mulher fez cara feia, contrariada.

— Por que ter normas se você ignora todas?

— Almoço por minha conta hoje, que tal?

— Você que sabe.

Ouvimos um zunido, e a porta que nos separava do interior da delegacia se abriu. Fui apresentada ao policial, Damon, um homem de costeletas compridas e finas e um pequeno laço preto amarrado no polegar. Fomos levados a uma sala idêntica às que a gente vê nas séries, onde os criminosos são interrogados. As paredes, o teto, o chão: tudo era de cimento queimado, com a exceção de uma mesa de madeira e as quatro cadeiras. Não havia janela. Uma luz forte pendia da escuridão do teto alto. Só achei estranho que houvesse um frigobar no canto da sala.

— É aqui que vocês dão uma dura nos criminosos? — perguntei. — Faz aquele jogo do policial bonzinho com o policial durão?

— Não. Esta é a sala dos funcionários. É onde almoçamos. A gente não dá dura em ninguém aqui dentro. Duro é engolir a comida que servem para a gente.

Ele abriu um sorriso largo que parecia genuíno.

Apesar de tudo, consegui retribuir o sorriso. Gostei do cara.

— Você é a namorada de Alex? — perguntou o policial.

— Não gostamos de rótulos, mas, formalmente, digamos que sim, para facilitar a situação. Podemos vê-lo?

— Alex queria ligar para você quando teve a chance, mas, como é menor de idade, precisamos entrar em contato com os pais dele. O pai já se encarregou da situação. Mas eu dei seu número para Oliver e a mãe dele. Alex pediu que eu fizesse isso.

— Ele só estava tentando me proteger daqueles garotos que batem em mim e quebram meus óculos — disse Oliver. — Isso não é crime. Já expliquei tudo hoje de manhã. Soltem Alex, por favor!

— Tem razão, não é crime enfrentar garotos brigões — disse Damon. — Crime é agressão física. E sinto dizer que seu amigo está em maus lençóis. Vou deixar vocês conversarem, aproveitem para tentar botar algum juízo na cabeça dele. Queremos o melhor para todos. Estou começando a achar que ele está

orgulhoso por ter sido preso, e isso não vai ser visto com bons olhos durante o processo.

— *Processo?* — repeti.

— Ele agrediu Peter Mandrake. Já confessou. E o sr. Mandrake abriu queixa. É coisa séria.

Senti meu estômago se revirar de novo.

— Então, garotos, tentem ajudar Alex a entender a gravidade da situação.

O policial nos conduziu a uma pequena cela bege que devia ter cerca de dois metros e meio por um e meio. Não havia janelas, e a lâmpada do teto, que ficava fora da cela, projetava sombras no rosto de Alex através das barras. Foi horrível vê-lo trancafiado como um animal, mas eu sabia que ele havia agido como um animal que precisava ser enjaulado, e isso era assustador.

— Você está bem? — perguntei.

— Nunca estive melhor — respondeu ele, levantando-se da cama estreita.

— Me sinto Henry David Thoreau. Nelson Mandela. Jesus Cristo, até.

— Isso não é brincadeira — retruquei. — Prestaram uma queixa formal contra você.

— Que bom.

— O quê?

— Eu disse “que bom”.

— Você pode ser preso.

— Já estou preso.

— Preso de verdade.

— Duvido. Em primeiro lugar, sou menor de idade. E se enfiassem na prisão todo mundo que bate em alguém, não sobraria muita gente do lado de fora. Por que não prendem o garoto que bateu no Oliver? Por que ninguém está vendo essa parte da história?

— Eu não queria que você fizesse aquilo — comentou Oliver.

— Eu sei. Mas era necessário. E me senti mais vivo do que nunca. Como se finalmente eu mandasse na situação... como se eles finalmente soubessem que não vou mais tolerar.

— Tolerar o quê? — perguntei.

Ele sorriu e citou *O ceifador*:

— “Pois não podem me tornar um participante sem minha permissão.”

Eu não sabia o que dizer. Eu mesma havia sublinhado aquela passagem e relido muitas vezes, era um trecho maravilhoso, mas o significado era outro ao

ver atrás das grades o único garoto que eu já tinha beijado. Talvez aquilo fosse um problema da literatura: ela fazia sentido apenas no abstrato, não oferecia ajuda na vida real, que exigia muito mais coragem do que o necessário para virar páginas sozinho, escondido do mundo num canto, na cama, debaixo de uma árvore.

— Estou escrevendo poesia aqui — contou Alex. — A experiência tem sido uma musa para mim. As palavras jorram! Fiz um poema sobre a noite passada chamado “Há poder no conhecimento”.

Só então reparei no caderno sobre a cama, uma caneta repousando em cima. Nem sei como deixaram que ele ficasse com aquelas coisas dentro da cela.

Quando percebeu meu olhar, Alex foi até a cama, pegou o caderno, arrancou a folha com o poema e me entregou por entre as barras.

Com medo de que confiscassem as palavras dele, guardei o papel correndo, no bolso da calça.

— Que prazer é esse em escrever poesia na cadeia, Alex? *Você ficou maluco?*

— Como assim? A cadeia é o lugar perfeito para a poesia! A poesia é a língua dos oprimidos!

Ele parecia um louco.

— E a nossa missão? — questionou Oliver. — E Sandra Tackett? E o mistério que a gente ia desvendar?

— Tudo a seu tempo, meu amigo. Tudo a seu tempo.

— Alex, você está na cadeia — tentei novamente. — *Na cadeia!* Isso é grave. Você não pode sair por aí socando as pessoas.

— Eu não “saí por aí socando as pessoas”. Estava defendendo Oliver e os direitos de todos que já estiveram no lugar dele. É uma questão de princípios. Não tenho medo de pagar o preço pelas minhas convicções. Wrigley entenderia.

— Você perguntou ao Booker o que ele achava disso?

— Booker é um velho. Não se pode pedir conselhos a um velho sobre algo que deve ser feito por um jovem. Mas eu posso ler *O ceifador de chicletes*. Com certeza. E o li um milhão de vezes!

Alex estava com o olhar de um louco. Eu estava assustada, mas ao mesmo tempo me sentia fascinada com a honestidade dele na conversa. Nem a cadeia tinha conseguido obrigá-lo a vestir uma máscara e mentir para o mundo. Era loucura, clara e simples, mas uma loucura sedutora. Como estar diante de uma grande fogueira, dançante e cheia de calor e de luz, uma fogueira que também

continha em si o perigo de me consumir. Por quanto tempo mais eu poderia permanecer ali?

Finalmente, Damon apareceu para encerrar a visita.

Alex agarrou as barras da cela, mas foi com uma voz suave que disse:

— Eu te amo, Nanette.

Era a primeira vez que um garoto se declarava para mim. Fiquei sem reação. Estávamos em uma delegacia.

Oliver e o policial estavam ali.

E, acima de tudo, eu não tinha mais tanta certeza de que amava Alex e não queria mentir, então apenas assenti e acompanhei o policial para fora dali.

— Por que você tem um laço preto amarrado no dedão? — perguntou Oliver quando o policial ergueu a mão para liberar a porta de segurança.

— Não precisa responder — falei para Damon.

— Não, tudo bem. É justamente para que me perguntem. Meu filho foi raptado e morto há dez anos. Ele tinha seis anos. *Por isso o número 6.* — Um a um, Damon levantou os dedos da mão direita. E, por fim, o polegar esquerdo. — Seis. Ele teria mais ou menos sua idade, Nanette. Estava voltando do colégio e foi sequestrado, em plena luz do dia. Jogaram Joshua numa van e foram embora. E de repente meu filho se foi. Não posso trazê-lo de volta, mas posso, como policial, contribuir para a segurança na cidade. Entrei para a polícia depois do incidente.

— Então você não espancou o sequestrador? — perguntou Oliver. — É essa a moral da história? Você fez o oposto do que Alex fez.

— Eu queria *matar* o sequestrador do meu filho. Ele está preso hoje. Prisão perpétua. Mas não, não bati nele. Eu tento proteger as pessoas e ajudo jovens como seu amigo. Pagamos muito caro por decisões erradas. E muitas vezes quem sai mais machucado é quem não tem nada a ver com a história.

— Sinto muito que seu filho tenha sido tirado de você — falei.

O policial Damon assentiu e, após um instante, disse:

— Seu amigo fez uma escolha ruim. Não precisa fazer disso um hábito.

Oliver e eu concordamos e fomos embora.

Acompanhei Oliver até sua casa. Lembrei a ele que os garotos parariam com o bullying agora que a acusação das agressões tinha vindo a público e que, embora Alex tivesse agido de maneira irresponsável, era provável que o plano dele desse certo. Oliver não seria mais agredido.

— Todo mundo está de olho agora — falei.

Já em seu quarto, Oliver olhou pela janela e me disse:
— Se Alex ficar preso por muito tempo...
— Ele não vai ficar...
— Mas se ele ficar, você me ajuda a desvendar o mistério?
— Qual mistério?
— *O ceifador*. As gêmeas atch. Sandra Tackett.
— Ajudo.
— Promete?
— Prometo.

* * *

Apesar de nosso último encontro haver terminado em discussão, fui até a casa de Booker, de bicicleta. Foi um grande alívio ser bem recebida. Ele parecia feliz em me ver.

— Minha nossa, Nanette, por que está tremendo desse jeito? Está tudo bem?

— Desculpe incomodar, mas aconteceu uma coisa terrível.

— Entre e me conte tudo.

As palavras jorraram de mim, e à medida que eu contava, Booker ficava cada vez mais tenso, como uma catapulta sendo carregada para despejar toda a carga no inimigo.

— Quer dizer que Alex está usando meu livro como desculpa para sair por aí fazendo justiça com as próprias mãos — disse Booker quando terminei. — Ele não vê que sou um homem pacífico hoje em dia? Por que não segue o *meu* exemplo, em vez de se inspirar em um personagem fictício? Foi exatamente por isso que tirei o livro das prateleiras. Todo mundo reagiu como louco!

Era um raro momento em que ele se abria sobre o que acontecera após a publicação de *O ceifador de chicletes*, e tentei aproveitar a chance.

— Não foi porque Louise Tackett morreu? Não foi por isso que você exigiu que fosse retirado de catálogo?

— Claro que não! Não acredito que Alex foi preso. Como é possível que tenha dado tudo tão errado de novo? Parece que sou amaldiçoado!

— Como assim “de novo”? — perguntei.

— Ah, já aconteceu com outros.

— Outros?

— Rapazes que fizeram coisas idiotas depois que leram meu livro. Eu realmente achei que Alex fosse mais esperto que isso. Achei que ele entendesse. Ando tão seletivo ultimamente. Sabe quantas pessoas me procuram para falar do livro? Hoje em dia só respondo aos pacíficos. E você... você, mais do que ninguém, deveria ter entendido e evitado isso.

Então me veio à mente a violência que eu sentira nos poemas de Alex. Será que Booker tinha lido os mais intensos, ou será que Alex havia mostrado a ele apenas o que agradaria a seu ídolo?

— Eu deveria ter entendido o quê? — perguntei.

— Que eu ajudo os jovens com palavras! Palavras ajudam. Assim como gentileza, cartas, jantares, jogos de tabuleiro, amor, conversar com pessoas que se sintam do mesmo jeito e ficar no jardim com Dom Quixote. Todo mundo poderia aprender bastante com as tartarugas! O livro nos faz sentir. É preciso desvendar sozinho quais são os sentimentos despertados. Refletir. Debater. Rer. E se a gente fizer tudo direito, haverá uma *catarse*. E o objetivo é se sentir melhor. Uma limpeza da alma! Uma purificação. Esse é o significado de *catarse* em grego. A escola não ensina nada que preste hoje em dia? O que vai ser de Oliver se o melhor amigo ficar preso? Alex acha, de verdade, que o menino vai ficar melhor sem ele? Oliver escolheria a companhia de Alex mesmo que para isso continuasse sendo agredido pelos garotos. Como um rapaz jovem feito ele pode ser tão obtuso? Não vou levar a culpa dessa vez. Nunca incentivei a violência. Ninguém apontaria o dedo para Shakespeare se os adolescentes comessem a beber veneno e a se matar com espadas. Por que eu ainda insisto com vocês? Acho que já chega de adolescentes para mim. Talvez sejamos uma espécie condenada e pronto. Talvez devêssemos todos desistir. Abandonar tudo. Wrigley tinha razão quanto a isso. Por que tentar se comunicar quando tudo leva a desentendimento e violência? Nem os jovens e inteligentes entendem isso. E Alex é brilhante!

Booker estava roxo e enfurecido.

Praticamente soltando fumaça.

Ainda mais assustador do que quando eu o pressionara sobre as gêmeas Tackett.

De repente, Booker era como todos os outros adultos na minha vida: na defensiva, exausto, resignado. E aquilo não me agradava. Só me fazia confiar menos nele. E me deprimia.

— Acho que é melhor eu ir, está bem?

— Ótimo — respondeu ele. — Vá embora. Desista de mim! E não volte mais. Não faço bem para seu tipo... os jovens.

Eu estava pasma.

— Você está desfazendo nossa amizade? Tipo, na vida real?

— Tendo em vista os últimos acontecimentos, o que mais posso fazer? Assim poupo a nós dois de futuras dificuldades. Nossa amizade... acabou — declarou ele, com uma ênfase cruel: mãos erguidas, ombros tesos, olhos semicerrados. Sua ansiedade e frustração eram palpáveis. Eu precisava sair dali, e era uma sensação inédita, porque até então sempre me sentira calma perto de Booker... sempre querendo estar próxima dele.

Conformada, fui embora.

Meus olhos ficaram cheios d'água enquanto eu pedalava, e não era por causa do vento.

Quando cheguei em casa, encontrei meu pai na sala, sentado na outra ponta do mesmo sofá branco em que estava minha mãe.

— Por que você faltou ao colégio? — perguntaram os dois, quase em uníssono. — Por onde andou?

— Quer saber? Vou falar a verdade para vocês.

E foi a erupção, contei tudo. Contei sobre Shannon espalhando boatos de que eu era lésbica, sobre meu ódio pelo futebol, sobre meu amor por *O ceifador de chicletes*; contei que tentara beijar o sr. Graves, que praticamente todas as garotas do time de futebol trocavam favores sexuais por bebida, que estava namorando Alex, que ele assumira uma causa em defesa dos garotos menores e que isso o levara à cadeia; contei até sobre minha insegurança quanto a começar uma faculdade no ano seguinte.

— A verdade é que eu não tenho mais certeza de *nada* — concluí. — Não faço a menor ideia do que eu quero para minha vida amanhã, muito menos no ano que vem ou depois, e agora vocês estão se separando e eu me sinto começando do zero sem nenhum mapa para me orientar, e eu estou com medo, entenderam? *Estou morrendo de medo!*

Então comecei a chorar descontroladamente e não parei mais.

Foi como se a tensão acumulada de todos aqueles anos de ansiedade e preocupação escapasse de uma vez — um vulcão emocional, com a diferença de que meus pais não fugiram da erupção, pelo contrário: correram ao encontro da lava que eu despejava. Os dois se levantaram de um pulo para me abraçar, mesmo sabendo que acabariam se tocando. Ficamos juntos um bom

tempo, e aquilo me fez bem — quase o suficiente para compensar tudo que havia levado àquele momento, mas apenas quase.

Mais tarde, no meu quarto, procurei no dicionário a palavra *obtusos*.

Uma das acepções é *a que falta nitidez; confuso*.

Talvez eu fosse obtusa.

Meu punho sacudindo o crânio

EXISTE PODER NO CONHECIMENTO

De Alex Redmer

*Fui à casa de quatro pais
Cujos filhos aterrorizavam
Um amigo meu
E falei: “Pode acabar com isso?”
“Isso O QUÊ?”, disseram eles
“O terror”, eu respondi
Todos riram como se eu tivesse
Contado a melhor piada de todas
E ofereceram trivialidades
Como band-aids do tamanho de grilos
Para o homem sangrando
Cuja mão foi cortada
“É coisa de garoto”
“As crianças precisam aprender a se defender”
“Faz parte do crescimento”
“Toda história tem dois lados”
“Meu filho não fez isso”
“O que ele fez para provocá-los?”
E quando os pequenos aterrorizadores
Foram obrigados a me encarar
Provaram ser mentirosos avançados
Muitos anos à frente de sua idade*

*Capazes de mentir na cara dos pais
Com um ofuscante orgulho
Com tal brilho
Que não podia ser apagado
E foi quando eu entendi
Por que os bonitos
Se sentem invencíveis
E invejei que seus pais
Acreditavam neles, que os defendiam
Apesar de estarem mentindo
E quando percebi que havia perdido
E continuaria a perder
Para todo o sempre
Dei um soco no quarto
Pai — tendo aguentado
Os três primeiros, cujos dentes clareados
Brilhavam com desdém
Que precisava ser enfrentado
E voou cuspe da boca dele
Quando sua cabeça foi para trás
Meu punho sacudindo o crânio
Do homem bonito criador de jovens bonitos
Ele caiu de joelhos
Já sem o brilho
E o filho chorou
Como os bonitos fazem
E quando perguntei como ele se sentia
Ao ver alguém amado sofrer
Ele não teve resposta
Claro
Porque nunca soubera
Antes
Mas
Agora
Ele
Sabe*

*Existe poder no conhecimento
E tenho certeza de que seus amigos bonitos
Agora
Também
Sabem*

PARTE DOIS

Alex vai para uma espécie de reformatório na Pensilvânia. Em giz de cera laranja, uma carta de muitas páginas me chega às mãos pelo correio. As palavras são rabiscos enormes, confusos e enlouquecidos, que pesam no papel. Elas me informam que Alex, em teoria, não tem autorização para se comunicar comigo (nem com ninguém). Seu celular e seu computador foram confiscados pelo pai, que também colocou o jipe à venda. Alex teve que pedir desculpas ao sr. Mandrake, que propôs retirar a queixa se ele fosse imediatamente para essa instituição e ficasse por lá até o fim do ano letivo. Escolas especiais são muito caras, o pai dele repete toda hora. “Quase o preço de um jipe novo.”

O que mais tenho a contar?, escreve Alex na última página. Devo pedir que você espere por mim, como se eu fosse um soldado a caminho da guerra? Não sei o que vai acontecer comigo aqui. (Talvez eu seja como um explorador em busca de ouro, deixando a donzela para trás? Ha ha ha!) Me disseram que posso “conquistar” o direito de me comunicar com o mundo aí fora, mas que isso só será possível depois de no mínimo seis semanas a contar da minha “entrada”, e talvez até mais, se meu comportamento não melhorar, o que dificilmente vai acontecer! Vou postar esta carta escondido, quando meu pai não estiver olhando. Ele acha que você é uma má influência na minha vida. Ridículo! E eu sei que você nem aprova minhas escolhas! Você CONCORDA com meu pai. Mas os adultos são assim. Seres insensatos. Não me arrependo do que fiz. Talvez seja esse o problema. Não sei. Me arrependo de não poder ver você. Eu realmente te amo, Nanette. Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida nos últimos tempos. Você é perfeita assim, exatamente do jeito que você é. A primeira mulher sem defeitos que conheci. Entrarei em contato quando der, mas vou entender se não quiser esperar por mim. Pode ficar de olho no Oliver, quem sabe levá-lo para visitar Sandra Tackett de novo? Desvende o mistério de O

ceifador de chicletes, *ao menos por ele. Quem sabe vocês possam ir ao cinema — ver um filme bom, daqueles que passam nas salas cult. Ou o leve para conhecer Booker, se conseguir convencer o velho. Acho que os bonitos não vão mais implicar com Oliver, e cumpro minha pena feliz se tiver conseguido colocar os bonitos no lugar deles. Nesse meio-tempo, não deixe que os canalhas a oprimam!*

E, como um P.S., um breve poema.

EXIBIÇÃO DO HOMEM-ZOOLÓGICO

De Alex Redmer

*Leões, girafas, zebras
Serpentes, gorilas, camelos
Elefantes, tigres, ursos-polares
Orcas, golfinhos, águias
Lhamas, leopardos, orangotangos
Pandas gigantes, antílopes, avestruzes
Etc. Etc. Etc. Etc. Etc. Etc.
Enjaulamos e exibimos
Todos os animais do mundo
Não importa o que fazem
Mas talvez apenas os melhores homens
Que se recusam a se comportar
Aqueles que tomam uma atitude
São os que acabam presos
(Animais unidos!)*

O que fazer com essas palavras ensandecidas?

O ato de violência de Alex, seu afastamento — será que isso faz do meu primeiro namorado um dos canalhas?

Não sei.

Mas não quero namorar um garoto que vai parar no reformatório por dar um soco na cara de alguém.

Não quero namorar o “Homem-Zoológico”, trancafiado em algum lugar distante, mesmo que ele me ache “sem defeitos”.

Pensei que conhecesse Alex, e o que tínhamos juntos parecia tão perfeito... Por um tempo, nosso relacionamento era a única coisa na minha vida da qual eu tinha certeza. Mas Alex não é quem eu pensei que fosse, o que, ironicamente, é exatamente o que ele afirma ser contra: máscaras, ou “simulacros”, como diz Wrigley.

Meus pais já sabem de tudo, desde que surtei, e têm sido muito atenciosos. Tanto que me levaram a uma psicóloga, dra. June Westerfeld, que é bem jovem e insiste em ser chamada de June. É uma moça magrinha, de cabelo comprido num tom escuro de louro e olhos verdes muito vivos. Está sempre de legging, evidenciando suas pernas malhadas e torneadas, com uns suéteres justos que realçam seus seios pequenos ainda empinados pela pouca idade, e usa maquiagem na medida exata, marcando as maçãs do rosto já perfeitas mas sem chamar muita atenção. Tudo isso dificulta sentir empatia por ela à primeira vista, ainda mais porque June tem um consultório no renomado Center City Philadelphia, ao lado da Rittenhouse Square, e parece já ter a vida toda encaminhada, ao contrário de mim, Nanette O’Hare, que não tenho absolutamente nada definido. Assim, nossas primeiras conversas são bem estranhas. June faz um monte de perguntas, enquanto eu só observo as nuvens passarem pela janela do décimo quarto andar. Não estou tentando fazer jogo duro; só não tenho tido muitas respostas ultimamente.

Se as palavras são ar, eu sou um pneu murcho.

Ela me vem com um papo de que talvez eu seja introvertida e tenha uma personalidade rebelde, que vinha reprimindo até há pouco.

Quando June me pergunta se é verdade que não gosto dos meus colegas do colégio, penso: *Parece que ela está perguntando se tenho dez dedos enquanto olha para minhas mãos ou se preciso capturar o ar pelo meu nariz ou pela boca enquanto me vê respirar.*

Mas faço que sim com entusiasmo.

Só para ser escrota, pergunto se psicólogos trabalham em alguma coisa ou se só sabem bater papo.

— Vocês ficam contando para os outros as histórias ridículas dos seus pacientes?

Sem desviar o olhar, June diz que não vai perder tempo com joguinhos cuja intenção é apenas desviar do assunto em questão. Ela parece descontente ao fim da nossa segunda sessão.

Em nosso terceiro encontro, June me faz perguntas sobre *O ceifador de chicletes*, um indicativo de que meus pais andam fornecendo pistas sobre mim quando pedem que eu espere na antessala ao fim de cada sessão, porque eu mesma não mencionei uma única vez meu livro preferido. Aparentemente, June gostaria de ler *O ceifador*; fico surpresa, mas muito contente. É mais forte que eu, uma entusiasta da boa literatura. E, como levo comigo a toda parte o exemplar que ganhei do sr. Graves, decidimos xerocar as duzentas e vinte e oito páginas bem ali no consultório dela, violando as questões legais de direitos autorais com uma autêntica rebeldia enquanto a máquina pisca repetidamente e vira as páginas repletas das palavras de um Booker muito jovem.

Eu me divirto mais do que deveria, embora não saiba explicar bem por quê. Meu coração opera quase em fervor religioso. Pode a literatura ser minha religião? Será essa minha vocação, ser uma missionária da ficção? Talvez seja um ato revolucionário se comprometer com a verdadeira arte, como insinuou certa vez o sr. Graves. Booker pode não acreditar que a ficção exista, mas Nanette O'Hare, bem, ela acredita.

Não sei como me vejo falando sobre Alex, contando tudo a June enquanto fazemos a cópia do exemplar. Meus pais desembolsam trezentos dólares para passarmos uma hora fazendo cópias ilegais e discutindo minha vida amorosa. *Será que isso realmente ajuda?* Com sua disposição a ler *O ceifador de chicletes*, June ganhou um pouco do meu respeito. Fico pensando por que meus pais não pensaram em fazer isso. Concluo que seja porque eles não são rebeldes, e isso é parte do problema, embora ao mesmo tempo eu queira que eles sejam estáveis e comprometidos com o tão tradicional conceito de casamento até que a morte os separe. A contradição não me passa despercebida.

Na quarta sessão, June prova que leu a obra-prima de Booker quando me pergunta com qual dos personagens me identifico mais.

— Wrigley? As crianças que cutucam a tartaruga? Uma das gêmeas? As hordas de alunos? Os professores? Os pais? Ou talvez...

— Ted Improdutivo — respondo sem hesitar. — Eu sou a tartaruga.

— O que faz de Alex o seu Wrigley.

— Ele com certeza acredita nisso, já que se empenhou tanto em copiar seu herói fictício.

— E por que Ted Improdutivo morde Wrigley? Se você é a tartaruga, vai saber me dizer.

Eu não tinha pensado nisso.

E não sei se gosto de como essa metáfora está sendo empregada.

No final do livro, Ted Improdutivo está tonto e confuso, sim, mas talvez porque não consegue distinguir entre os meninos que o aterrorizam e Wrigley, que aterroriza os meninos.

Talvez, depois de tantas experiências ruins com humanos, a mão que o ajuda seja apenas mais uma.

— Está tentando dizer que Alex não é diferente dos garotos que usam a violência para conseguir o que querem? — pergunto. — Isso eu já sei, porra. Não sou imbecil.

Me tornei uma grande adepta de palavrões.

Porra.

Porra.

Porra.

Porra.

Porra.

— Mas como você se sente, na condição de Ted Improdutivo? *Nanette Improdutiva*, por assim dizer. Sua inteligência não está sendo questionada, e sim seus sentimentos. Eles são um pouco mais nebulosos, pelo menos para mim.

Nebulosos.

Imagino a mim mesma como uma galáxia distante e enevoadada a se espreguiçar no céu noturno.

— Me sinto girando de costas no meu casco há muitos anos. Completamente tonta. A vida parece um borrão, e o carrossel gira cada vez mais depressa. Às vezes mal consigo me segurar no cavalo. E quero morder todas essas merdas dessas mãos que ficam tentando me alcançar, porque não sei mais quais são boas e quais são ruins. Como se não existisse mais diferença entre bom e mau. *Será que dá para entender?*

Isso nos leva a uma discussão sobre todas as muitas pessoas que já passaram pela minha vida — a maioria não levou meus sentimentos em consideração ou “não percebe que, por baixo do ‘casco’, Nanette é muito vulnerável”. E isso deve ser confuso para muitas delas, porque meu “casco” é comprovadamente muito forte: ele me protegeu por dezoito anos, até rachar.

— Dezoito anos é muito tempo — diz June. — Sua vida inteira. Talvez tenham deixado de prestar a devida atenção ao seu casco, afinal, como as

peessoas poderiam saber que ele não aguentaria para sempre? Acho que nem você sabia. *Ou sabia?*

Eu não sabia. E rio dessa pequena epifania. Me faz bem. Gostei de como June transformou minha derrota em conquista usando nada além de palavras. Pelo menos ela reconhece meu mérito por ter sobrevivido aos primeiros dezoito anos da minha vida. O mérito reduz meu impulso de falar palavrão toda hora.

June sugere “algo que pode parecer estranho no início”. Ela pede que eu mate o *Eu* na minha mente. Na hora, não entendo o que ela está sugerindo, mas depois June explica que está se referindo ao uso da primeira pessoa “eu”.

— Nós vivemos dentro da nossa cabeça, Nanette, um lugar que pode ser muito assustador. Esquecemos que não somos apenas um *eu*, mas também um *ela* e um *você*. Esquecemos de nos ver como os outros nos veem. Para algumas pessoas, o narcisismo é um problema, o que significa que elas são egoístas, autocentradas demais, mas acho que o seu problema é ser *altruísta* demais. Você se preocupa com as necessidades dos outros mais do que com as suas próprias. Você se mantém forte por eles, mesmo que para isso abra mão do próprio bem-estar.

— Então por que eu larguei o futebol quando era a artilheira e todo mundo queria que eu jogasse? — pergunto, talvez com um pouco de orgulho demais. — Com certeza tomei essa decisão pensando em mim.

— Talvez você só tenha feito isso porque estava exausta demais para continuar. Você fez o que todo mundo queria por tanto tempo, jogando e sendo boa nisso, sendo forte pelos outros, e talvez tenha finalmente chegado a seu limite e, bem, explodido. Foi assim, *e só assim*, que você conseguiu dar esse passo. Não foi uma escolha real, foi como se recusar a pagar o almoço dos seus amigos só porque seu dinheiro acabou. Os palavrões, a ofensa de levantar o dedo para todas as suas colegas, essas coisas raramente são indicativos de uma decisão racional e calculada. Assim como Alex, que decidiu passar a bater nas pessoas. Não acha estranho que ele se coloque numa posição em que é enviado para um reformatório bem no momento em que a relação de vocês parece desabrochar? Logo quando estão prestes a desvendar o mistério do livro que tanto amam? Isso não parece um pouco de autossabotagem?

Faz sentido.

— E Booker, que publicou uma obra-prima, recebeu críticas favoráveis em grandes jornais e um ano depois retirou o livro do mercado — digo. — Mesma coisa. Por que você acha que me aproximo de homens desse tipo?

— Talvez porque você faça o mesmo? Largou o futebol pouco antes de quebrar um recorde. Decidiu não ir para a faculdade quando estava prestes a ganhar uma bolsa. *Vê um padrão?*

Não gosto do padrão.

E meio que odeio June por ter entendido isso antes de mim.

Estou me sentindo uma idiota completa.

— Quero que você faça esse experimento — diz June, e sugere que eu comece a pensar em mim na terceira pessoa: não como *eu*, mas como *ela*. — Nanette sabe muito bem tomar decisões pelos outros. Por exemplo, ela percebe com clareza que Alex não deveria ter feito o que fez. Mas quando toma decisões pela primeira pessoa, Nanette não tem tanta segurança assim. Então, por que não viver por um tempo na pele de uma terceira pessoa só para ver no que dá? Veja a si mesma como *ela*. Dirija-se a si mesma como Nanette em seu monólogo mental... aquelas frases que circulam pelo nosso cérebro o dia todo. Mate o *eu*. Você também pode escrever um diário na terceira pessoa. Você não é mais *eu*. É *ela* ou *Nanette*.

— Acho que vou tentar. Ou devo dizer que *ela* vai tentar?

— Nanette vai tentar — diz June. — Repita.

Por que não?, penso.

— Nanette vai tentar. Nanette agora existirá na terceira pessoa. Nanette O'Hare falará apenas na terceira pessoa. Nanette O'Hare irritará todo mundo falando sobre si mesma na terceira pessoa, e é capaz de ela até achar bem divertido.

June sorri.

— Vamos ver aonde isso nos leva.

O amor não necessariamente venceu

Booker não liga para Nanette, o que a decepciona bastante, porque ela liga diversas vezes para ele, deixando mensagens longas que incluem seu número de telefone, caso ele tenha perdido.

Quando ela bate à porta de Booker, ele não atende.

As portas da casa estão todas trancadas, ela sabe porque forçou a maçaneta das três.

Ele está lá dentro.

Ela ouve Booker se afastar das janelas apressadamente.

O piso de madeira range.

As luzes se acendem e se apagam à noite.

Oliver liga muitas vezes, mas Nanette não atende.

E não retorna os recados dele.

Ela percebe que se tornou o Booker de Oliver.

Nanette é uma hipócrita, pois espera que Booker a apoie quando ela precisa, mas guarda rancor do jovem Oliver por querer o mesmo dela.

June diz que não tem problema que Nanette cuide de si antes de voltar a cuidar de outras pessoas. Ela diz também que Booker talvez esteja fazendo o mesmo. Todo mundo precisa cuidar de si mesmo primeiro. Nanette precisa trabalhar a capacidade de não apenas se cuidar, mas também permitir que outros o façam. June sugere que os pais de Nanette também trabalhem isso, e que talvez tal comportamento seja algo que ela tenha aprendido ou absorvido.

O pai volta para casa, dormindo no mesmo quarto que a mãe, o que parece um bom sinal, nem que seja apenas por ser algo a menos que está diferente. *Estabilidade*. É muito irônico que agora nossa rebelde goste tanto dessa palavra. Ela sabe que a volta do pai não significa que os dois tenham voltado a se amar

— o amor não necessariamente venceu —, mas gosta de tê-lo por perto novamente. Ele não pergunta mais sobre universidades, futebol ou bolsa de valores, o que deixa Nanette feliz, mas ao mesmo tempo ela tem medo de que ele não esteja se cuidando, de que esteja sacrificando a própria saúde mental pelo bem da filha. *Não é isso o que fazem os bons pais?*, pondera Nanette, mas ainda assim não se convence de que é uma atitude certa. Se seu pai fosse um verdadeiro rebelde, já teria partido havia muito tempo.

Nanette propõe que os três joguem Scrabble, e, para sua surpresa, os pais concordam.

Eles jogam todas as noites, por semanas seguidas — soletrando palavras, somando pontos, encontrando maneiras de alcançar os quadradinhos coloridos que dobram a pontuação, aprendendo juntos várias palavras de duas letras que ninguém nunca usa na vida real mas que são muito úteis na hora de completar o tabuleiro.

Nanette se pergunta se ela é o equivalente humano para essas palavras. Muito útil quando os pais querem sentir que são uma família, mas sem ter seu lugar fora daquele tabuleiro metafórico, que já está meio que se despedaçando mesmo, em um jogo que ela já teria abandonado se não tivesse surtado.

Nanette se pergunta sobre o *timing* da coisa.

Como Alex já era de outro colégio antes de ir para a Pensilvânia, ninguém da escola de Nanette sabe do ocorrido. E, como já não tem mais contato com o time nem com qualquer pessoa da escola, ela basicamente circula imperceptível pelos corredores, como um fantasma.

Se os garotos a chamam de “cola-velcro” quando ela passa, Nanette já nem liga mais.

June diz que o alienamento pode ser algo saudável.

É assim que ela chama essa sensação de invisibilidade: alienamento.

De olhos arregalados e com vozes esperançosas, os pais de Nanette lhe fazem muitas perguntas todas as noites.

Como foi hoje na escola? Como está se sentindo? Quer conversar sobre alguma coisa? A que horas quer jogar palavras cruzadas? Precisa da nossa ajuda com alguma coisa? Já tem alguma ideia de como vai ser no ano que vem? Não queremos pressionar você, não é isso. Não estamos falando necessariamente de uma faculdade, queremos saber do seu futuro em geral. Gostaríamos de falar sobre isso quando estiver pronta. Mas você tem bastante tempo.

Nanette responde às perguntas deles da maneira mais vaga possível. Quer dizer, exceto a que menciona o Scrabble — eles sempre jogam às oito da noite, é a melhor parte do dia —, mas ela fica genuinamente feliz por eles lhe fazerem perguntas. Os pais estão sendo atenciosos com ela de novo. Parecem realmente interessados e bem menos manipuladores. June foi bem clara quanto à seriedade da situação de Nanette. Ela agora deseja terem encontrado June antes.

Também deseja que tivessem começado o Scrabble muito antes.

É legal ficar arrumando as letras no tabuleiro, montar palavras com os pais, enfiar a mão na bolsinha de veludo e imaginar o que vai sair de lá — cada peça é uma nova chance, Nanette é um bruxo das letras acionando seu chapéu mágico.

Scrabble.

É o que os O'Hare têm hoje.

Às vezes ela se oferece para guardar tudo na caixa. Depois que os pais saem da sala, ela fica olhando para o labirinto de letras formado no tabuleiro e pensa em flocos de neve, imaginando: será que é possível existirem dois tabuleiros iguais?

Nanette contempla a representação visual de sua família e do tempo que passam juntos, as palavras escolhidas por cada um deles — substantivos, verbos, preposições, adjetivos, conjunções, advérbios e pronomes —, as palavras que apenas eles, os O'Hare, teriam escolhido. Ela faz uma fotografia mental de longa exposição e enfim joga as letras de volta no saco, dobra o tabuleiro, guarda a caixa no armário, já animada para o jogo da noite seguinte.

No foguete rumo a esse lugar desconhecido onde ela está agora

Após seis semanas vagando como um fantasma pela escola, dez sessões de terapia e aproximadamente quarenta e duas partidas de Scrabble, Nanette sente que está bem o suficiente para visitar Oliver. Ela vai até a casa dele em meados de dezembro. Uma fina camada de neve cobre o chão quando ela bate na janela do quarto do garoto.

— Alex? — diz Oliver ao levantar a cortina, e Nanette vê a decepção no rosto dele.

Ele abre a janela. Nanette entra.

— Teve notícias dele? — pergunta Oliver.

— Não. E você?

— Nem uma palavra.

— Os bonitos deixaram você em paz?

Nanette diz *bonitos* apenas porque não sabe que outra palavra empregar para se referir aos garotos que o atormentavam.

— Aham. Tivemos que fazer umas reuniões com o orientador da escola, todo mundo sentado em círculo contando seus sentimentos. Os bonitos agora me tratam bem até demais.

— Isso é bom, não é?

— Não sei. Todo dia eles me perguntam como estou e se alguém anda mexendo comigo... como se fossem aparecer outros para me torturar. É meio esquisito. Acho que eu preferia quando eles eram maus comigo, por estranho que pareça. Sinto como se eu tivesse uma jiboia em volta do pescoço e ela fingisse que nunca vai me enforcar. O orientador deve estar alimentando a jiboia para mantê-la satisfeita, mas se algum dia ele parar... Não sei, não.

Nanette apenas assente, mostrando que entende, e deixa Oliver concluir o raciocínio:

— O nosso orientador, dr. Fricke, também me obriga a ir à sala dele sozinho uma vez por semana, e é sempre durante a aula de biologia, a que eu mais gosto. Por que eu tenho que perder minha aula preferido se sou a vítima? A sensação que dá é de que saí perdendo duas vezes.

Nanette concorda em silêncio mais uma vez.

— Ele me faz um monte de perguntas inúteis, tipo: “Você tem saudade do seu pai?”, “Sua mãe cuida bem de você?” e “Você se sente triste às vezes?”. Digo que quero assistir à aula de biologia porque é a minha preferida, mas ele diz que não tem outro horário para me atender, então acho que ele não se importa tanto assim comigo, apesar do que diz toda hora.

Nanette se surpreende por Oliver estar conversando como se nada tivesse acontecido, sem cobrar nenhuma explicação de por onde andava ou um pedido de desculpa por tê-lo ignorado, e é um alívio. Não quer reviver tudo que passou. Além do mais, não tinha mesmo a intenção de pedir perdão, já que não fez nada de errado. Ela conta a Oliver tudo sobre June e as conversas indiretas porém úteis que se passam no consultório do décimo quarto andar no alto de um arranha-céu da Filadélfia, e sobre sua nova vida em terceira pessoa, da qual ela até gosta.

— E a escola? — pergunta Oliver.

Então ela explica o conceito de vagar como um fantasma e comenta que falar na terceira pessoa assusta todo mundo e não deixa ninguém se aproximar. E Oliver diz:

— É, eu faço isso também. Mesma estratégia. Só que eu me chamo de sr. Invisível. E não uso a terceira pessoa.

Nanette conta que recentemente teve que comparecer a um evento do time de basquete: a escola inteira parou e se reuniu no ginásio para endeusar os poucos alunos eleitos os melhores em driblar oponentes e enfiar bolas na cesta. Ela quer saber como foi que aquilo aconteceu — quando as escolas do país inteiro decidiram que os atletas precisam de eventos para aumentar seu orgulho e sua autoestima? Já não basta que as pessoas tenham que pagar para assistir aos jogos? E que torçam nas arquibancadas? E que citem o nome deles no jornal? Por que não pegam todos os fantasmas solitários de cada escola e fazem um evento para eles? Por que não obrigam os populares a sentar naquelas arquibancadas desconfortáveis e torcer até a bunda ficar quadrada?

— Aqui temos Nanette O’Hare, que jogava futebol, mas agora não joga mais nada porque está deprimida e fazendo terapia. Vamos aplaudi-la! Vamos transmitir a ela um pouco do nosso entusiasmo, porque ela está realmente precisando! Banda, toque alguma versão instrumental cafona de um rap de sucesso, enquanto Nanette fica no centro da quadra acenando para todos os que não estão deprimidos! Vamos animá-la, pessoal! *Vamos animá-laaaaaaa!*

Oliver ri, mas é um riso triste e desconfortável, e Nanette percebe que está sendo *autopiedosa*, se é que existe esse derivado de autopiedade.

— O que você tem feito? — quer saber Oliver. — Tem visto Booker?

— Ele não retorna mais as ligações de Nanette, já tem alguns meses. E não recebe Nanette em casa. Finge não estar em casa quando ela passa por lá.

— Por quê?

— Por causa do Alex. Booker pirou com a história da agressão ao pai daquele garoto. Parece que outras pessoas reagiram com violência depois de ler *O ceifador de chicletes*. Acho que é uma tendência.

— Mas não aconteceu comigo nem com você — retruca Oliver. — E a gente leu o livro centenas de vezes. Aposto que a maioria das pessoas não reage assim, só não ficamos sabendo, talvez porque sejam cidadãos que cumprem a lei.

— Verdade — concorda Nanette, notando que Oliver parece muito maduro para sua idade.

— Então por que Booker está punindo as pessoas não violentas, as que *entenderam* o livro?

— June, a psicóloga de Nanette, acha que é autossabotagem, assim como Alex faz. Significa que eles agem de um modo que sabem que vai dar errado, para não ter que enfrentar as consequências do sucesso, não assumir as responsabilidades. Nanette está começando a achar que Booker é só um idiota paranoico, para falar a verdade. Assim como Wrigley.

Oliver faz uma cara triste, e Nanette não sabe se ele está decepcionado em vê-la falando tantos palavrões ou em saber que Booker é um merda paranoico.

— Você foi de novo na casa da Sandra Tackett? — pergunta Oliver.

Nanette esqueceu completamente Sandra Tackett, o que parece quase impossível dadas as circunstâncias, mas o fato é que, sim, a esqueceu. Na confusão pós-Alex, ela não esquece propriamente a existência de Sandra, mas não lembra que deram a ela um exemplar de *O ceifador de chicletes* e que Sandra já deve ter terminado de ler, a menos que seja uma lesma. Talvez

Nanette tenha esquecido que há um mistério a ser desvendado. De repente, ela se pergunta o que Sandra achou do livro de Booker e se identificou nos personagens as pessoas da vida real. Será que ela sabe para quem Booker o escreveu? De repente, ali com Oliver, tudo aquilo volta a parecer muito importante. Como encontrar uma migalha de pão depois de meses vagando a esmo na floresta e de repente lembrar onde pode encontrar o caminho para a saída, para um lugar seguro, nem que seja apenas em um conto de fadas. Nanette começa a pensar que sua vida é um conto de fadas, que contos de fadas são bem mais reais do que suspeitamos quando os lemos na infância.

— Não pensei muito sobre Sandra ultimamente — diz Nanette. — Agora que você falou, Nanette talvez devesse passar lá...

— A gente pode ir hoje à tarde.

— Não tenho carro.

— Eu tenho uma bicicleta. Você tem uma também. E temos pernas para pedalar!

O otimismo deste garoto não tem fim, pensa Nanette, e se questiona se isso é bom ou ruim.

Oliver e Nanette cruzam neve e gelo, o que descobrem ser tarefa lenta e hipotérmica. Ao chegarem à casa de Sandra Tackett, estão com a calça ensopada e suja de neve. Nanette também molhou as meias. Ela está com a boca azul, constata ao ver seu reflexo no vidro da porta.

Eles tocam a campainha. Ficam chocados quando são atendidos por ninguém menos que Booker, apenas de camiseta e cueca, e ele imediatamente bate a porta na cara dos dois.

— Esse é quem eu penso que é? — pergunta Oliver, porque nunca o conheceu pessoalmente, mas já viu fotos do suposto recluso escritor.

— Hum... sim — responde Nanette, sorrindo de orelha a orelha. — Sem dúvida. E acho que não estava vestido, o que é *muito* interessante.

— Isso significa que ele está *pegando* Sandra Tackett? — pergunta Oliver.

— Muito provavelmente... — confirma Nanette.

Depois de tocarem a campainha umas cinco vezes, Sandra aparece, vestindo um roupão japonês de seda — talvez um quimono?

— Olá, crianças — diz ela —, sinto dizer que chegaram em um momento inconveniente. Por onde andaram esse tempo todo? Terminei o livro faz semanas, mas vocês nunca voltaram, e, bem, agora não podia ser um momento pior. Sinto muito, não posso falar agora.

— Booker atendeu a porta alguns segundos atrás e estava de cueca — diz Nanette.

Por algum motivo, ela se lembra de uma expressão perfeita usada em *Otelo*, de Shakespeare, que leu recentemente para o colégio. O sr. Sherman, o professor sem graça e mediano, não deu nenhuma explicação sobre aquilo quando leram em voz alta, então a piada passou batido pela maioria dos alunos, mas Nanette riu e anotou para usá-la em alguma ocasião no futuro.

— Vocês por acaso “se acham no ponto de fazer o animal de duas costas”?

— O que é o animal de duas costas? — pergunta Oliver.

Nanette sorri ao ver Sandra Tackett se curvar dentro do quimono.

— Minha nossa — diz Sandra. — Garotos, gostariam de retornar amanhã à tarde para um chá com biscoitos? Será um dia bem melhor para mim.

— Claro — dizem Nanette e Oliver em uníssono.

— Muito bem, então. Às quatro?

— Estaremos aqui — responde Oliver.

— Mande um beijo para Booker — diz Nanette. — E diga que Nanette O’Hare sente muita falta dele.

Sandra assente e fecha a porta.

Eles voltam para a casa de Oliver pedalando por neve e lama.

— Acho que agora entendi o animal de duas costas — diz Oliver. — Se eu tiver acertado, não quero nem imaginar Booker e Sandra fazendo isso.

— Você entendeu certo.

Os dois precisam parar de pedalar e apoiar os pés no chão, porque não conseguem parar de rir.

— Alex podia estar aqui — diz Oliver.

— Podia — diz Nanette, com frieza. — Mas escolheu não estar.

Oliver para de rir.

— Você vai terminar com ele?

— Como posso terminar com alguém que não faz mais parte da minha vida? Ele nos abandonou.

Eles voltam a pedalar. Quando pulam a janela para dentro do quarto de Oliver, a mãe dele os está esperando.

— Eu estava preocupada! — reclama ela. — Não podia ter deixado um bilhete? — E, para Nanette, diz: — Achei que nunca mais fosse ver você. Teve notícias do Alex?

— Não — responde Nanette. — Talvez ele não seja tão santo assim.

— Ele fez aqueles garotos pararem de implicar com Oliver.

Nanette volta para casa, joga Scrabble com os pais, vaga como um fantasma por mais um dia de aula e vai até a casa de Oliver. Ambos pedalam com mais facilidade agora que a neve foi retirada das ruas. Eles esperam o celular de Nanette mostrar 15:59 para então baterem à porta da Sandra.

— Olá! — diz ela, inteiramente vestida e um pouco entusiasmada demais.
— Entrem!

Nanette e Oliver são conduzidos por uma sala de estar com um relógio de pêndulo, sofás e uma mesa de centro de vidro até um espaço que parece uma estufa, mas que na verdade é uma cozinha. Ali, todas as paredes são janelas. A luz laranja avermelhada do pôr do sol banha o cômodo vindo de todos os lados. Nanette e Oliver se sentam ao balcão e Sandra serve chá de laranja com leite, acompanhando biscoitos caseiros de limão. Nanette se lembra de quando comia biscoitos com o sr. Graves, o que a deixa nostálgica e temporariamente melancólica.

— Quero agradecer a vocês por terem me dado *O ceifador de chicletes* — diz Sandra. — Assim que terminei, procurei o número de Nigel e, após uma longa conversa em que falamos dos velhos tempos... bem, começamos a sair juntos. Não sei explicar muito bem o que aconteceu, só sei que nos apaixonamos perdidamente!

— *Sério?* — diz Nanette.

— Eu me sinto uma adolescente outra vez!

— Então ele escreveu o livro para você? — pergunta Oliver. — Era mesmo você a gêmea de quem ele fala no livro? Wrigley estava apaixonado por Stella e não por Lena?

— Bem — diz Sandra —, não é tão simples assim. Se estão tentando descobrir quais foram as circunstâncias reais que levaram Nigel a escrever seu romance, sinto dizer que toda a história com as gêmeas é apenas uma digressão. Digamos que seja uma estranha homenagem. A não ser que Booker esteja apenas querendo inflar meu ego, aquelas personagens são de fato inspiradas na minha falecida irmã, Louise, e em mim. Ele admitiu. Mas nem eu nem minha irmã conversávamos com tartarugas na beira do riacho, e, como ele mesmo admitiu, Booker nunca convidou a mim ou a minha irmã para o baile de formatura.

— Você não desabafava com uma tartaruga? E Booker não a convidou para o baile? — insiste Oliver.

— Não — responde Sandra. — Nada disso aconteceu.

— Como você pode ter certeza de que sua irmã não fez essas coisas?

— Booker me contou. E eu conhecia minha irmã melhor do que qualquer pessoa. Não era muito a cara dela se apaixonar por um garoto como Nigel. Acredite. Ela foi ao baile com o capitão do time de futebol americano. Foi a garota mais popular em tudo que fazia, até o dia de sua morte. Se alguma de nós fosse de falar com tartarugas no meio do mato, com certeza seria eu. Queria que *tivesse sido* eu, e que Nigel tivesse me procurado naquela época. Como eu adoraria ter uma conversa verdadeira e significativa com um garoto naquela época!

— Então para quem ele escreveu o livro? — pergunta Nanette. — E por que o dedicou ao clube de tiro com arco?

— Não sei.

— Como não sabe? — resmunga Oliver.

— Não troquei uma palavra com Nigel naqueles anos. Minha irmã também não. E Booker não quer me contar essas coisas. Não quer falar sobre nada disso, porque a pessoa para quem ele escreveu já se foi há muito tempo e ele precisa seguir em frente. Vou respeitar a vontade dele. Booker diz que agora que somos amigos não podemos jamais falar sobre seu livro. Parece que ele não conversa com ninguém sobre o assunto. E acho que amigos são mais importantes do que discussões literárias. *Não concordam?*

— Como você pode aceitar que nunca vai saber? — questiona Nanette. — Não tem vontade de saber a verdade? Ainda mais agora que vocês estão juntos? Como pode deixar que uma parte tão importante da vida dele permaneça um mistério?

— Uma das melhores coisas da idade é que a gente já não faz mais questão de saber tudo. Quando minha irmã e, depois, meu marido morreram, acho que foi quando me dei conta de verdade... Não temos muito tempo aqui na terra. E quando vemos que nosso tempo se aproxima do final, tentamos aproveitar o máximo que podemos. Nigel se mostra para o mundo como um velho rabugento, mas na verdade é um bobão. Muito carinhoso. Não me divertia tanto desde que era garota. Quem diria que eu acabaria com aquele garoto que mal abria a boca no colégio? Pensem no seu colega de turma mais improvável de vocês namorarem e agora se imaginem juntos daqui a cinquenta anos. É fantástico! E tudo isso porque vocês criaram uma teoria absurda e me deram o livro.

— Booker vai parar de dar gelo na Nanette um dia? — quer saber Nanette. Sandra serve mais chá.

— Posso perguntar por que está falando de si mesma na terceira pessoa?

— É uma ordem da psicóloga dela — explica Oliver.

— Na verdade, é uma *escolha* de Nanette. A psicóloga apenas sugeriu que ela fizesse isso.

— É, isso aí.

— Mas então: Booker vai perdoar Nanette um dia? — pergunta Nanette.

— Ah, deixem que tia Sandra cuida disso.

Nanette acha meio esquisito que Sandra do nada passe a se chamar de *tia*, mas precisa admitir que ficou animada com a possibilidade de voltar a falar com Booker, de ter uma família além daquela que herdou; quase uma família de backup.

Estão pedalando de volta para casa quando Oliver diz:

— Não adiantou bosta nenhuma.

— Pelo menos os biscoitos eram bons — diz Nanette.

— Quem diria que um dia eu iria gostar de chá de laranja com leite?

— Oliver?

— O quê?

— Quer ser amigo de Nanette?

— A gente já não é amigo?

— Sim. Ela só quer oficializar.

— Então tá bom.

— Então Nanette e Oliver são amigos oficialmente. A partir de... agora!

— Você virou minha amiga oficial no momento em que entrou pela minha janela.

Essas palavras tocam Nanette, principalmente porque são sinceras. Era isso que os bonitos estavam tentando sufocar em Oliver? Aquela amabilidade indiscriminada com todos que cruzavam seu caminho?

— Nunca mude, Oliver, porque um dia você vai ser um namorado incrível para alguém. Quem namorar você vai ser uma pessoa de sorte e será muito feliz.

— O quê?

— Você acha que Nanette vai ter notícias do Alex um dia? — pergunta Nanette.

— Acho.

- Por quê?
- Porque é o Alex.
- Pois é.
- Mas você não o ama mais? Não quer mais namorar?
- Não sei.
- Tudo bem. Estou feliz que a gente esteja se falando de novo.
- Nanette também está.

Nanette espera Oliver pular a janela e volta para casa a tempo da partida de Scrabble da noite. Ela perde de propósito, em uma tentativa de inflar o ego dos pais. Imagina que egos saudáveis são afrodisíacos e torce para que os dois voltem a fazer o animal de duas costas regularmente — que talvez até permaneçam casados mesmo depois que passar a crise da filha e ela finalmente sair de casa. Ela queria vê-los envelhecer juntos, ainda que seja um clichê.

* * *

Nanette não consegue dormir.

Não para de pensar em Booker.

Revirando-se na cama, percebe, pela primeira vez, que está com muita raiva. Raiva do seu autor preferido, por expulsá-la de sua vida sem que ela tenha feito nada de errado.

Raiva por ele ter estimulado um romance com Alex e depois se isentado de qualquer responsabilidade quando as coisas deram errado.

No dia seguinte, Nanette vai à casa de Booker em vez de ir ao colégio.

Ele finalmente a recebe. Felizmente, está vestido.

— Você não devia estar na escola?

— A escola é apenas uma construção social. Nanette está pouco se fodendo.

— Por que esses termos agressivos? E, talvez ainda mais importante: por que está falando na terceira pessoa?

— A psicóloga de Nanette tem uma teoria de que a Nanette da primeira pessoa é boazinha demais.

— Está fazendo terapia? Foi meu livro que fez você procurar uma psicóloga? Por favor, não me diga que meu livro fez isso. Não vou me responsabilizar por você também.

Nanette pensa sobre isso e conclui que o livro dele *foi* o catalisador, o que a jogou no foguete rumo a esse lugar desconhecido onde ela está agora, mas ela

sabe que é melhor não dizer isso para o neurótico do Booker. Abrindo uma brecha para a bondosa Nanette em primeira pessoa, ela diz:

— Não se dê tanta importância, vovô.

Booker parece aliviado.

— Entre — diz ele.

Eles vão até a sala de estar.

— Então — diz Booker.

— Então — repete Nanette.

— Que tal uma partida de Scrabble? *Para quebrar o gelo?* — Ela explica que criou esse hábito recente com os pais. Virou especialista em Scrabble.

— Não sei se gosto da Nanette em terceira pessoa.

— Vá se acostumando.

— Ela me parece bem mais audaciosa.

— É triste, para quem quiser ver.

— Ah.

— Você está apaixonado? Por Sandra Tackett?

— Eu diria que sim, por mais estranho que pareça.

— É, Nanette também achou que estivesse apaixonada.

Booker hesita por um momento.

— Tenho encontrado uma grande dificuldade para entender que meus esforços para juntar você e Alex acabaram em catástrofe para você e em romance para mim. Estou muito feliz e você está claramente muito triste. *O que pensar disso tudo?* Sinto que isso deveria ter uma moral da história, mas não consigo apreender qual.

Nanette apenas dá de ombros.

— Sinto muito que as coisas não tenham dado certo entre vocês — diz Booker. — Teve notícias dele?

Nanette responde que não e que já não sabe se quer ter.

Booker diz que lamenta do mesmo jeito.

— Então Nanette e Booker estão *abandonando* Alex? — pergunta Nanette, só para provocá-lo.

Booker parece contrariado com algum pensamento.

— Por que você acha que as pessoas cometem atos ruins depois de ler meu livro? — pergunta ele.

— Agora temos permissão para falar sobre isso?

— Só desta vez.

Nanette não tem uma resposta clara.

— Talvez porque ele interfere no equilíbrio das coisas. Faz a gente pensar, faz a gente se irritar com o estado das coisas. É um livro desafiador. Cria a ilusão de que finalmente podemos ser por fora quem realmente somos por dentro. Isso é algo revolucionário. Então, quando cai nas mãos de rebeldes, conduz à ação.

— E algumas pessoas não deveriam partir para a ação. Algumas pessoas não deveriam mostrar ao mundo como são. É isso que você está dizendo?

Nanette responde que não sabe. Que está contente em vê-lo feliz. Por ele ter conhecido Sandra e por estarem transando.

— Perdão? — diz Booker, mas ele ri.

— Você merece se arranjar, Booker. Nanette está feliz por você.

— Sinto muito por ter deixado você confusa e precisando de terapia.

— Nanette não vê problema nisso. É bom para ela.

— Não me entenda mal, mas isso de falar em terceira pessoa é bastante incômodo. Parece uma punição para o mundo.

Nanette dá de ombros.

Incômodo.

Talvez seja um bônus.

Nanette se sente mais à vontade na terceira pessoa.

E talvez ela queira punir o mundo.

— Bem, Srta. Terceira Pessoa O'Hare, acho que terei que me acostumar com isso. Ordens médicas.

E assim, simples assim, Booker e Nanette voltam a ser amigos. É a primeira vez que ela recupera um amigo depois de um desentendimento. Shannon e o restante do time perderam o primeiro jogo eliminatório em novembro, e, pelos olhares enviados dirigidos a Nanette na semana seguinte, ela foi eleita o bode expiatório da derrota. Ela não se importou muito, porque não dá a mínima para as classificações do campeonato de futebol, mas sentiu que uma porta se fechava oficialmente, em especial com Shannon, que quer tão desesperadamente agradar o treinador se tornando uma campeã.

Confiante, agressiva e desafiadora

June menciona a expressão “uma razão, uma estação ou uma vida inteira” em nossa última sessão antes do Natal.

— Booker cita isso em *O ceifador de chicletes* — diz Nanette. — “As pessoas entram em nossa vida por uma razão, uma estação ou uma vida inteira.”

— Sim, mas não é de autoria dele. É um ditado popular. E muitos ditados viram clichês porque geralmente dizem a verdade. Repetimos o que consideramos real... autêntico.

— Será que um dia Nanette vai encontrar uma das pessoas *para a vida inteira*?

— Talvez — diz June. — Todos torcem por isso.

— Você tem uma dessas?

— Achei que tivesse — responde June. — Terminou em divórcio alguns anos atrás.

— Então o amor não venceu no final.

— O amor continua por aí sendo fabuloso. *Fabulosa*: se o amor fosse uma pessoa, seria uma mulher. Afinal de contas, não estou morta. E você também não.

— Acha mesmo que o amor seria uma mulher? — pergunta Nanette.

June devolve a pergunta:

— O que você acha?

— Nunca pensei nisso.

— Costumo pensar que sim. A versão masculina do amor, como por exemplo o cupido, sempre me parece muito boba, atirando flechas como se amor fosse uma arma. Embora Pat Benatar seja uma mulher e cante que “o

amor é um campo de batalha”, então talvez seja uma teoria boba. Porque eu amo Pat Benatar.

— Quem é Pat Benatar?

— Agora me senti muito velha. Procure no iTunes, você vai gostar dela.

— Está bem. Mas Nanette não consegue parar de falar na terceira pessoa. E as pessoas se incomodam com isso. Ela acha que é por isso que está gostando tanto de falar assim. Quem sabe é uma nova tendência rebelde?

— Ah, em algum momento você vai parar. Fique à vontade quando achar que é o momento. Você evoluiu muito, e acredito que o experimento pode ser considerado oficialmente um sucesso.

— Por que você acha isso?

— Primeiro, porque você está xingando menos. Segundo, porque seus pais a têm achado mais gentil no trato com eles. E você parece bem menos ansiosa. Também fez as pazes com Booker, tem mantido uma relação boa com Oliver. E não me perguntou mais se realmente trabalho ou se só sei “bater papo”, o que aprecio mais do que deveria, considerando que preciso ser neutra e objetiva.

— O que Nanette vai fazer ano que vem, depois que terminar o colégio?

— O que ela *quiser* fazer.

— E se ela não tiver a menor ideia do que quer fazer?

— Nesse caso, é uma sorte que ela ainda seja jovem. Já vou citar Pat Benatar de novo: “Amor é um campo de batalha.” Na verdade, é raro que alguém saiba o que quer fazer quando é jovem. Talvez você esteja apenas sendo sincera.

Nanette conta que talvez já tenha superado Alex, já que não pensa mais tanto nele.

— E o menciona justo quando estamos falando sobre seu futuro. Isso me parece significativo.

— Por quê?

— Me diga você.

Nanette não sabe dizer. Ela percebe a conexão inconsciente entre Alex e seu futuro, mas ele nunca mais mandou notícias, o que ela sente que é ainda mais imperdoável do que a violência cometida por ele. Nanette escreveu uma carta, mas nunca a enviou, porque não sabia quem a leria se a enviasse para o reformatório.

— Não tem problema amar uma pessoa imperfeita, que ainda tenha o que melhorar em si — diz June.

Nanette diz que entende, observando pela janela a neve que cai devagar lá fora, mas não sabe se concorda.

— No final do livro, quando Wrigley está boiando na água — diz Nanette —, ele diz que entende Ted Improdutivo e promete abandonar tudo para sempre. *Você se sente assim às vezes?*

— Claro — responde June.

— O que a faz seguir em frente?

— Meu trabalho... A chance de ajudar as pessoas. Também sempre quis conhecer o Japão, o que ainda farei um dia. E sorvete.

— Sorvete?

— Sou louca por sorvete. De preferência se for de café com cobertura de granulado.

Nanette não sabe o que quer nem o que ama, então permanece calada.

— Eu não sabia que queria ir ao Japão quando tinha sua idade. Também não sabia que queria ser psicóloga. Achei que seria cirurgiã, porque meu pai era cirurgião. A gente vai encontrando meios e objetivos pelo caminho. Não se preocupe, seu futuro ainda guarda muitas coisas, você vai ver só. E até lá você vai ser uma pessoa diferente. Mudanças podem ser boas. De lagarta a borboleta.

Nanette se questiona por que seus pais precisam pagar trezentos dólares a hora para que ela ouça palavras tão tranquilizadoras, ainda que sejam clichês.

Por que ninguém na escola diz algo daquele tipo?

Ela tem medo de que June seja paga para mentir — ou dizer o que ninguém mais pode dizer.

Mesmo assim, Nanette gosta de June.

De verdade.

À noite, ela recebe um e-mail de June com um link para o YouTube. Pat Benatar cantando “Invincible” ao vivo. O vídeo mostra uma Pat confiante, agressiva e desafiadora, que a encoraja a assumir o controle da própria vida. É uma performance intensa, e Nanette entende por que June ama aquela cantora. Ela imagina June cantando “Invincible” no espelho durante o divórcio, tentando canalizar a segurança que Pat Benatar exala.

Nanette assiste ao vídeo várias vezes e baixa os *Greatest Hits* de Pat.

Passa a noite inteira ouvindo aquele vozeirão.

Nanette vê em Pat uma personalidade questionadora e se pergunta se June também é uma rebelde.

Nanette canta umas músicas na frente do espelho e se sente mais animada.
A melhor é “All Fired Up”.

O “kit púrpura de prazer”

No dia de Natal, quando acorda, Nanette dá de cara com seus pais sorrindo para ela.

— O que está acontecendo? — pergunta Nanette, esfregando os olhos.

— Feliz Natal! — cantarolam os dois, estendendo um embrulho pequeno.

Nanette repara que as mãos deles se tocam nesse movimento, formando um ninho para o objeto minúsculo tal qual uma caixinha de fósforos, como se fosse um passarinho. O papel de embrulho é branco e o laço é azul da cor do céu.

— Abra! — gritam eles.

Há muito tempo ela não os vê felizes assim, então puxa o laço e rasga o papel. É uma chave. Com a palavra *Jeep* gravada em prata.

— O que é isso?

A mãe corre até a janela e abre a cortina.

— Venha ver — diz o pai.

Nanette se levanta e vê em frente à casa um jipe verde de duas portas, a capota aberta. Nanette pergunta se é realmente para ela.

— A gente sabe que você adorava passear no jipe do Alex, então decidimos lhe dar um — explica a mãe. — Você vai mesmo precisar de um carro ano que vem, não importa o que decida fazer. Assim vai ter um pouco mais de independência.

Antes de se dar conta do que está acontecendo, Nanette e os pais estão se enfiando em casacos, cachecóis, luvas e gorros e sorrisos. Ela conecta o celular à porta USB no console do carro, seleciona a playlist de Pat Benatar e sai em seu jipe, que é usado e um pouco mais surrado que o de Alex, mas ainda assim muito divertido de dirigir. Pelo retrovisor, Nanette vê o pai sorrindo no banco

de trás, as pontas do cachecol balançando ao vento. Então ela olha para a mãe, que também sorri com vontade. Quase automaticamente, Nanette segue até o campo onde contemplou a lua de sangue com Alex. Ela programa “Invincible” como a próxima canção a tocar e segue dirigindo feliz. O campo se encontra sob alguns centímetros de brancura, mas isso não é problema para o jipe, que corta a neve fresca graças à tração nas quatro rodas, e Nanette é invadida por uma sensação incrível de poder a cada nova pisada no acelerador. Pelo visto, seus pais conhecem “Invincible”, pois cantam e riem como se os três fossem adolescentes, enquanto Nanette dá voltas pelo campo ziguezagueando e cantando pneu, vez ou outra levantando poeira e grama.

Um carro de polícia se aproxima com a sirene ligada. Nanette abaixa o volume da música e volta à estrada, e a família O’Hare sai do carro. Nanette torce para que seja Damon, mas é um desconhecido barrigudo e de bigode.

— Presente de Natal — explica o pai de Nanette ao policial, batendo no capô, e dá de ombros.

— Recebemos reclamações dos vizinhos — informa o policial, apontando para casas próximas. — Que tal fazerem isso em outro lugar?

— Claro, seu guarda — concorda a mãe de Nanette. — Sem problema.

— Feliz Natal — diz o policial, levantando a ponta do quepe.

O policial vai embora, e o pai de Nanette diz:

— Vamos esperar.

E assim que a viatura some de vista, ele diz:

— Só mais uma voltinha e a gente vai. *Hein, hein?*

— Sério?

— Curta um pouco — incentiva a mãe. — E bote “All Fired Up” de novo!

Nanette aceita a sugestão. Eles fazem desenhos na neve, rindo e cantando e sendo livres, e enfim vão embora.

— E aí? — perguntam os pais de Nanette quando chegam em casa.

— Nanette amou! — diz Nanette.

— Quem precisa de garotos para se divertir num jipe? — diz o pai.

— Não que seja um problema ter um namorado — acrescenta a mãe, mais do que depressa.

Eles tomam café da manhã e trocam mais presentes. Nanette dá aos pais uma variada coleção de itens da sex shop local: dadinhos eróticos, óleos de massagem, algemas acolchoadas de pelúcia rosa. Era para ser uma brincadeira, mas no fundo ela tinha esperanças de ajudá-los a reacender o fogo da paixão.

Quando eles abrem o “kit púrpura de prazer”, Nanette sente o arrependimento bater. O desconforto pesa no ambiente.

— Como você soube que estávamos dormindo juntos de novo? — pergunta a mãe. — Dá para ouvir de porta fechada?

O pai deve perceber o olhar horrorizado de Nanette, porque vai em socorro da esposa:

— Sua mãe está brincando.

— Brincando uma ova — retruca a mãe, algemando o marido com a pelúcia rosa, o que provoca em Nanette grande repulsa e ao mesmo tempo grande divertimento, e a coisa só melhora quando o pai de Nanette aperta a coxa da mãe de Nanette.

— Bom, isso quer dizer que vocês voltaram?

O pai abraça a cintura da esposa.

— O susto que você deu na gente... ou como quiser chamar... quer dizer, quando vimos que você... que você precisava de nós... nos reaproximamos bastante. Cuidar de você nos deu um objetivo em comum, nos fez lembrar que existe algo maravilhoso entre nós. Afinal, você é fruto do nosso amor.

Nanette tem um momento de clareza. Ela percebe que é mesmo o produto do amor dos pais e que por isso se preocupa tanto com o fim desse amor.

— E eu superei o problema da mastigação de boca aberta — acrescenta a mãe.

— Estou me empenhando em mudar isso — diz o pai. — *Você reparou?*

Então alguém bate à porta.

Os três se entreolham.

— Estão esperando alguém? — pergunta o pai.

— Não — responde Nanette. — Mas Nanette vai atender.

Quando abre a porta, ela se vê diante de um garoto alto e magro e de cabeça raspada. Ele usa um terno.

— Gostei do seu jipe — diz o garoto. — Mas talvez seja melhor levantar a capota. Está nevando um pouco aqui fora.

Ela demora um pouco para visualizar mentalmente uma versão mais corpulenta e mais cabeluda do garoto.

— Alex?

— Versão magra, careca, engomadinha e regenerada. Os caras me fazem correr dez quilômetros todo dia... antes das seis da manhã. Loucura. Por falar em loucura, só tenho quinze minutos. Meu pai está de olho em mim do outro

lado da rua. — Alex se vira e acena, e um homem num sedã preto acena de volta. O garoto segura junto ao peito uma sacola de papel marrom. Seus dedos parecem apertar com força o embrulho. — Eles me deram duas opções, depois que cumpri os requisitos: eu podia fazer uma ligação de dez minutos a cada dez dias ou passar vinte e quatro horas fora, no Natal. Escolhi o Natal porque assim eu talvez conseguisse ver você, mas meu pai disse que tenho apenas quinze minutos, nem um segundo a mais, e que ele precisa ficar de guarda. Ele ainda acha que você é uma má influência para mim. Tive que dizer que estava vindo terminar com você pra valer. Não estou. *Dã*. Mas concordei com os termos dele para poder vir aqui, então o tempo está passando...

— Nanette — chamam os pais dela, ainda na sala. — Quem é?

Ela está tão chocada que não consegue falar.

— É estranho. Eu aparecer assim depois de tanto tempo. Ainda mais hoje. Eu sei.

Os pais vieram à porta, agora estão atrás dela.

— Oi, sr. e sra. O'Hare. Sou Alex Redmer. Feliz Natal!

— Está tudo bem, Nanette? — pergunta o pai.

Ela faz que sim.

— Estaremos logo ali, na sala — avisa a mãe, e os dois os deixam sozinhos.

— Escrevo poemas para você todos os dias — diz Alex, e estende a sacola de papel. — Estes aqui explicam tudo. Quero que saiba exatamente como foram meus últimos meses. Ainda te amo, Nanette. Podemos ficar juntos no futuro. Só falta atravessarmos esse último trecho da nossa infância.

Ela não pega a sacola. Não sabe o que dizer.

— Você está com raiva de mim — constata Alex. — Eu entendo. Deve ter sido um choque e tanto. Visitei Oliver mais cedo. Ele disse que vocês têm se encontrado, que agora são melhores amigos. Fiquei com um pouco de ciúmes. Avisei a ele para não tentar nada com a minha mulher enquanto eu estiver atrás das grades.

— Você não pode fazer isso — diz Nanette. — Entrar e sair da vida de Nanette quando bem entende. Seguir seu plano de vingança e deixar Oliver e Nanette para enfrentar as consequências e ainda querer que aceitem bem quando você volta sem mais nem menos.

— Fiquei sabendo sobre esse negócio de falar na terceira pessoa. Achei um tanto sexy.

— Não é sexy. É *importante* para ela. Faz parte da terapia.

— Oliver disse que os bonitos pararam com todos os...

— E *Nanette*? E Oliver, que não tem amigos? Ele ficaria totalmente sozinho se Nanette não o visitasse todos os dias. E *Nanette* está sempre sozinha, graças ao que você causou para si mesmo. Você era o parceiro de rebeldia dela, foi essencial nessa fase de transição, e aí você simplesmente some! Não é justo!

— A poesia explica tudo — diz ele, tentando entregar a sacola mais uma vez. — Leia. É quase um manifesto pessoal. Se discordar do que tenho a dizer, bem, terei que aceitar. É o que fazem os rebeldes. Mas acho que você vai entender. Booker juntou a gente porque sabia que... O Wrigley que um dia foi Booker viu em nós dois o Wrigley que ainda é. Preciso sobreviver ao reformatório mais seis meses, e depois disso podemos viver coisas incríveis juntos... se ao menos você puder esperar por mim. Temos o resto da vida! Podemos fazer qualquer coisa! Seremos totalmente livres!

— Apenas supondo, o que *exatamente* Nanette e Alex fariam?

— Eles mudarão o mundo!

— Como? Nanette e Alex são apenas dois jovens comuns de uma cidade média comum. Eles não têm nenhum poder e nenhuma influência.

— Todos os revolucionários já tiveram apenas dezoito anos um dia. George Washington, Malcolm X, Che Guevara, Nelson Mandela, Nigel Wrigley Booker. A posição social é só uma construção, criada basicamente para oprimir o povo e manter os rebeldes na linha. Leia os poemas e as cartas. Você vai entender.

— E depois? O que Nanette deve fazer depois de ler tudo?

— Espere por mim. Manterei contato. Pode acreditar.

Nanette ouve a buzina do pai de Alex e pensa que é impossível terem se passado quinze minutos, embora o tempo sempre pareça correr mais rápido na presença de Alex.

— Vou beijar você agora — avisa ele, e faz exatamente isso antes que ela possa protestar.

Quando Nanette sente a boca de Alex tocar a sua, a mesma eletricidade de antes irradia por seu corpo, eletrocutando toda a racionalidade que há em sua mente, e, sem perceber, ela está retribuindo o beijo — rebelando-se contra o próprio bom senso.

— Eu te amo, Nanette O'Hare. Algum dia você também vai me amar... o suficiente para também dizer isso. Leia os poemas e as cartas.

Com uma piscadela de despedida, Alex se dirige ao carro do pai. Nanette permanece à porta, vendo a luz dos faróis se afastarem, tentando explicar para si mesma o que foi isso que acabou de acontecer.

Quando volta à sala, a primeira coisa que ouve é o pai perguntar:

— Devemos nos preocupar com essa sua compra de brinquedos eróticos, agora que Alex voltou para sua vida?

E a brincadeira perde toda a graça.

— Alex não voltou à vida de Nanette. Hoje mesmo ele volta para o reformatório e ela só vai vê-lo de novo daqui a seis meses, ou talvez nunca mais.

— Isso é uma eternidade para os padrões da adolescência, não é? — pergunta o pai.

— O que tem nessa sacola? — quer saber a mãe.

— Nada.

Nanette se refugia em seu quarto para ler os textos de Alex, e só termina quando o Natal já está oficialmente encerrado.

Quando os pais batem à porta e perguntam se está tudo bem, ela pede que a deixem sozinha, mas eles ainda tentam muitas batidas e perguntas antes de finalmente atenderem o pedido.

Nanette não dorme.

Ela relê tudo diversas vezes.

Nenhum dos escritos é uma carta propriamente dita, são apenas poemas, alguns hipnotizantes ou interessantes, todos crípticos.

Eis os temas e as imagens centrais na poesia de Alex: jaulas, chaves, tartarugas, pais, juventude, jipes, rebelião, o edifício Independence Hall, o Liberty Bell e “os bonitos” do reformatório, o que é irônico, uma vez que todos estão lá porque se rebelaram de alguma maneira. Seria de se esperar que ele fosse gostar de todos os “trancafiados”, mas os professores e os orientadores é que são os heróis dos poemas. Alex se refere a eles como “soldados da liberdade” e enumera muitas lições aprendidas com eles durante seu progresso na “grade curricular autoral”, que parece girar em torno de *A autobiografia de Malcolm X*.

Alex parece estar se escondendo atrás de metáforas, analogias e simbolismos, e Nanette queria que ele tivesse escrito cartas simples, que explicassem tudo, em vez de entregar poemas que trazem emoções à tona, desafiam sua rapidez de pensamento e ainda assim não explicam nada. Ela começa a temer que Alex

seja um covarde e que a poesia às vezes seja usada como máscara pelos que não desejam ser vistos ou não querem revelar o que pensam de verdade. Quanto mais ela lê, mais acredita que Alex está enlouquecendo, mas mesmo assim é inegável a elegância tecida naquelas palavras. Ela pensa em Hamlet e em Ofélia, que fazia sua loucura parecer bela. Nanette tem medo de Alex, o que não a impede de achá-lo mais atraente do que qualquer outra coisa na vida.

Nenhum dos poemas fala sobre Nanette. Embora ela não seja narcisista, como diagnosticado oficialmente por June, é difícil “esperar” seis meses pelo poeta quando ele escreve sobre todos os seus sentimentos exceto sobre o amor que declarou a ela. Nanette cria a hipótese de que ele a esteja punindo, pegando cada pensamento que já teve e o injetando na cabeça dela com uma agulha de poesia, mas sem jamais lhe dar acesso aos que ela mais deseja conhecer. Bem, ele apareceu no Natal; entregou sua poesia *a Nanette*, o que é relevante. Disse que a amava.

Entre as dezenas de poemas da sacola, o que mais chama a atenção de Nanette é “O dispensável Homem-Aranha”. Ela tem um leve pressentimento ao lê-lo, embora não tenha certeza de que seja baseado na realidade. “A ficção não existe”, diziam Booker e Alex, com frequência. Nanette se pergunta se deve mostrar o poema ao pai de Alex ou enviá-lo aos diretores do reformatório. Será que é um pedido de ajuda? Ou será que é apenas Alex confiando a ela seus segredos mais profundos, e ela deve manter secretas aquelas informações? É só um entre os mais de cem poemas que havia na sacola. Alex certamente não esperava que ela lesse todos em uma única noite.

Nanette passa a noite em claro, pensando e relendo, e pensando mais um pouco.

Quando finalmente adormece, ela sonha que está caindo. Acorda suada e apavorada.

Os brinquedos eróticos que ela deu aos pais como uma brincadeira: as algemas de pelúcia rosa e o kit púrpura — ela começa a entender por que as pessoas querem prender quem amam e por que o amor é tão frequentemente relacionado a dor, como se alegria e sofrimento fossem dois lados da mesma moeda.

Por algum motivo que não consegue explicar, Nanette sabe que acontecerá algo ruim com Alex, mas teme que essa intuição signifique que ela é tão desequilibrada quanto ele.

Afinal, é apenas um poema escrito por um adolescente.

Que tipo de poder poderia haver nisso?

Sempre há uma janela de fuga

O DISPENSÁVEL HOMEM-ARANHA

De Alex Redmer

*As janelas da minha cela não têm tranca
Porque estou no sétimo andar
E eles não sabem que sou o Homem-Aranha
Pensam que sou apenas um garoto comum
Que não pode subir paredes
Acreditam que a gravidade pode me matar
E que um eu morto é o mesmo que
Um eu trancafiado — problema resolvido
Mas os tijolos dos prédios são
Antigos como o concreto, que se desfez
Aqui e ali, cada rachadura
Tão funda que abriga a ponta dos dedos
Tão forte que apoia solas
De sapato e apenas alguns centímetros
Do revestimento de couro preto
Para encaixarem como luvas
Então eu escalo no meio da noite
Quando todos descansam
Para a corrida e as flexões
Logo de manhã
Antes de nascer o sol
No horizonte ao leste*

*E com braços e pernas bem abertos
Os músculos tremendo
Como cordas de guitarra
Como um caranguejo na areia
Subo na lateral de tijolos
Lento, pois
Preciso descansar de tempo em tempo
No peitoral das janelas dos bonitos
A lua iluminando
Os gentis rostos adormecidos
Eu me compadeço deles pois não sabem
O significado da ascensão
Dormem obedientes
Como é do feitio dos bonitões
E observar suas feições dá
Forças para continuar
Com enorme força nos dedos e
E aquela terrível necessidade
Ascendo, sem olhar para baixo
Ou me importar com a queda — porque
Tudo estaria acabado em um segundo
Enquanto eu escalasse livre por mim
E não dormindo por eles
Mas quando chego ao telhado
Eu me posiciono
Nas telhas afiadas como dentes, e então
Com os calcanhares nas calhas
A cabeça nas estrelas
Grito minha liberdade
Como o disparo de uma bala
E sei
Que eles jamais
Me controlarão
Porque sempre há
Uma janela de fuga
Que leva a algum lugar*

*Aonde ninguém mais vai
E os tais idiotas que arriscam a sorte
Bem, estes sempre deixam as janelas abertas
Sim, deixam*

A preservação do meio ambiente é a menor das suas preocupações

Nanette leva os poemas para a terapia e debate com June longamente sobre “O dispensável Homem-Aranha”. June entende a preocupação dela com o *dispensável* do título e o comportamento arriscado descrito, mas lembra que os adolescentes fantasiam muito. Ela observa que, mesmo que o poema seja uma metáfora, Alex não levou em consideração os sentimentos de Nanette ao lhe dar aquilo.

— Ele nem quis saber sobre você quando apareceu na sua casa, sem ser convidado, e ainda por cima interrompeu o... quer dizer, pelo que você me contou, ele *estragou* o Natal da sua família. Você me pareceu radiante ao contar sobre o passeio de jipe com seus pais, e aí Alex vem com um problema dele para jogar nos seus ombros, e agora você está ansiosa e se sentindo responsável por ele. Vê como isso o faz parecer o vilão da história?

Nanette entende, mas também se lembra da eletricidade que sentiu com o beijo e da sensação de importância enquanto lia os poemas dele sozinha... textos que ele confiou *somente* a ela.

— Você acha que isso é uma relação saudável, Nanette? — pergunta June.
— Ou um romance tolo?

* * *

— O que você acha? — pergunta Nanette quando termina de contar sobre o encontro com Alex e sobre as observações de June.

Ela está com Oliver, os dois sentados no chão do quarto dele, cercados pelas fotos de flores. É início de janeiro.

— Por mais que eu adore o Alex, June tem bons argumentos — opina ele.

— Você acha que Alex pode estar escalando o prédio do reformatório?

— Hum, acho que sim.

— Ele pode cair.

— É mesmo, pode sim.

— Você não parece preocupado.

— Pergunte se estou bem — diz Oliver, e sorri.

— Você está bem?

— Estou ótimo. Pergunte por quê.

— Por que você está ótimo?

— Tem uma garota nova na minha escola, Violet. Os pais dela são botânicos e ela entende tudo de flores, ainda mais que eu! A gente almoça junto todo dia. É a primeira vez que eu tenho *companhia* no almoço! Violet pinta o cabelo de roxo e coloca uns acessórios amarelos para ficar com a cabeça parecendo uma flor. Não é incrível?

— Você está apaixonado, Oliver?

— Talvez!

Eles não demoram a marcar um encontro para que Nanette conheça Violet. No dia, o jovem casal está de mãos dadas no quarto de Oliver e é muito fofo. Eles estão enfeitiçados pelo amor.

— Qual é sua flor favorita, Nanette? — pergunta Violet.

Nanette nunca pensou no assunto, então diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

— Lírios de qual cor? — continua Violet.

— Há... brancos? — diz Nanette, hesitante.

— É o símbolo da pureza.

— Quantos anos você tem mesmo?

— Temos a mesma idade — responde Oliver. — *Não é incrível?*

— É — diz Nanette. Ela inventa uma desculpa para ir embora. Oliver não precisa mais dela. Fato.

* * *

Ao visitar Booker, Nanette descobre que Sandra está praticamente morando com o agora bem menos recluso e não mais escritor. Eles a recebem também de mãos dadas e trocam olhares apaixonados. É um pesadelo, porque Booker não

leva a sério mais nada que Nanette diz. Ela conta sobre o poema do Homem-Aranha.

— Tudo drama! Não é nada.

Sandra também não demonstra preocupação.

* * *

Os pais de Nanette têm saído juntos à noite, para terem “momentos a sós”, e Nanette acaba ficando sozinha com seus pensamentos. Ela anda de jipe com a capota aberta e o aquecimento no máximo.

Nanette passa horas e horas nesses passeios, sem nenhum destino específico, já que não tem para onde ir nem ninguém para visitar.

June sugere que ela busque interagir com pessoas novas, encontrar um novo hobby, porque “dirigir por aí não só é um tédio, como também é péssimo para o meio ambiente. Ainda mais com aquele carro que bebe gasolina”. June diz isso no bom humor, mas Nanette não ri. Considerando tudo que tem acontecido — ou talvez o que não tem acontecido —, a preservação do meio ambiente é a menor das suas preocupações.

Ela percebe que Booker e Oliver já não têm mais sentido em sua vida.

Oliver está bem.

Booker está bem.

Nanette ainda não está bem.

Ele se tornou uma espécie de conceito

Um ano após beijar o professor na sala de aula em pleno Dia dos Namorados, Nanette está jogando uma partida nada romântica de Scrabble com os pais quando alguém toca a campainha. Embora tenha decidido que sua relação com Alex chegou ao fim, seu coração dá um salto diante da possibilidade de ser ele. Ela se assusta ao se ver correndo para a porta. Mas não é Alex.

— Olá — diz um homem. — *Nanette?*

— Sim?

— Sou o pai do Alex.

Ele usa um terno cinza-escuro e uma gravata vermelha novinha, o nó bem firme sob o queixo. Embora alto, parece um homem fraco, com um rosto comprido que de certa forma lembra uma cegonha.

Talvez Alex tenha mandado mais poemas, ou uma carta, pensa Nanette, e seu coração acelera. Então ela repara que os olhos do sr. Redmer estão vermelhos. Ela começa a sentir que está sendo estrangulada.

— Não sei o que Alex falou sobre mim para você — diz o sr. Redmer. — Meu filho, sabe... às vezes ele tinha dificuldade em se manter conectado com a realidade.

Nanette sente um incômodo com o uso do verbo no passado. De repente ela se sente imobilizada, incapaz de falar ou de se mexer.

— Desde garotinho, Alex tinha uma imaginação fértil... As ideias mais absurdas. Isso foi mais problemático do que positivo para ele, infelizmente. Mas estou pensando alto, perdão.

Um rio de lágrimas corre pelas rugas do rosto dele.

— O que aconteceu? — pergunta Nanette.

— Alex foi... ele morreu.

— *Morreu?*

— Ele caiu do prédio. Parece que tentou escalar até o telhado. Não conseguiu. Teve morte instantânea, não sentiu dor. Faz duas semanas. Encontraram esta carta com o corpo dele, mas eu não sabia se deveria entregá-la a você, por causa das circunstâncias. Mudei de ideia algumas vezes e acabei optando por vir.

— Porque é Dia dos Namorados? — pergunta Nanette, pensando na crueldade daquilo.

— Isso não me ocorreu... Foi errado eu ter vindo hoje?

Ela não sabe o que responder. Sente que precisa confirmar tudo que ouviu, porque nada faz sentido.

— Então Alex morreu. E o senhor vem me dar a notícia duas semanas depois?

— Sinto muito. Meu filho se foi. Não sei o que mais posso dizer... Nunca fui bom com essas coisas.

— Houve um funeral? — pergunta Nanette, num sussurro.

— Não. Não sou religioso. Alex foi cremado e joguei as cinzas no mar. Ele gostava de água.

— Por que o senhor não entrou em contato com os amigos dele?

— Alex não tinha muitos amigos... além de você. É por isso que vim.

— Oliver já sabe?

— Quem é Oliver?

— O senhor realmente não sabe quem é Oliver?

— Era o menino que meu filho dizia proteger? O que tinha alguns problemas graves que complicaram a vida de Alex? — pergunta o sr. Redmer, mas não em tom de acusação; está apenas tentando identificar o garoto em sua mente, apesar de seu desconhecimento já entregar muita coisa.

— Isso — confirma Nanette.

— Não contei para ninguém além de você. Como eu disse, Alex não tinha muitos amigos. Era meio solitário, como o pai. Você se importa de contar a Oliver? Não tem sido muito fácil para mim.

Nanette concorda em fazer isso e diz que sente muito pela perda dele.

— Eu não quis que Alex se correspondesse com você porque não queria que a magoasse, mas... bem...

O sr. Redmer estende uma carta, a mão tremendo descontroladamente. Nanette a pega e se despede. Passa direto pelos pais (que estavam bisbilhotando

no corredor) e vai para seu quarto, trancando a porta. Enquanto abre o envelope, ela se pergunta por que não está chorando. Tudo parece puramente fictício — surreal, talvez —, distante da realidade.

Minha linda Nanette,

O tempo todo fico imaginando o que você estará fazendo ou pensando. É muito estranho ter uma namorada e não poder conversar com ela nem mesmo por cartas, não poder vê-la. É quase como namorar um personagem que só existe na minha cabeça, como se fôssemos produtos da imaginação de alguém, vivendo nas páginas de um livro que li há muito tempo mas que foi tirado de mim e agora posso apenas lembrá-lo. Só que com o tempo a mente altera tudo, de um jeito estranho e sutil. Mas chega disso.

Aposto que está se perguntando por que esta é a primeira vez que escrevo para você. Bem, não tenho autorização para escrever ou receber cartas neste inferno de prisão, a não ser que meu pai autorize, coisa que ele se recusa a fazer. (Acho que está tentando me proteger de você! Hahahaha!) Então não pude escrever no Natal. Os poemas que dei para você naquela sacola formam uma espécie de carta codificada quando lidos em conjunto, e espero que você compreenda o significado. Como meu pai não entende poesia, ele cedeu um pouco dessa vez e permitiu que eu os entregasse a você só porque eu falei que você me ajudaria a publicá-los. (HAHAHAHAHA!) Tenho planos grandiosos para nosso futuro!

Fiz amizade com um professor aqui, o sr. Harlow. Ele disse que enviaria minha carta se eu tirasse 10 na prova de introdução à filosofia, e eu consegui, porque escrevi sobre você.

Escrevo sob o luar. A lua hoje está cheia e luminosa como leite fresco — e me chama como uma mãe —, e algo me diz que preciso terminar esta carta no telhado. Você leu meu poema do HOMEM-ARANHA? (Faço aquilo de verdade às vezes. Não se preocupe, sou um excelente alpinista.) Os raios da lua estão me atraindo fortemente esta noite, acho que preciso ascender. A carta será bem melhor se eu a escrever do alto. O ar da noite perfumará minhas palavras e a magia do luar preencherá minhas frases!

E é isso. Nanette lê a carta inacabada inúmeras vezes e sempre que chega ao final vê um pequeno filme passar em sua mente. Está fadada a ver Alex tentar subir pela parede como uma aranha do tamanho de um ser humano até que seus dedos se cansam ou o sapato não consegue achar uma fresta em que se apoiar, e ele cai como uma estrela-do-mar e de repente... *Puf!* A mente de Alex é instantaneamente apagada, como um computador próximo demais a um ímã.

Formatar.

Nanette tenta não imaginar os destroços do corpo de Alex. Em seu filme mental, ele se parte em um milhão de pedacinhos, como um vaso de cristal, que ela recolhe com pá e vassoura para então lançá-los no ar, onde voltarão a ser estrelas. É uma poesia infantil que ela repete para si mesma, e a ajuda.

June chama isso de processo de luto e insiste para que Nanette nunca, jamais, se sinta responsável pela morte de Alex. Nanette insiste na ideia de que teve uma premonição. Assim que leu o poema do Homem-Aranha, soube que aquilo seria o fim dele.

— Isso não é premonição. É a identificação de um comportamento perigoso, como dizer que alguém que toda noite dirige bêbado pode morrer num acidente de carro. Ou que alguém que luta com crocodilos pode acabar morto por isso. O perigo nem era escalar a parede, mas o modo de Alex enxergar a vida. Se não fosse a agressão ou o alpinismo inconsequente, teria sido outra coisa.

Nanette diz que deveria ter alertado alguém.

— Você falou comigo — observa June.

— Mas você não fez nada para salvá-lo.

— Alex não era minha responsabilidade, assim como não era sua. Ele faria o que bem quisesse, não importando o que dissessem ou fizessem. Estava em um reformatório, teve uma segunda chance. Havia pessoas o vigiando. Ele escolheu isso. É triste, mas é a verdade.

Nanette pondera se é tão simples assim. Todos se dizem não responsáveis e lamentam muito e seguem com sua vida.

O mais estranho é que Nanette não sente muita falta de Alex, porque ele se tornou uma espécie de conceito. Não esteve presente na vida dela nos últimos meses, e, para ser sincera, eles só passaram uns dois meses juntos. Nanette conclui que viveu mais tempo com Wrigley do que com Alex Redmer.

Em todo o país, em todo o mundo, adolescentes morrem todos os dias, e a Terra continua girando.

Que diferença fazemos? Algum de nós importa?, pensa Nanette. *Qual é o sentido da vida?*

Ela quer muito largar tudo — sentar-se sozinha em um tronco ou uma pedra, como Ted Improdutivo, ou ficar boiando para sempre em um lago, como Wrigley.

Nanette relê *O ceifador de chicletes* várias vezes — como se fosse um texto canônico, capaz de lhe fornecer respostas e significados —, mas não extrai nada novo dali.

Oliver e Booker reagem com choque e tristeza ao saber do destino de Alex. Oliver chorou por dias seguidos, segundo conta a mãe dele, depois. Booker se recusa a mostrar a ela as cartas de Alex, alegando que “não foram escritas para você, Nanette”, e ela argumenta que nas cartas deve ter um monte de pistas que a ajudarão a entender a tragédia, mas Booker alega que “não existem respostas boas para acontecimentos trágicos como esse, e como não existem, você vai enlouquecer tentando encontrar”. Nanette pede ajuda a Sandra, mas ela concorda com Booker. “É tudo tão triste” — é a única parte do que Sandra diz com a qual Nanette concorda. E, de repente, Oliver, Booker e Sandra parecem apenas lembranças, personagens de um livro que Nanette não deseja mais ler. Ela para de retornar ligações, mensagens e e-mails deles. Nada que digam ou façam será capaz de mudar o que sente.

Nada.

Um dia, Nanette está dando voltas com seu jipe quando vê no celular uma chamada de Booker. Ela vê um lago à frente, para o carro perto da margem e atira o aparelho na água enquanto ele ainda toca.

Como transformar a tragédia em algo positivo?

Cerca de um mês após receber a notícia da morte de Alex, Nanette se vê na delegacia procurando Damon. A mulher atrás do vidro, Cheryl, pergunta qual é o assunto.

— Lembra do garoto que ficou preso aqui alguns meses atrás? Alex Redmer?

— A gente prende um monte de gente o tempo todo e você acha que vou me lembrar de alguém que...

— Ele morreu.

A feição de Cheryl muda na mesma hora. Ela aproxima o rosto do vidro, a boca aberta, e sua expressão se suaviza.

— Sinto muito, meu bem.

Nanette não gosta de ser chamada de “meu bem”.

— Nanette gostaria de falar com o oficial Damon.

— Quem é Nanette?

Ela aponta para si mesma.

Cheryl faz uma cara esquisita.

— Damon está na rua fazendo a ronda.

— Pode ligar para ele?

— Acho que posso, mas...

— Nanette precisa falar com Damon sobre o laço preto no polegar dele. Diga que é sobre isso. É importante.

Cheryl observa Nanette por alguns instantes e então se dirige à sala ao lado.

Ela volta dizendo:

— Damon está a caminho. Se quiser, pode esperar no estacionamento.

Nanette acata a ideia porque entende que Cheryl não quer que ela espere lá dentro.

Damon chega em uma viatura, sai, tira os óculos escuros espelhados.

— Sinto muito por Alex. *Como isso aconteceu?*

Nanette conta o que sabe.

Damon mantém o olhar fixo em Nanette.

— Que pena — diz ele ao final do relato. — Uma grande pena mesmo. Sinto muito.

— O que Nanette faz agora?

Ele hesita por um segundo.

— Como assim?

— Alex foi embora, não mandou notícias quando estava longe, agora está morto e Nanette não sabe o que fazer.

— Não sei se posso ajudá-la com...

— O que *you* fez?

— Está falando do... — Ele olha para o laço preto no dedo. — Ah. Bem, chorei muito. Soquei as paredes de casa. Minha esposa e eu começamos a fazer terapia, amarrei um laço preto no polegar, me tornei policial, como já contei. Mas em nenhum momento foi algo simples. Nem sempre dá para explicar essas coisas com palavras.

— E fazer tudo isso resolveu as coisas?

— Que *coisas*?

— A morte do seu filho.

— Eu não diria que resolveu.

— O que você diria?

— Diria que ajudou. Decidi transformar um incidente negativo em positivo. Pelo menos até onde era possível. Coisas negativas geram mais coisas negativas, e eu já tinha esgotado minha cota. Estava me sufocando em negatividade.

— Então você acha que Nanette deve fazer isso, agora que Alex morreu? Transformar o negativo em positivo?

— Talvez também devesse fazer terapia.

— Sim, Nanette já está em terapia.

— Não entenda como algo grosseiro, mas eu não sei o que você espera de mim — comenta ele. — Como posso ajudá-la *de verdade*?

— Você acha que Nanette deveria amarrar uma fita no polegar?

Ele engole em seco.

— Talvez, se tiver algo que deseja lembrar. E é uma boa maneira de começar conversas. Chama atenção.

— Uma forma de rebeldia.

— É, acho que sim.

— Você não vai deixar o mundo esquecer.

Damon assente. Ele diz:

— A dor diminui com o tempo. No início parece que isso nunca vai acontecer, mas...

— Nanette não sente tanta dor pela morte de Alex. Ela só está meio confusa e perdida.

Damon passa o dedo no pequeno laço preto.

— Bem, para nós foi muito importante entender o que aconteceu. Fomos até a prisão e conhecemos o homem que matou nosso filho. Percebemos que ele era muito doente, ainda é. Fizemos perguntas. Enfrentamos nossos medos. Trabalhamos como voluntários. Hoje em dia, conto nossa história para pais de crianças pequenas e coordeno programas de prevenção, ensinando a crianças o que fazer caso alguém tente sequestrá-las. É o modo que encontramos de tentar transformar a tragédia em algo útil.

— *Útil?*

— Na falta de termo melhor. Não é fácil, mas é possível.

— Você não teve vontade de simplesmente largar tudo? Desistir?

— Bebi bastante durante um período, mas, depois de um tempo, decidimos lutar. Foi uma batalha épica. Faz parte da vida.

— Por que não ensinam isso nas escolas? Que a vida é tão difícil?

— Todo mundo espera que a vida seja mais fácil para os jovens. Talvez o objetivo em nosso país seja alcançar uma vida mais fácil, então vemos a verdade como algo que traz mau agouro. Conheço muita gente no meu dia a dia de trabalho e posso dizer, com toda a certeza: a vida é bem difícil para quase todos.

Nanette o observa em silêncio por um tempo.

— Obrigada por ter sido legal com Alex — diz ela.

— Eu só estava fazendo meu trabalho.

— Não vem com essa. Cheryl, aquela rainha do gelo atrás do vidro, é que está apenas fazendo o trabalho dela. Você fez tudo que podia e foi além. Isso significa muito.

Ele baixa os olhos.

— Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por você? — pergunta.

— Nanette talvez precise de aconselhamento legal.

— Não sou advogado.

— No Natal, Alex deu a Nanette um monte de poemas. Um deles falava sobre como ele gostava de escapar pela janela e escalar o edifício até o telhado e dava a entender que ele não queria mais viver. Ele chamava a si mesmo de “dispensável”. Não contei a ninguém sobre o poema e ele morreu exatamente assim. Subindo até o telhado. Ele caiu. Você acha que Nanette é culpada? Ela deveria ter avisado sobre aquele comportamento perigoso, talvez? Avisado o reformatório, ou o pai dele...

— Você não tem nenhuma responsabilidade pela morte de Alex. É apenas uma garota.

Nanette suspira.

— Então Nanette não é responsável legalmente?

— Não, de jeito algum. Já conversou com seu psicólogo sobre isso?

Nanette faz que sim.

— E o que ele disse?

— *Ela* disse o mesmo que você. Eu só queria uma segunda opinião. De alguém que não esteja sendo pago pelos meus pais.

— Entendo.

— Obrigada.

— De nada.

Nanette não tem forças para dizer mais nada, nem para olhar para o gentil policial.

Se alguém tivesse raptado e matado seu filho, Nanette não tem muita confiança de que conseguiria ser assim tão amável, por isso ela se sente um lixo, embora saiba que deveria apenas valorizá-lo. E, por se sentir assim, se sente ainda pior.

Como transformar a tragédia em algo positivo?

Ela não sabe o que fazer.

O que fazer?

Nanette se vira e vai embora.

Time Antígona, jamais os Creontes do mundo

Nanette procura no Google o nome do reformatório e encontra o endereço de e-mail do professor que Alex mencionou na carta, sr. Harlow. Ela escreve para ele, e os dois combinam de se falar por telefone.

NANETTE: Obrigada por falar com Nanette.

SR. HARLOW: Sinto muito por sua perda. Alex era... Eu gostava dele. *Bastante*. Era um aluno apaixonado.

NANETTE: O pai de Alex entregou a Nanette uma carta que foi encontrada com o corpo dele. Alex diz na carta que fez um acordo com o senhor, que o senhor enviaria a carta para Nanette se ele se saísse bem na prova de filosofia. E que escreveu uma redação sobre Nanette.

SR. HARLOW: Ele realmente escreveu sobre você, Nanette, mas o resto é invenção. Nunca concordei em enviar nenhuma carta. Alex era... bem, ele parecia ter um problema de dissociação da realidade.

NANETTE: Então Alex mentiu para Nanette?

SR. HARLOW: Não sei se é simples assim. Não creio que Alex pensasse que você de fato receberia a carta um dia. Acho que ele não estava planejando morrer.

NANETTE: No Natal, ele deu uma sacola cheia de poemas para Nanette, e havia um poema em que ele contava que vinha

escalando o prédio.

SR. HARLOW: O do Homem-Aranha.

NANETTE: O senhor o leu?

SR. HARLOW: Eu lia todos os poemas de Alex. Era orientador dele, precisava ver todos os seus trabalhos. Aqui na instituição, seguimos uma grade de matérias escolhidas pelos alunos, e Alex era apaixonado por poesia.

NANETTE: Por que o senhor não fez nada para impedir que ele escalasse o prédio?

SR. HARLOW: Eu fiz. Mandei aparafusarem as janelas do quarto dele.

NANETTE: Sêrio?

SR. HARLOW: Sim. Alex não gostou nem um pouco.

NANETTE: Então como ele saiu?

SR. HARLOW: Ele bloqueou a porta do quarto e quebrou o vidro da janela com a cadeira. Os monitores ouviram o barulho e correram até o quarto dele. Estavam gritando, tentando dissuadi-lo, quando Alex caiu. É provável que ele tenha caído justamente porque aparafusamos as janelas. Que ironia. Se ele tivesse continuado fazendo aquilo sem ninguém saber, talvez ainda estivesse aqui. Não sei.

NANETTE: Então o senhor se sente culpado?

SR. HARLOW: Fico triste, mas não me sinto culpado. Alex sabia que estava me obrigando a tomar uma providência quando me mostrou aquele poema. Ele sabia que eu tentaria impedi-lo. Só fiz meu trabalho.

NANETTE: Nanette se culpa pela morte de Alex, porque leu o poema e não fez nada.

SR. HARLOW: Não foi culpa sua, não mesmo. Você já leu alguma das peças de Sófocles na escola? As tragédias?

NANETTE: Não.

SR. HARLOW: Alex e eu tínhamos acabado de ler *Antígona*, e ele escreveu uma redação comparando você a Antígona. Ele tinha orgulho de você por ter largado o futebol. Antígona, como você verá quando ler a peça, era uma mulher que não cedia aos homens. Ela fazia o que considerava certo. E eu a admiro muito como personagem. Mas a peça fala mais sobre orgulho e sobre o que acontece quando as pessoas são teimosas e se recusam a ceder. Termina de forma trágica, como é esperado das tragédias como gênero. Alex não entendia isso, que é necessário ceder de vez em quando.

NANETTE: Está querendo dizer que a vida de Alex foi uma tragédia?

SR. HARLOW: Teve um fim trágico. Ele era muito teimoso. Foi por isso que veio para cá.

NANETTE: O senhor acha que Nanette tem alguma parcela de culpa na morte de Alex, ainda que pequena?

SR. HARLOW: Claro que não. Alex fez escolhas. *O homem, embora sábio, não deve jamais sentir vergonha de aprender, deve desimpedir a mente.* É uma citação de *Antígona*. Alex e eu a debatemos longamente. Ele não entendia o que seria desimpedir a mente.

NANETTE: Você tentou ensinar, mas ele não lhe deu ouvidos.

SR. HARLOW: Ele ouvia do jeito dele, acredito, mas não se deu tempo suficiente para desvendar tudo.

NANETTE: Como assim?

SR. HARLOW: Alex era um rapaz impulsivo, não refletia sobre seus atos. Fazia o que sentia que era o certo a fazer. Esses anos todos em que estou na instituição, trabalhei com milhares de garotos. A teimosia é um traço bem comum por aqui.

NANETTE: Bem, obrigada pelo seu tempo.

SR. HARLOW: Você foi uma boa amiga para Alex.

NANETTE: O senhor pode enviar para Nanette o que Alex escreveu sobre ela e Antígona?

SR. HARLOW: Desculpe, não posso fazer isso. Ele não me deu permissão e agora não tem como fazê-lo.

NANETTE: Ele escreveu alguma coisa terrível, que o senhor não quer que Nanette veja?

SR. HARLOW: Não.

NANETTE: Jura?

SR. HARLOW: Alex me contou sobre seu uso de terceira pessoa. Muito interessante. Não são muitos os adolescentes que se comprometeriam por tanto tempo a fazer algo que exige tamanha entrega. Admiro isso em você. Talvez eu passe a usar a técnica com alguns alunos daqui. Perspectivas diferentes são ferramentas poderosas, talvez os ajude de alguma forma.

NANETTE: Está bem.

SR. HARLOW: Sinto muito. Espero que, com o tempo, você supere isso e siga em frente.

NANETTE: Nanette precisa encontrar a utilidade disso tudo.

SR. HARLOW: Utilidade?

NANETTE: Obrigada mais uma vez. Tchau.

SR. HARLOW: O que você quer dizer com...

Nanette desliga. Imediatamente depois, baixa *Antígona* e começa a ler. Ela também desenvolve admiração pela personagem, que enterrou o corpo do irmão mesmo quando a lei proibia.

A leitura ajuda Nanette a entender um pouco por que a maioria das pessoas é conformista — faz o que lhe mandam fazer. Às vezes se paga caro pela individualidade, ainda mais quando se é mulher.

Alex pagou caro.

Mas também pagamos caro quando obrigamos alguém a fazer algo que não quer — ainda mais se a pessoa tiver uma personalidade forte, com tendência à rebeldia.

Nanette acha irônico que Alex estivesse lendo essa peça no reformatório, um lugar geralmente associado à rigidez em suas regras. Faz com que ela se pergunte sobre o sr. Harlow. Alex certamente seria do time Antígona, jamais os Creontes do mundo.

A concavidade nua de suas axilas adolescentes

— Oi — diz alguém.

Nanette está no quarto ouvindo a “playlist do Alex”, composta quase exclusivamente por Lightspeed Champion e Los Campesinos!. Não é que sinta falta dele, mas também não quer esquecê-lo. E também está lendo *Édipo Rei*, de Sófocles, pensando no destino. Ela ergue os olhos e vê Shannon à porta.

— Seus pais me chamaram. Disseram que você não anda muito legal, é verdade?

Nanette a observa. Shannon usa maquiagem pesada para um sábado à tarde. Será que ela se maquiou só para visitar Nanette ou sempre sai assim mesmo?

— Faz tempo que a gente não se fala. Senti sua falta — diz Shannon. — O que você está ouvindo?

— Uma música chamada “ e Big Guns of Highsmith”. É de uma banda chamada Lightspeed Champion.

— Nunca ouvi falar. E o que está lendo?

— Sófocles. *Édipo*.

— O que é isso?

— Uma tragédia grega.

— Por que está lendo isso?

— Por que não?

— Ah, hoje é sábado. Fim de semana, sabe? O dia está lindo. Não quer aproveitar a primavera?

— Não.

— O que está acontecendo com você, Nanette? Você surtou comigo no início da temporada de futebol, abandonou todos os seus amigos e agora

parece que não quer contato com ninguém. Você não pode passar a vida inteira sozinha, sabe? Não é saudável.

Nanette assente.

Shannon deve ter razão.

— Seus pais me contaram sobre seu namorado.

— Ele não era namorado de Nanette. Nanette e Alex não gostam de rótulos.

— E esse negócio de terceira pessoa... devo dizer que não está ajudando em nada sua vida na escola.

— Faz parte da terapia de Nanette.

— Sinto muito pela morte de Alex.

— Você nem o conhecia.

Shannon assente e lança um olhar muito sincero para Nanette — um olhar que é um resquício de quando eram crianças e que conseguiu preservar dentro de si.

— Não, não o conhecia, mas eu conheço você — responde Shannon. — Me desculpe por ter deixado você de lado, Nanette. Eu estava irritada, com razão, e não imaginei que você estivesse passando por todas essas *coisas*. Seus pais acabaram de me contar que você nem vai tentar entrar na faculdade no ano que vem. É *sério*, isso?

Nanette apenas encara Shannon.

Nanette não sabe o que dizer.

— Bem, o ano ainda não acabou. Você pode voltar a participar de tudo. Ainda dá tempo. Presta atenção: seus pais e eu conversamos com a direção e conseguimos que, por causa de tudo que aconteceu, deixassem você participar da viagem de turma no mês que vem, mesmo já tendo passado o prazo de inscrição. Você pode ficar no meu quarto. Quero que fique comigo. *De verdade*.

— Mesmo que você e Nanette não sejam campeãs do time? — pergunta Nanette.

— A gente podia ter sido. Que pena que não fomos.

Nanette sorri ao pensar que agora tudo aquilo lhe parece bobo, e nesse momento, nesse exato momento, decide fazer um experimento. Nas peças de Sófocles que leu até agora, todos os heróis têm um final trágico porque não cedem; insistem em agir como julgam correto e em controlar tudo, então Nanette decide ceder. Participar por um tempo, reprimir sua personalidade rebelde e engolir o orgulho.

— Tudo bem — diz Nanette. — Nanette vai na viagem com vocês.

— Vai mesmo? — Shannon fala como se tivesse ido até lá sem a convicção de que conseguiria trazê-la de volta para o mundo. — Então tá. Não quer também ir a uma festa hoje à noite comigo?

— Quero — responde Nanette, bem rápido, para não mudar de ideia.

— Não está de sacanagem com a minha cara?

Nanette balança a cabeça.

— Ok, então. Legal. Vai querer beber?

— Não.

— Quer dirigir, então? Podemos ir no seu carro?

— Claro.

— Que tal às oito? A festa é na casa do Nick Radcliff.

— Combinado.

— Você realmente quer fazer tudo isso?

Nanette faz que sim.

— A gente pode se abraçar?

— Claro.

Nanette se levanta.

Shannon vai até ela.

As duas se abraçam.

Nanette não sente nada além das escápulas de Shannon sob suas mãos, mas consegue abrir um sorriso quando se olham.

— Vamos fazer você voltar ao normal, tá? — promete Shannon. — A gente se vê às oito.

Cinco minutos depois, a mãe de Nanette aparece.

— Quer dizer que você vai sair com a Shannon hoje?

— Aham.

— E também topou viajar com a turma?

— Claro.

— Que bom! Fico muito feliz. Você precisa sair deste quarto de vez em quando, Nanette. Não é saudável só... ficar de molho.

— Nanette pode usar sua maquiagem hoje à noite?

A mãe arregala os olhos ao responder:

— Claro, mas talvez seja melhor parar de falar sobre si mesma na terceira pessoa antes de voltar a interagir com seus colegas.

— Talvez. Talvez não.

— O que você está aprontando, hein?

— Nanette está tentando assimilar o máximo possível.

Ela toma um banho, arruma o cabelo, passa a maquiagem e tenta se vestir de um jeito que impressione Shannon, com a saia mais curta do armário, uma regata que acentua os seios e deixa entrever o sutiã preto, e a luxuosa rasteirinha prateada da mãe. Até passa perfume nos punhos e atrás das orelhas.

— Você está linda — elogia a mãe.

— Está tudo bem? Tem certeza de que quer ir? — pergunta o pai.

— Aham — responde Nanette, e sai em seu jipe pela cidade.

Ela encontra mais duas garotas na casa de Shannon: Maggie Tolliver e Riley Gillan.

Na cozinha, as três bebem margaritas em copos imensos, fingem estar mais bêbadas do que realmente estão e falam sobre os garotos em que “estão de olho para pegar” na festa, fazendo apostas sobre o tamanho do pau de cada um.

Nanette lembra que Shannon, Maggie e Riley foram as protagonistas do escândalo sexual oral do fundamental e pensa que pouca coisa mudou desde então.

— Ei, olha só quem chegou! — diz Riley quando Nanette chega.

As três se levantam para um grande abraço coletivo, que sai desajeitado e fedendo a tequila e maquiagem.

Para quem não conviveu uma vida inteira com aquelas garotas, parece inacreditável que as três estejam abraçando a garota que há meses tem sido alvo de seus olhares de ódio, mas Nanette entende que aquele é um grupo volúvel. Elas se movimentam em formação, como um bando de gansos voando no céu: todas juntas. Se a líder muda de direção, o resto segue.

— Que *saudade!* — exclama Maggie.

— Você está muito gata! — comenta Shannon. — Quem você quer pegar hoje?

— Quem quiser me pegar — responde Nanette, testando sua falsa personalidade, escondida atrás de delineador, blush e batom.

— Uuuuuuuuuuu! — exclamam as garotas, com um sorriso de aprovação.

— Adorei essa nova Nanette! — completa uma delas.

— Margarita? — oferece Riley.

— Hoje ela vai ficar de motorista — responde Shannon rapidamente, poupando Nanette da pressão coletiva.

Após mais duas rodadas de margaritas, todas vão se enfiar no jipe com a capota aberta.

— Não está meio frio para ficar com a capota aberta? — diz Riley.

— Deixa de frescura, Riley! — rebate Shannon, fazendo-se de bêbada. — Vamos acordar a porra dos vizinhos todos!

Shannon conecta o celular e assume o comando do rádio, aumentando o volume.

Quando a primeira música começa, Maggie, Riley e Shannon dançam e cantam aos berros, jogando as mãos para o alto, exibindo a concavidade nua de suas axilas adolescentes.

Aquela música... Parece um cara inglês cantando rap ao som de um violão.

— Canta com a gente! Não conhece essa música? — pergunta Shannon, cutucando Nanette.

— Não — grita Nanette.

— *Jura?* Tá tocando direto no rádio.

Por que Shannon precisou usar o celular se a música toca no rádio toda hora? É uma canção agradável, igual a tudo que Shannon e seus amigos ouvem, porque é pop — comum. Não há nada de estranho nisso, então a nova Nanette, que não tem nada de esquisita, finge que também curte a música.

Na festa, há barris e latinhas e garotos e mais músicas de rádio.

Nanette dança ao som de um rap raivoso. Em determinada música, que toca três vezes seguidas, um monte de garotos canta animadamente sobre trepar com as vadias dos amigos enquanto se esfrega em Nanette, e ela cruza os braços acima da cabeça, exibindo as axilas, rebola e sorri, do mesmo jeito que Shannon, Maggie e Riley fazem sempre que um novo garoto aparece para se esfregar na bunda delas. Como está fingindo ser outra pessoa, Nanette também dá uma risada sexy sempre que algum dos garotos bota a mão na barriga dela, e continua dançando mesmo que não goste nem um pouco de rap misógeno e ache os garotos todos tão iguais que chega a doer — como se estivesse cercada de clones.

Ao longo da festa, as três garotas que vieram com ela desaparecem, cada uma com um garoto, e Nanette se vê sozinha com Ned Frazier na cozinha. Ned é alto e de beleza tradicional: maxilar marcado, corpo malhado, mãos grandes — sinal de pau grande, segundo Riley. Ele é popular e se veste exatamente igual a todos os outros garotos descolados da escola.

E está bastante bêbado, desequilibrando-se um pouco vez ou outra.

— Sempre te achei gata, Nanette, mas esse ano você não apareceu em nenhuma festa. Nunca entendi por que uma garota gostosa que nem você ficaria em casa lendo, essas merdas, sabe? Tipo... caguei pros livros! Que se foda! — conclui ele, fazendo a mesma pose ridícula de imitação de rapper que ficou fazendo durante aquela música que tocou três vezes.

Por que ele está fazendo isso?, Nanette tenta entender.

O rosto dele está afogueado.

Seu hálito fede a álcool, que parece exalar também como suor em sua pele. Agora ele está quase deitando no balcão para ficar com os olhos na altura dos de Nanette, e Nanette tem medo de ele cair dali a qualquer momento.

— Tenho muita sorte em estar... é... aqui nessa cozinha com você. Ganhei na loteria. Que noite foda, hein? Estou muito feliz, porque eu sempre quis...

Ele se aproxima de Nanette e tenta tocar o peito dela, enquanto inclina a cabeça e lhe dá um beijo.

Na mente de Nanette vem a imagem de um padeiro afofando a massa quando Ned Frazier aperta o seio esquerdo dela com sua mão imensa. O beijo sai molhado demais e ele dá com os dentes nos dela mais de uma vez, mas ela sorri, fingindo, sempre que ele pergunta “Tá curtindo?” ou “Quer mais?”. É parte do experimento.

Quando o beijo acaba, Ned diz:

— Isso foi bom pra caralho.

Nanette concorda e sorri de novo.

— Não vai falar nada? — pergunta ele.

— Nanette está falando.

— Você é uma graça. Adoro quando você se chama de Nanette. Fico todo excitado. *Nossa*.

Os beijos e os amassos continuam por mais meia hora de fricção excessiva. Por fim, Nanette vai embora da festa. As garotas já estão no jipe, ridiculamente bêbadas e — contra a vontade de Nanette — ouvindo novamente a música do rapper inglês com seu violão.

Em determinado momento do caminho para casa, elas precisam parar, porque Maggie vai vomitar.

Por sorte, a capota ainda está aberta e Maggie consegue não sujar o jipe, atingindo apenas uma das portas.

As garotas se revezam para segurar o cabelo de Maggie enquanto ela expele uma quantidade infinita de gosma amarela no gramado de alguém.

E durante tudo isso o inglês canta alegremente.

Maggie vomitadora é deixada na casa de Riley, onde vai passar a noite.

E finalmente ficam apenas Shannon e Nanette no carro, seguindo sob o luar com a capota aberta e o aquecimento ligado.

— Você arrasou hoje — comenta Shannon. — Como a Nanette dos velhos tempos.

Nanette aceita o elogio com um sorriso.

— Me disseram que o Ned está doido por você. Ele beija bem?

— Demais.

— E o pau dele? Vocês chegaram a esse ponto?

— Nossa, claro. Deve ter uns noventa centímetros. Talvez mais de um metro. É tipo do tamanho do braço de Nanette. Dava para pular corda com ele.

Shannon solta um gritinho e dá um soquinho no ombro de Nanette.

— Viu como isso é melhor?

— Isso *o quê?*

— Ser normal — responde Shannon. — Sair com a gente... com a galera da sua idade. Fazer coisas da sua idade, tipo ir nas festas! Beijar na boca. Dançar! Só falta beber e falar na primeira pessoa!

— Obrigada por salvar Nanette da individualidade — diz Nanette.

Shannon pega a mão dela.

— Imagina. Sempre que precisar. *Viva os Dragões do Arco-Íris, viva!*

Quando chegam à casa de Shannon, ela abraça o pescoço de Nanette.

— É muito bom ter você de volta — diz.

Ela lasca um beijo demorado na boca de Nanette, sai do carro aos tropeços e entra em casa.

Nanette encontra os pais ainda acordados ao entrar em casa.

— E aí, como foi? — perguntam eles.

— Ótimo.

— Sério? Você conheceu alguém?

— Nanette beijou Ned.

— Beijou? — pergunta a mãe.

— Você não parece muito feliz com isso — comenta o pai.

— Nanette está feliz. Transbordando felicidade.

Os pais se entreolham.

— Que bom que você saiu com a Shannon — diz a mãe.

— É — concorda o pai. — Não pode ficar no quarto para sempre.

— Boa noite — diz Nanette.

Ela tenta limpar o gosto de Ned com metade do pote de enxaguante bucal e um banho quente demorado.

Tão boa em algo que não lhe dá prazer

Vida que segue. Tudo mais fácil durante o experimento. Muito parecido com flutuar como um fantasma. Nanette tenta enfiar sua personalidade lá no fundo de si, onde ninguém possa ver. Onde fique inofensiva como um tumor benigno. E ela se torna muito convincente, sempre com um sorriso no rosto, rindo, sendo quem todos querem que ela seja, voltando a se sentar junto com as garotas no refeitório em vez de se isolar no banco lá fora.

Após uma conversa com June, os pais de Nanette passam a terapia para uma frequência quinzenal. É um progresso. Todos se empolgam com a notícia. Nanette sorri como uma boa menina e concorda com tudo com entusiasmo. Ela sente que June não ficou muito convencida, mas pode ser apenas impressão sua. E assim a terapia se torna um evento bimensal, o que gera uma economia de seiscentos dólares por mês.

Ned está sempre por perto do armário de Nanette no colégio, deixa flores no carro dela, sempre quer beijá-la, apertar seus peitos, enfiar a mão na calça dela. Ele põe música misógina para tocar, canta as letras idiotas para ela, e, como todos os amigos de Ned fazem as mesmas coisas com as amigas de Nanette, há uma satisfação geral com o caráter convencional do relacionamento de Nanette.

Ela começa a treinar com Shannon, que planeja conquistar uma bolsa de estudos para jogar futebol na faculdade no ano seguinte, e então correm uma eternidade de quilômetros e praticam cruzamentos, dribles e chutes a gol, e pelo menos ela recupera aquela velha sensação de voltar a transpirar, de se perder nas tarefas do dia a dia e de fazer algo com um objetivo.

— Ano que vem você pode jogar por qualquer time do país, Nanette — repete Shannon. — Pode ir comigo, se quiser.

Nanette se pergunta se o plano era esse o tempo todo — se o pai dela fez um pacto secreto com Shannon.

Mas, como está experimentando uma nova personalidade, ela diz que vai pensar no assunto.

— Vamos avançar com a incrível dupla Shannon-Nanette! — diz Shannon.
— Podemos dividir o quarto na faculdade! Quem sabe um dia não chegamos à seleção? À Copa do Mundo!

É uma ideia pavorosa: Nanette se vê novamente no time, finalizando todos os passes de Shannon, cabeceando e chutando e enfiando a bola na rede com uma facilidade impressionante — como se nunca tivesse deixado o futebol.

Como ela pode ser tão boa em algo que não lhe dá prazer?

Cruel.

Mas Shannon e o restante do time a abraçam toda vez que ela marca um gol, e seu pai vai à loucura na arquibancada — torcendo com uma felicidade absurda.

E seus investimentos crescem após quase todos os jogos.

Apaixonado por uma versão falsa

A viagem de turma é para a Disney, na Flórida. Ela pega um avião e alguns ônibus e faz muitas atividades em grupo. A turma lota salas de espera, parques e restaurantes. Nanette sorri, posa para fotos, flerta com garotos e finge se divertir como nunca. Ned e ela circulam com seu seletor grupo de amigos, mas se separam deles no Magic Kingdom.

— Vamos ver com quantos personagens a gente consegue tirar foto em uma hora? — propõe Ned. — Podemos apostar. Que tal?

— Vamos — responde Nanette, porque finge ser alguém que topa tudo.

Ned a puxa pela mão, e os dois saem à procura dos que ele chama de “clássicos”: Mickey, Pateta e Donald. Eles chegam a correr, procurando gente fantasiada. Quando encontram algum personagem, não esperam na fila atrás das crianças, simplesmente encurralam o personagem e entram na frente da foto que está sendo tirada. Tiram *selfies* com o celular de Ned e saem correndo.

Ela acha aquilo meio babaca, mas, em nome do experimento, entra no jogo, até que aparecem uns seguranças que passam um sermão aos dois sobre como é feio “estragar a magia para as crianças”.

Ned e Nanette concordam muito respeitosamente, prometem parar de estragar as fotos dos outros e são dispensados.

Os dois se sentam em um banco próximo à Mansão Mal-Assombrada, e ela percebe que ambos estão encharcados de suor quando pega Ned olhando para seu sutiã rosa, aparente através da regata branca.

— Foi maneiro — comenta ele.

— É.

— Acho que estou apaixonado por você, Nanette. Acha estranho eu dizer isso?

Ela baixa os olhos. De repente, fica mais difícil fingir. Ned está apaixonado por uma versão falsa de Nanette. Seria engraçado se não fosse tão deprimente.

— Quer ir na Mansão Mal-Assombrada? Deve ter ar-condicionado lá dentro — diz ela.

— Tudo bem — concorda Ned, ainda que pareça estranhar.

A fila não está muito grande, então eles levam apenas dez minutos para entrar. Passam por uma sala assustadora que aumenta de tamanho enquanto uma voz malvada fala sobre mortes e espíritos, depois se sentam lado a lado num carrinho, e aparecem fantasmas dançando em volta deles.

Nanette queria que o passeio durasse para sempre, assim não precisaria continuar a conversa interrompida.

Depois de verem no espelho o reflexo de um fantasma alpinista sentado entre eles no final do passeio, os dois voltam para o calor do mundo lá fora.

— Eu estava falando sério — retoma Ned. — Gosto muito de você. Acho que te amo e sei que você teve um ano difícil e que está passando por umas coisas chatas, mas não me importo e estou disposto a mudar meus planos para a faculdade se isso ajudar a gente a ficar junto. Estou falando sério.

E Ned está mesmo sério.

Nanette sabe que sim quando encontra o olhar dele.

Ela engole em seco e responde:

— Por enquanto, vamos tentar nos divertir na viagem, pode ser?

— Claro, eu adoro diversão — diz ele, mas parece magoado.

Nanette não quer magoá-lo, mesmo sendo um garoto que Alex chamaria de “bonito”.

Ela não quer magoar ninguém.

Mas como fazer isso sem estragar o disfarce?

— Nanette e Ned precisam ir para o ponto de encontro — lembra ela. — Está quase na hora.

Quando chegam à entrada do parque, Nanette corre para a segurança da companhia de Shannon e das colegas.

À noite, no hotel, Nanette conta a Shannon sobre a proposta de Ned.

— Que fofo! — exclama Shannon.

— Mas ele estava falando sério.

— Ele é só um garoto, não sabe o que está sentindo nem do que está falando. Relaxa. É só conversa.

Shannon nunca conheceu um garoto como Alex, Nanette conclui.

— Você acha que Nanette devia terminar com Ned?

— Por que você faria isso *agora*?

— Ela não o ama.

— E daí?

— Ela não quer iludi-lo.

— Ai, Nanette, estamos no colégio. Não precisa levar as coisas tão a sério! Você acha que eu quero me casar com Nick? Passar o resto da vida com ele? Claro que não! Mas posso ficar com ele e ser feliz por mais dois meses. Cara, tenho minhas necessidades. Imagina só o próximo verão... Vai ser *incrível!*

— Então Nick é só sexo para você?

— Claro. Nós dois estamos tranquilos com isso. Estamos nos divertindo, mas quando a gente for para a faculdade, cada um vai seguir sua vida. Ned é um cara romântico, deve ser por isso que se apaixonou por você.

— O que você quer dizer com isso?

— Você acredita nas coisas, Nanette. Alguns garotos gostam disso.

— Ned não é tão profundo assim, Shannon.

Ela olha para Nanette por um instante.

— E você é?

Nanette abre a boca para responder, mas não sai nada.

Ele sorri como um lobo feliz

Ned insiste cada vez mais em “amar” Nanette, e ela, em seu experimento, tenta dar o que ele deseja, permitindo que o relacionamento avance no âmbito sexual.

Nanette fecha os olhos e imagina que está com Alex quando Ned faz com ela o que Alex nunca fez, e a justificativa que dá a si mesma é que deveria ter feito aquilo com Alex antes de ele morrer — mas, se ela pensar bem, isso não faz muito sentido, então ela simplesmente evita pensar.

Agora Nanette não é mais virgem.

Dói mais do que ela imaginava, mas acaba bem rápido. É a coisa mais anticlímax que ela já fez, e não lhe oferece nada de amor nem de prazer.

Ned diz que é a melhor noite da vida dele.

Tudo acontece na casa de Ned, em seu quarto que cheira levemente a suor.

Os pais dele estão no cinema.

Seth, o irmão de nove anos, está em algum lugar jogando videogame.

Ned bota uma camisinha, entra e sai de Nanette por mais ou menos um minuto — totalmente ofegante —, até que começa a contrair todos os músculos, fica duro como uma tábua e cai em cima dela agradecendo sem parar, quase a sufocando. Como nunca fez aquilo antes, Nanette não sabe em que momento pode pedir que ele saia de cima dela.

Quando ele finalmente cai para o lado, eles descobrem que a cama ficou toda suja de sangue, então tiram os lençóis com pressa e os lavam, para impedir que os pais dele vejam. Nanette o ensina a usar a máquina de lavar, porque é sempre a mãe dele quem cuida disso. Ele sorri como um lobo feliz enquanto Nanette aplica alvejante nas manchas de sangue, despeja o sabão e seleciona o programa de lavagem.

Eles jogam videogame com o irmão de Ned até os lençóis secarem. Nanette arruma a cama sozinha e chora no quarto de seu namorado de mentira.

Sua mente não para de repetir: “Desculpa, desculpa, desculpa”, mas ela nem entende a quem se dirige.

— Está tudo bem? — pergunta Ned quando aparece no quarto. Nanette está sentada na cama já arrumada. — Você está chorando?

— Não — responde Nanette, secando os olhos.

— Ok... — diz Ned, como se estivesse com medo. — Vamos descer?

Nanette se recompõe para que o irmão de Ned não fique preocupado ou incomodado.

O pequeno Seth não descola os olhos da tela da TV e nem repara no vermelho dos olhos de Nanette. Ned não volta a tocar no assunto.

A treinadora parece muito satisfeita

Nanette não sabe como foi parar ali, mas se vê conversando com o time feminino de futebol da State College, mentindo sem parar: diz que seu maior desejo é jogar futebol na universidade, que aprendeu muito com a experiência de ficar fora do time, que o futebol agora é sua prioridade e que gostaria de continuar jogando ao lado de Shannon.

Eles até assistem a um vídeo com as melhores jogadas da dupla Shannon e Nanette, feito e enviado pelo treinador Miller. Nanette tem a sensação de estar vendo um personagem fictício marcando gol após gol, enquanto fica ali sentada diante do brilho da TV na sala escura da treinadora. O pai dela não consegue controlar as palmas e a torcida ao ver as bolas balançando as mais variadas redes.

A treinadora da universidade parece muito satisfeita, ainda mais agora que os pais de Nanette concordaram com o pagamento integral dos estudos, o que significa que não precisará se preocupar em destinar uma das bolsas de estudo para recrutar Nanette.

— Somos uma família aqui — diz a mulher, sentada a uma mesa gigante. — Uma unidade. Fazemos tudo juntas. Você jamais ficará sozinha no campus. Vai comer, dormir, estudar e treinar com o time. Assim que se acostumar, será parte de algo maior do que si mesma; será parte de um time capaz de fazer muito mais que qualquer um de nós pode fazer individualmente. É a nossa filosofia. Unidos somos fortes. Não existe *eu*, existe apenas *nós*. O que acha?

— Perfeito — diz Nanette.

Ela até consegue estabelecer contato visual antes que os pais e a nova treinadora troquem sorrisos.

E vai se odiar por isso

Na véspera da formatura, Nanette não consegue dormir. Por volta de uma hora da manhã, ela se pega relendo *O ceifador de chicletes*. Tinha meses que não fazia isso. Ela acaba caindo no feitiço de Wrigley de novo, o que a faz se sentir culpada com seu experimento recente.

Por volta das três e meia da madrugada, Nanette chega a uma frase que ainda não tinha sido sublinhada nem por ela mesma, nem pelo sr. Graves, o que é estranho, porque na mesma hora ela tem vontade de procurar um marca-texto.

E um dia procurará por si mesmo no reflexo do espelho e não mais se reconhecerá — verá apenas todos os outros. Saberá que fez o que queriam que fizesse. Terá se tornado igual a eles. E vai se odiar por isso, porque será tarde demais.

Nanette acende a luz do quarto e procura por si mesma no espelho da penteadeira.

Ela vê Nanette, mas também vê todos os potinhos e estojos de maquiagem que tem usado e o vestido azul-celeste da festa de formatura, comprado com a “ajuda” da mãe e de Shannon: está pendurado atrás dela, no dossel de ferro da cama.

— Desculpa — diz ela, e depois, mais uma vez: — Desculpa.

Como se estivesse sentada sobre um controle remoto

No dia da formatura, Nanette sai mais cedo da escola com todas as outras garotas cujos pais deram autorização para fazerem o cabelo e as unhas à tarde. Riley, Shannon e Maggie insistem para que ela suba a capota do jipe porque não querem estragar o cabelo, embora ainda não tenham chegado ao salão. Nanette faz o que o grupo pede, embora seja seu carro e ela goste do vento batendo no cabelo.

Uma mulher pequena esfolia a sola dos pés de Nanette. Ela pinta de azul-celeste as unhas das mãos e dos pés. O cabelo ganha um penteado elaborado e cheio de laquê. A maquiagem é feita por um profissional. Ela se torna outra pessoa.

— Está tudo bem? — pergunta Shannon, enquanto espera as unhas secarem.

— Aham — responde Nanette. — Por quê?

— Você está muito quieta.

— Nanette não é sempre quieta?

— Sim, mas é que hoje estou *sentindo* seu silêncio. É estranho.

Nanette sorri ao ouvir Shannon pronunciar a palavra *estranho*.

Segundo Shannon, é a pior coisa que alguém pode ser, mas é o que Nanette mais deseja para si — pelo menos segundo o significado dado por Shannon.

Nanette procurou no dicionário a palavra *estranho* e viu que também significa “notável”.

Também pode ser usada como “extraordinário”.

Mas Shannon não sabe disso.

Os pais de Nanette tiram fotos dela com o vestido azul-celeste e parecem muito felizes em vê-la toda embonecada, pronta para a festa de formatura,

fazendo o que se espera de todas as garotas de dezoito anos do país.

Nanette se faz de feliz.

Ela continua conduzindo seu experimento.

Sorri com toda a vontade.

Os garotos alugaram uma limusine, e buscaram todas as outras garotas antes de chegar à casa de Nanette, então ela completa o grupo como a oitava pessoa. Após mais algumas fotos na frente de casa — os garotos brincam com os chapéus e as bengalas alugadas, sendo infantis do modo mais inocente possível, fazendo com que os pais riam e confiem neles —, Nanette senta no colo de Ned na limusine. Ele acaricia a perna dela com uma das mãos, a outra alisando a barriga dela. Escondida sob o traseiro e o tecido do vestido está a ereção de Ned. Nanette sente como se estivesse sentada sobre um controle remoto.

Um cantil de vodca passa de mão em mão.

Uma música alta que Nanette não curte nem conhece torna impossível qualquer conversa.

Talvez seja a mesma música idiota que eles sempre tocam nas festas, porque os garotos estão — *mais uma vez* — cantando um rap sobre trepar com a vadia dos outros e apontando as mãos para a cara um do outro como se fossem armas.

Quando Nanette observa o que acontece na limusine, pela primeira vez se sente um animal enjaulado.

À esquerda, ela vê no reflexo da janela uma garota usando maquiagem pesada. Demora um segundo para perceber que a garota é Nanette. Ela olha fixamente para as próprias pupilas refletidas e vê o vazio que se abriu dentro de si, engolindo tudo como um buraco negro de felicidade — e então algo profundo reacende Nanette de volta à vida.

Ela salta do colo de Ned, soca o vidro que os separa do motorista e grita:

— Pare a limusine! Pare a limusine! *Pare essa porra agora!*

Ela grita sem parar, até o motorista obedecer.

— O que aconteceu? — perguntam a ela.

Nanette já não está mais interpretando um papel.

Será punida por isso.

O rosto deles estampa ódio.

O rosto deles diz que Nanette não deveria gritar desse jeito.

O rosto deles manda que ela fique quieta, beba vodca, sente no pau duro de Ned e sorria como as outras garotas ali dentro da limusine.

Ela não responde. Tem dificuldade para sair do carro.

Os garotos a seguram e dizem que está tudo bem.

São muitas as mãos que seguram Nanette.

— Não está tudo bem! — grita Nanette. — Deixem Nanette sair!

— Aonde você quer ir? — pergunta Ned.

Os olhos dele sugerem um misto de confusão e raiva.

— Parem! Deixem que eu falo com ela — diz Shannon.

Quando o acompanhante de Shannon finalmente abre a porta, pulo para fora da limusine, tiro os saltos e saio correndo descalça pela rua.

— Aonde você está indo? — grita Shannon. — Que *porra* é essa, Nanette?

Quando a limusine começa a me seguir, corto caminho entre as casas, pulo cercas, rasgo meu vestido em vários lugares e lasco o esmalte dos pés até me certificar de que despistei meus colegas.

Então me vejo correndo pela rua como uma maratonista, a única diferença é o vestido da festa de formatura apertado.

Corro em direção à casa de Booker.

Quando chego, estou suada e completamente sem fôlego.

Meus pés estão sangrando.

Olho para trás e vejo sangue na calçada.

Toco a campainha diversas vezes.

Booker atende a porta.

— Vejam só quem apareceu, é minha filha pródiga. *Isso é um vestido de formatura?*

— Por que você escreveu *O ceifador de chicletes?* **POR QUÊ?**

— Há... por que você está gritando comigo? Sandra está lá dentro com Oliver e a namorada, Violet. Estamos tomando um chá delicioso, depois de jantarmos. Quer entrar?

Sinto uma pontada de ciúme: Booker evoluiu, de Alex e eu, para Oliver e Violet. Mas também fico um pouco feliz por Oliver ter mais alguém na vida além da mãe.

— Você não pode brincar com a nossa cabeça!

— De quem você está falando?

— Dos seus leitores!

— Espere. Sua festa de formatura é hoje? É por isso que você está vestida como...

— Sim!

— E você deu bolo no seu acompanhante... *que nem Wrigley?*

Booker fica pálido.

— Sim. Quer dizer, *mais ou menos*.

— Eu nunca falei para você fazer isso! — vocifera Booker. — E também não disse para Alex escalar um prédio! Eu só escrevi uma história! Vocês não podem me responsabilizar por tudo que fazem depois de lerem meu livro!

— Bem, seu livro mudou minha vida. E agora eu estou confusa, perdida e descalça com um vestido de festa, e não importa quem é o responsável!

— A culpa não é *minha!*

— O que faço agora... com a minha vida?

— Como posso saber?

— O que Wrigley fez? Depois que ele boiou no riacho no final do livro? O que acontece em seguida? Preciso muito saber. Você me deve isso.

— O que você quer que eu diga?

— A verdade!

Booker suspira, baixa os olhos e diz calmamente:

— Ele cresceu, Nanette. Teve muitos empregos que detestava. Fracassou como escritor. Não teve sorte na vida nem no amor. Envelheceu. Encontrou Sandra no final. Tentou ajudar algumas crianças ao longo do caminho. É isso. Nada muito digno de uma continuação da história, se é que me entende.

— Mas Wrigley fica bem depois que o livro acaba? Ele está bem *agora?*

— Depende de quem vê.

— Por que não me dá uma resposta direta?

— Porque isso não existe. É o que se aprende quando crescemos. Ninguém sabe a resposta. *Ninguém.*

Fico encarando Booker em silêncio por um bom tempo.

É apenas um velho cheio de rugas.

E está dizendo a verdade; ele realmente não tem as respostas de que preciso.

Tudo que ele tinha a dizer está em *O ceifador de chicletes*, e não sobrou mais nada.

Posso continuar faminta, mas isso não quer dizer que ele seja um bufê literário do qual eu possa me servir infinitamente.

— Adeus — digo, e lhe dou as costas.

— Vamos jogar Scrabble mais tarde, é melhor você entrar. Acho que seus pés estão sangrando. Realmente seria melhor se deixasse a gente cuidar desses ferimentos. Nanette, não vá embora assim. Por favor. *Nanette!*

Continuo caminhando — sinto dor a cada passo — e quando chego em casa, mancando, conto aos meus pais, para choque deles, sobre o experimento que estava conduzindo e que tentei ser normal, mas que no final das contas é difícil demais.

Minha mãe limpa os cortes nos meus pés e me ajuda a tirar o vestido antes de me botar na banheira.

Choro no mar de bolhas brancas, enquanto minha mãe passa uma esponja nos meus ombros, deixando a água morna deslizar pelas minhas costas. Então sou deixada a sós, para poder chorar com privacidade.

Choro por Alex.

Choro por mim.

Choro pelo fim da minha infância.

Choro porque não acredito mais em heróis como Booker.

Mas, principalmente, choro porque estou cansada pra cacete.

Depois do banho, tenho uma longa conversa com meus pais. Digo que não vou mais jogar futebol e que não tenho a menor ideia do que vou fazer quando terminar o colégio.

— Preciso de um tempo para pensar — digo, e repito muitas vezes, até ter certeza de que entenderam que é sério.

Quando termino o monólogo, meus pais se entreolham.

O silêncio pesa no ar.

Enfim, minha mãe diz:

— Você voltou a falar na primeira pessoa?

Eu não tinha percebido.

— Eu... — digo, saboreando a palavra *eu*. — Acho que sim.

— Por que hoje? — pergunta meu pai.

Penso por um instante.

— Porque está na hora de ser eu mesma.

Colocando toda a raiva para fora

Shannon retorna do final de semana de festas pós-formatura em diversas casas de praia no litoral. Está bronzada e um pouco inchada de tanto beber. Está com uma cara péssima, para falar a verdade. Sei disso porque ela aparece no meu quarto.

Ela fecha a porta e cruza os braços.

— Por quê? — pergunta.

— Por que o quê? — retruco, ainda sentada na cama.

Estou recostada na parede, lendo um poema inspirador de Bukowski intitulado “Jogue os dados”.

— Por que você surtou aquele dia, na limusine?

— Acho que você não entenderia, Shannon.

— Não vou entender se você não tentar explicar.

— Não sou como você. Eu só... *Não sou.*

— É tão horrível assim ser como eu?

— Não, claro que não. Não estou julgando você. Não estou tentando... É só que eu não vou a festas de formatura e eu... Talvez você seja um pássaro e eu seja um peixe, e fiquei fora d'água por um período absurdamente perigoso e...

— Você é uma adolescente, como eu. Nós duas crescemos aqui. Nós duas somos de família branca de classe média. De que merda você está falando?

Ela nem *quer* entender.

— Sinto muito — digo apenas.

No sentido de *sinto muito que esse papo não vai nos levar a lugar algum*, mas ela interpreta meu pedido de outra forma.

— É melhor que sinta *mesmo* — diz, com o dedo no meu rosto. — Você acabou com a festa do Ned. O que ele fez para merecer aquela humilhação? Por que concordou que ia e depois o largou daquele jeito? Se um garoto fizesse aquilo com uma garota, seria péssimo. Mas *uma garota fazer aquilo com um garoto...* Você o castrou completamente na frente dos melhores amigos, no que deveria ser uma das melhores noites da vida escolar dele. Ele ficou arrasado, Nanette. Tipo... ele amava você de verdade. E, agora, sempre que perguntarem a ele sobre a festa de formatura, ele vai ter que mentir pelo resto da vida, ou contar uma história superconstrangedora sobre Nanette O'Hare, que o largou sozinho antes mesmo de chegarem na festa. Não acha que podia ter terminado com ele de um jeito menos dramático? Ou ter fingido até as aulas acabarem, como estou fazendo com meu namorado? Ned bebeu o fim de semana inteiro.

— Sinto muito — falo mais uma vez, porque não sei o que dizer.

— Você foi uma egoísta, uma escrota. Ano que vem, quando a gente for...

— Não vou com você ano que vem.

Shannon me lança um olhar letal e seu rosto fica ainda mais vermelho.

— *Como é que é?*

— Não vou para a faculdade no outono. Preciso de tempo.

— Tempo? Tempo para *quê?*

— Para descobrir quem sou. O que quero. Você não acha estranho que em todos os segundos da nossa adolescência tem alguém dizendo o que devemos fazer e, no final, a gente simplesmente tem que escolher uma faculdade e uma carreira sem ao menos ter a chance de pensar sobre o assunto? Querem que a gente saia correndo para a faculdade, sem nem saber por que ou o que quer fazer. Você não acha isso *esquisito?* Sem falar no dinheirão que nossos pais pagam por algo que a gente nem sabe se quer.

— Você acha mesmo que ninguém mais pensa nisso? Acha que nenhum de nós se preocupa com a faculdade ou com quais matérias escolher? Fala sério, Nanette, todo mundo só falou disso a porra do ano inteiro!

— Mas todo mundo pensa *de verdade* ou, no final, acabamos fazendo o que esperam da gente? O que nossos pais esperam que a gente faça? O que a sociedade espera que a gente faça? Assim, você quer *mesmo* jogar futebol no ano que vem? Quer *mesmo* ser professora do ensino fundamental? Você ao menos gosta de crianças?

— Quero! Claro que quero! Eu amo o futebol! Vivo para isso! E realmente quero trabalhar com crianças! De verdade! Por que é tão difícil assim de

acreditar?

— Bem, então fico feliz por você.

— Por que você não quer jogar? É divertido. É um jogo. E é melhor do que ficar trancada no quarto se lamentando.

— Eu não gosto de jogar. Simples assim.

— Do que você *gosta*, então?

— Gosto de ouvir música, de ler. Gosto de ver bons filmes. Gosto de ter discussões filosóficas enquanto observo a lua de sangue. Gosto de ficar sozinha com mais uma pessoa, em vez de ir a festas lotadas, onde é impossível conversar de verdade. Gosto de nadar no mar. E gosto de...

— Eu também gosto de nadar no mar. Todo mundo gosta. E eu sempre tenho conversas verdadeiras nas festas. Converso com todo mundo. Gosto de filmes. De novo... quase todo mundo gosta. Talvez você seja só uma arrogante, Nanette. Talvez ache que é melhor do que todo mundo. Se não tomar cuidado, vai acabar sozinha. Assim, agora que não tem mais Alex, você tem algum outro amigo além de mim?

A menção ao nome de Alex, que ela nunca conheceu, é o meu limite.

— Sinto muito, Shannon. Desejo o melhor para você, de verdade, mas quero que vá embora.

— Como é que é? Por quê?

— Eu... — Mas não consigo pensar no jeito certo de dizer o que quero sem ser escrota, e nem me sinto obrigada a explicar mais nada para Shannon. Talvez formaturas, festas, esportes e aprendizado tradicional sejam suficientes para pessoas como ela e o restante do mundo, mas para mim não são, e não sei como fazer as pessoas entenderem isso sem insultá-las, e realmente não quero insultar ninguém. — Como eu disse, sinto muito mesmo, mas preciso que vá embora. Não quero ter essa conversa com você.

— Você só pode estar de sacanagem — diz Shannon, colocando toda a raiva para fora. — Está me expulsando porque aponte as merdas que você faz?

— Sinto muito.

— Beleza.

Shannon se vira e sai do meu quarto pisando forte.

Ouçõ minha mãe perguntando como “foi lá”.

— Sua filha é impossível, sra. O’Hare. Sinto muito. Eu tentei. Mas *desisto*. E Shannon vai embora.

Sei que nunca mais vamos nos falar.

E, por mim, tudo bem.

Espero de verdade que essa garota seja perfeita

Embora eu ouça muita gente cochichando sobre o que fiz com Ned, ninguém na escola fala comigo nem me pergunta o que aconteceu. Talvez seja mais divertido preencher as lacunas com fofoca, e assim parece que me tornei invisível mais uma vez. É impressionante como minha turma inteira se une contra mim sem ninguém sequer questionar se eu tinha um motivo legítimo para fazer o que fiz. Até mesmo os que não são amigos da turma de Shannon e de Ned me evitam.

Eu me sinto mal de verdade por ter estragado a formatura de Ned, então vou até a casa dele uma noite. Quando atende, a mãe dele ergue as sobrancelhas.

— É muita cara de pau sua aparecer aqui.

— Posso falar com ele, por favor?

— Ok — diz ela, e fecha a porta na minha cara.

Fico esperando, porque ela disse “Ok”. Depois de uma eternidade, a porta se abre e Ned aparece vestindo uma camiseta e um short verde largão, de basquete. Ele não sai nem me convida para entrar. Cruza os braços, tentando parecer forte e bravo, mas dá para perceber que está segurando o choro.

— Eu só queria pedir desculpa por ter estragado sua festa de formatura.

— Por que você surtou na limusine?

— Eu...

— Espera aí... você está falando normal?

— Eu estava fazendo um experimento. Com essa coisa de falar na terceira pessoa. Tentando ser simpática com todo mundo por um tempo. Tentando ser igual a todo mundo.

— Todo mundo fala na primeira pessoa.

— O experimento deu errado. Como ficou óbvio.

— Deixe eu ver se entendi... o que rolou entre a gente foi tudo parte de um *experimento*? Eu não signifiquei nada para você?

— E todos os relacionamentos adolescentes não são uma espécie de experimento? — pergunto, mas logo me dou conta de como sou cruel.

— Ai. — Ele range os dentes e baixa os olhos. — Seu pedido de desculpas doeu mais do que ser largado sozinho na festa. Como você conseguiu isso?

— Olha, eu não ando muito bem. Não sei o que quero. Não sei quem sou.

— Beleza. Estou de boa.

Vejo que ele está sofrendo, o que me deixa meio perplexa.

— Você não sabia mesmo que eu estava fingindo aquele tempo todo?

Ned balança a cabeça, incrédulo.

— Tenho pena de você, sabia? Nunca conheci ninguém tão egoísta. É, eu gostei de você de verdade... ou sei lá de quem você estava fingindo ser durante seu *experimento*. Então, parabéns.

— Ned, olha... eu sinto muito. Você vai encontrar uma garota que o ame do jeito que você é. E espero de verdade que essa garota seja perfeita para você.

Ned me olha uma última vez, e seus cílios tremem de leve antes de ele bater a porta na minha cara.

Relógio populacional

No consultório de June, conto a ela os últimos acontecimentos.

— O que realmente me preocupa é que não tenho amigos. Nem um sequer. Não quero mais ver Booker, Oliver seguiu com a vida dele, o sr. Graves não fala mais comigo. Alex morreu. Minha escola inteira acha que sou uma escrota egoísta porque furei com Ned na festa de formatura. E acabei de ler *Mulheres*, do Bukowski, que meio que o estragou para mim. Já leu esse livro?

— Não.

— É tão triste e patético... e é claramente sobre ele. É quase impossível continuar admirando *o Buk*. Será que existe *alguém* digno de admiração no mundo? Ou alguma hora todo mundo decepciona a gente?

June bate o dedo no queixo muitas vezes, e então diz:

— Quantas pessoas eram no seu time de futebol?

— Como assim? *Por quê?*

— Quantas são?

— Sei lá... Umas vinte e cinco.

— Quantos alunos são na sua escola?

— Uns mil.

— Quantos habitantes tem a sua cidade?

— Não faço ideia.

— Chute.

— Vinte mil?

— Você interage com pessoas que não sejam de South Jersey? Ou já interagiu com alguma nos últimos dezoito anos?

— Não muito.

— Pegue seu celular.

Obedeço.

— Digite no Google *relógio populacional* e acesse o primeiro site que aparecer nos resultados — diz June.

Digito as palavras e encontro um site com a contagem de todas as pessoas que morreram e nasceram no dia. Vejo que existem mais nascimentos que mortes, de modo que a população mundial aumenta a cada segundo.

— Por que está me mostrando isso? — pergunto.

— O que você conclui a partir dessas informações?

— Não sei.

— Pense.

— Estamos fodidos?

— Por quê?

— Aquecimento global. Em algum momento, vai ter mais gente do que recursos no mundo. O planeta não vai ter condições de sustentar...

— Sim, tudo isso é verdade, mas vamos tentar uma visão otimista. O que essas informações revelam sobre sua impopularidade?

— Existem mais de sete bilhões de pessoas no mundo e por isso sou completamente insignificante?

— Não. Existem sete bilhões de pessoas no mundo e você interagiu com apenas vinte mil delas, no máximo. E essas vinte mil eram bastante semelhantes. As experiências que você teve com outras pessoas foram em grande parte determinadas pelas escolhas dos seus pais. O bairro em que escolheram comprar uma casa, a escola em que decidiram matricular você... E talvez essas escolhas não tenham sido as melhores. Talvez você não se encaixe no cenário em que está no momento, mas mesmo assim conseguiu sobreviver ao colégio e teve algumas experiências significativas ao longo dos anos. Existem mais sete bilhões de pessoas no mundo. *Sete bilhões*. Você consegue ser pessimista a ponto de acreditar que não se daria bem com nenhuma delas?

— Mas como eu sigo em frente? Não faço ideia!

— Às vezes é preciso escolher uma direção e cometer erros. Assim, a gente usa o que aprendeu e escolhe caminhos melhores para cometer mais erros e continuar aprendendo.

— Então você acha que eu deveria ir para a faculdade no ano que vem?

— Você acha isso?

— Não sei.

— É, no mínimo, uma oportunidade para conhecer novas pessoas. Talvez você precise deixar para trás essas primeiras vinte mil.

Eu não tinha pensado por essa perspectiva. Sabia que não queria mais jogar futebol, que não queria mais andar com as pessoas da minha cidade, mas *estou* interessada em conhecer pessoas novas, que também desejem conversas reais e sinceras.

— Não precisa saber tudo agora, nem nunca, aliás. Na verdade, estamos todos tentando descobrir o que fazer, com erros e acertos. Mas você vai encontrar seu lugar. Só precisa deixar a escola e sua cidade natal para trás.

— Mas como?

— Por que não escolhe algum curso e tenta? Você tem sorte de ter pais que podem bancá-la pelos próximos anos. Aproveite isso de alguma forma. Não será perfeito, mas será diferente. E diferente pode ser muito bom.

Será que é realmente tão simples assim?

Um preço por forçar o limite

Então me vejo em minha formatura sem saber como cheguei até aqui. Estamos todos no ginásio, e quero saber quando a cerimônia vai começar para que termine logo.

Sinto calor dentro da beca e com esse chapéu preso no cabelo.

Shannon, Riley e Maggie estão sentadas na arquibancada, me ignorando mais uma vez.

Ned e seus amigos nem sequer olham para mim.

Assim como as garotas do time.

Observo meus colegas de turma e me pergunto se Booker foi à própria formatura; tenho quase certeza de que Wrigley e Eddie Alva não foram.

Todo mundo parece muito feliz e animado.

Formamos uma fila. A música começa a tocar e marchamos como treinamos um milhão de vezes. É tudo muito pior do que eu esperava. Mas, quando me posiciono diante da minha cadeira dobrável de metal, no tablado montado acima do gramado do campo de futebol americano, e ergo os olhos para a arquibancada do estádio, avisto meus pais. Os dois estão enxugando lágrimas de emoção. Por uma fração de segundo, fico feliz em proporcionar esse momento a eles, mesmo que para mim não signifique nada. Logo que entenderam quem era a Nanette de verdade, eles se adaptaram e tentaram ajudar da melhor maneira possível. E isso os uniu de novo, o que é estranho. Talvez eu devesse ter contado a verdade mais cedo. Mas como eu poderia saber que dizer a verdade melhoraria tanto o relacionamento entre nós três? Nem sempre a sinceridade tem desdobramentos muito bons. E então penso como também nunca fui sincera de verdade com meus colegas. Nunca permiti que conhecessem a verdadeira Nanette O'Hare. Poucas pessoas, além de Alex e

Oliver, tiveram a chance de conviver com ela. E talvez isso tenha sido um grande erro.

Homens velhos de terno repetem as mesmas palavras genéricas de todos os anos, o coral canta “Time After Time”, da Cyndi Lauper, e enfim chega a hora dos discursos dos dois alunos que tiveram as notas mais altas.

A oradora Janelle Priestly é apresentada.

Anunciam que ela vai para a Universidade de Princeton e todos aplaudem, menos eu. Como se Janelle Priestly tivesse descoberto como transformar cocô de cachorro em ouro.

Ela se levanta e ajusta o microfone, que solta um agudo estridente.

Nunca falei com Janelle Priestly.

Frequentamos a mesma escola durante quatro anos, e Janelle Priestly e eu nunca trocamos sequer um oi.

— É uma grande honra representar esta bela, amada e promissora turma — começa ela, e em seguida gesticula para todos nós como se fôssemos carros esportivos zero-quilômetro prestes a serem sorteados em algum programa de televisão idiota.

Janelle Priestly não me representa, penso. Ela provavelmente nem sabe meu nome.

Enquanto Janelle Priestly se esforça para me “representar” e segue dizendo palavras que eu jamais usaria e professa ideias com as quais não concordo, observo meus colegas de classe, a diretoria, os professores, a banda, os pais e até mesmo os policiais aglomerados na beira do campo...

Sentada ali, suportando aquele ritual tedioso e antiquado de uma formatura de ensino médio, sinto dor — como se uma chama estivesse aquecendo minha cadeira de metal, como se meu chapéu idiota estivesse tomado por formigas, como se essa merda de cidade elitista estivesse lentamente esfregando uma lixa em meus olhos.

Então me dou conta de que, se eu quiser, estou livre — ninguém me acorrentou a essa cadeira.

Então eu me levanto e vou embora.

Janelle Priestly continua falando enquanto meus colegas escutam com atenção e pais se abanam com a programação do evento, e tudo segue perfeitamente bem sem minha presença na multidão.

Eles devem achar que estou indo ao banheiro.

Ou talvez não achem nada.

Às vezes o mundo não se importa muito com o que fazemos — contanto que certos tipos continuem seguindo o fluxo sem nós.

Meus pais chegam ao jipe alguns segundos depois de mim, com um olhar perplexo e levemente apavorado.

— Não consegui ficar lá — explico.

Meu pai me lança um olhar muito triste. Nesse momento, me sinto um lixo e meio que o odeio por isso, embora eu saiba que ele está apenas confuso.

— Não entendo, Nanette — reclama minha mãe. — Qual a necessidade de abandonar a própria formatura? *Por quê?* É uma festa *PARA VOCÊ*. Estamos fazendo tudo o que você pede. Fomos tão tolerantes com as suas necessidades! Por que fez isso com a gente?

— Eu teria ficado até o final da cerimônia se fosse possível, mas não é. Sei que parece um exagero, mas não é. Me desculpem por não ter conseguido proporcionar isso a vocês.

Minha mãe fica de boca aberta, mas não sai uma palavra.

Quando olho para meu pai, vejo que ele também não entende, e nesse momento percebo que existe uma grande parte de mim que *nunca* será compreendida por eles, não importa quantas sessões de terapia a gente faça — mesmo que passemos um milhão de horas conversando sobre quem eu sou.

— Eu queria ser quem vocês queriam que eu fosse — falo. — Tudo seria bem mais fácil.

Minha mãe começa a chorar. Meu pai a abraça. Nenhum de nós três sabe o que dizer.

As últimas palavras de Janelle Priestly ecoam pelas folhas verdes, o céu azul e o sol poente, e a multidão irrompe em aplausos enlouquecidos.

A família O'Hare está do lado de fora, parada no meio da rua, apenas nós três.

— A cerimônia de formatura mais curta a que já compareci — comenta meu pai, tentando aliviar o silêncio com algum humor. — E olha que essas coisas geralmente são intermináveis.

Minha mãe força uma risada e então seca as lágrimas, mas ainda está irritada. Para ser mais exata, está envergonhada. Aguentar uma filha louca em casa sem que ninguém soubesse disso era uma coisa, mas muitos dos contatos profissionais dela estão na plateia — esposas inseguras e mães sexualmente frustradas com casas imensas precisando constantemente de reforma.

Mas dá para ver que minha mãe também vive um conflito. June explicou a ela do que preciso, mas ela nem sempre consegue corresponder — assim como eu nem sempre consigo atender às necessidades dela.

Ficamos ali parados ao lado do jipe por uns minutos sem dizer nada, enquanto o discurso seguinte começa, e é como se soubéssemos que chegamos ao fim — que as coisas jamais serão iguais novamente. Existe algo profundo entre nós três que não quer abrir mão do que tivemos juntos nos últimos dezoito anos e meio, embora seja exatamente o que precisamos fazer.

— A gente se vê em casa? — pergunta meu pai, enfim.

Faço que sim.

Quando eles se viram, abro a porta do carro e encontro um livro enigmático no banco.

Um rosto jovem e andrógino me encara sob o título: *O retrato de Dorian Gray*.

Olho ao redor, observando a fileira de carros na rua e nas calçadas, mas não vejo ninguém, então abro o livro.

Não há nenhum bilhete, mas percebo uma página dobrada. Nela, uma frase destacada em amarelo fluorescente.

Por trás de todas as coisas belas há algo de trágico.

Minha cabeça fica a mil.

Quem deixou esse livro aqui?

O que estão tentando me dizer?

Leio o romance num só fôlego nessa mesma noite, e quem o leu também identificará a semelhança com o que aconteceu comigo naquele meu último ano do colégio — como Alex e eu ficamos obcecados por uma obra de arte depois que vimos uma parte de nós representada nela, e como essa mesma obsessão nos destruiu, levando até mesmo à morte dele.

Mas o que, nisso tudo, é verdadeiramente trágico e o que exatamente é belo?

Meus pais, o sr. Graves, Shannon, Ned, Booker, Oliver — cada um deles teria uma resposta diferente para essa pergunta. Há de se pagar um preço por forçar o limite das respostas que o mundo nos oferece, e venho descobrindo que estou mais do que disposta a pagar.

Gostaria de pensar que foi o sr. Graves quem deixou *Dorian Gray* no meu carro, como uma despedida oficial, mas aposto que foi Booker.

De qualquer maneira, aceito o recado — uma espécie de conclusão, e um começo.

Aveludadas como um beijo bom

No dia seguinte à formatura, entro em meu carro e sigo em direção ao litoral. Com a capota abaixada, meu cabelo tremula ao vento. Escuto o álbum *Hold On Now, Youngster...*, dos Los Campesinos!, o punk pop monótono estourando meus tímpanos. Quando chego ao meu destino, encontro uma vaga, deixo o carro e caminho até a praia. Não faço ideia de onde o sr. Redmer depositou as cinzas de Alex, mas não importa, porque foi aqui que Alex e eu matamos aula no primeiro dia do nosso último ano da escola — então esta é minha última visita ao *nosso* lugar.

Caminhando na areia molhada, com a espuma das ondas tocando meus pés, pego meu celular do bolso, boto os fones de ouvido e ouço “Salty Water”, de Lightspeed Champion, em homenagem a Alex.

Ele foi mais um conceito do que um amigo real, ou um amor. Nunca tivemos a chance de nos conhecermos de verdade, nem de testar nossa compatibilidade durante um período maior de tempo. Agora, vejo que ele estava doente — que talvez tenha se afastado um pouco demais do rebanho. No entanto, conviver com ele por pouco tempo foi importante para que eu me afastasse o suficiente para me libertar de uma vida que eu odiava, de tudo que esperavam de mim. E, mesmo sem fazer ideia do que virá, fico feliz de não ter aceitado uma vida que me deixaria infeliz. Fico feliz de ter passado aqueles poucos meses com Alex Redmer.

Quando a música termina, o sol se põe atrás de mim e quase não há ninguém à minha volta. Fico apenas de biquíni e entro no mar, que está calmo como um lago — quase como uma cama de hotel cinco estrelas, com os lençóis e o edredom bem presos, tudo limpo e dobrado.

Perfeito.

A água ainda gelada do inverno e da primavera faz minha pele se arrepiar, mas sigo em frente mesmo assim até o mar chegar ao meu queixo, e então me deito de costas e deixo os dedos dos pés para o alto, sentindo a água salgada envolver meu cabelo. Fico boiando por muito tempo, pensando em tudo que aconteceu.

— Seu personagem favorito ainda é Ted Improdutivo — digo para mim mesma, e estico os braços e as pernas, lambo o sal da boca e deixo a água preencher meus ouvidos.

Mas você não é Ted Improdutivo, Wrigley ou nenhum outro personagem de O ceifador de chicletes. Você não é Booker nem o sr. Graves nem June nem seus pais nem ninguém que ainda conhecerá. Você é Nanette O'Hare — e tudo bem, porque sua existência representa seu caminho e sua história, e de mais ninguém.

Eu me pergunto onde estará Alex. Tenho um pouco de pena, porque a história dele chegou ao fim — ou será que ele está aqui em espírito de alguma forma? Quer dizer, se o pai dele falou a verdade sobre as cinzas, Alex está aqui na água comigo. E quem pode ter certeza se nossa história acaba quando morremos? Talvez Alex esteja mesmo em outro lugar. Mas onde? Esses pensamentos me deixam tonta, então tento me concentrar no brilho rosa-alaranjado do sol que desce no horizonte.

Para onde foi o que restou de Alex?

A personalidade?

A risada?

As ideias malucas?

A poesia?

O sorriso?

O cabelo fabuloso?

A sede de justiça?

A preocupação com os fracos?

A humanidade?

A teimosia trágica?

Talvez tudo isso siga comigo, conforme sigo pelo tempo que me resta, penso, e então me ocorre mais um pensamento que me deixa atordoada.

É provável que eu nunca saiba por que Booker escreveu *O ceifador de chicletes*, mas a existência desse romance mudou vidas e lhe permitiu ser feliz com Sandra Tackett, algo que Booker jamais teria previsto quando inventou o mundo de Wrigley. E talvez o principal não seja a motivação inicial, mas a

participação: mostrar ao universo sua melhor versão, a mais autêntica, com vivacidade e de um jeito impetuoso. Quem sabe entregar-se à própria natureza nos impulsiona para o desconhecido, na direção de objetivos que ainda não visualizamos, mas que existem mesmo assim.

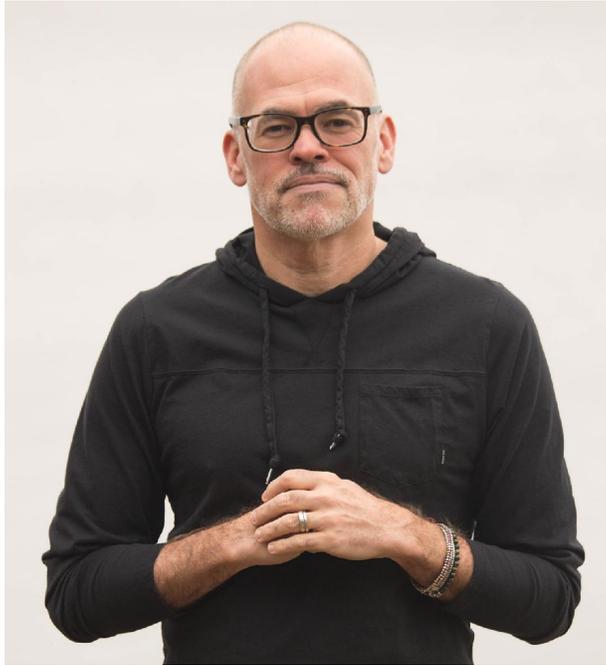
Espero as estrelas surgirem no céu escurecido que encaro, espero o futuro me levar como tantas das ondas salgadas — algumas turbulentas como meus pensamentos, outras aveludadas como um beijo bom.

O que acontece com Wrigley quando ele sai da água? Depois que o livro acaba?

A resposta para essa pergunta não é tão importante assim, concluo, saindo do mar.

Preciso descobrir o que acontece com Nanette O'Hare.

SOBRE O AUTOR



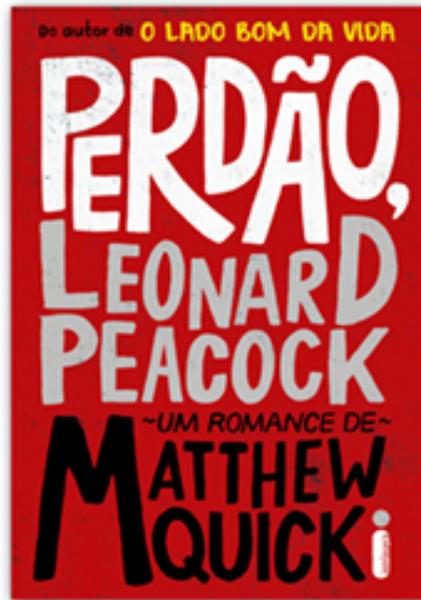
© Alicia Bessette

Matthew Quick é autor de diversos romances, entre eles o best-seller *O lado bom da vida*, que inspirou o filme de sucesso estrelado por Jennifer Lawrence. Pela Intrínseca, publicou também *Perdão*, *Leonard Peacock*, *Quase uma rockstar*, *A sorte do agora* e *Garoto21*.

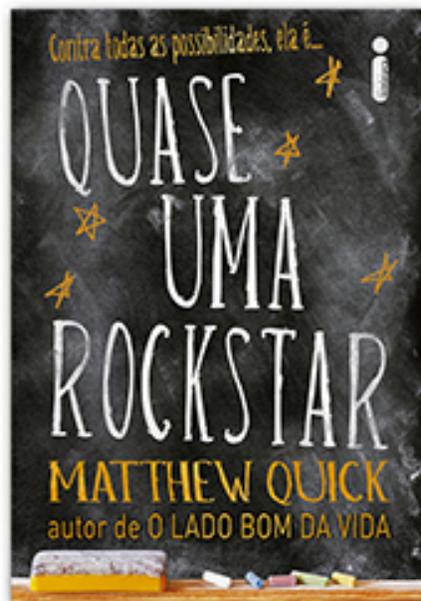
CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



O lado bom da vida



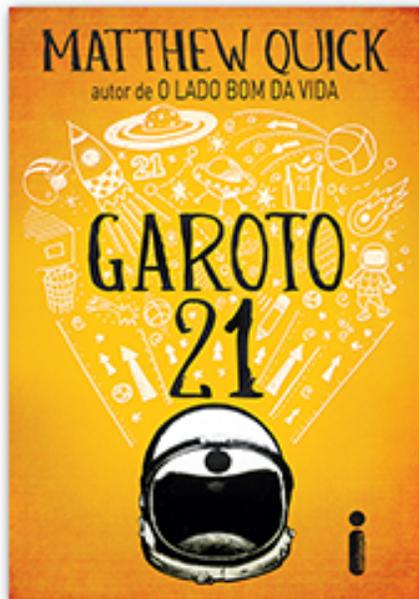
Perdão, Leonard Peacock



Quase uma rockstar

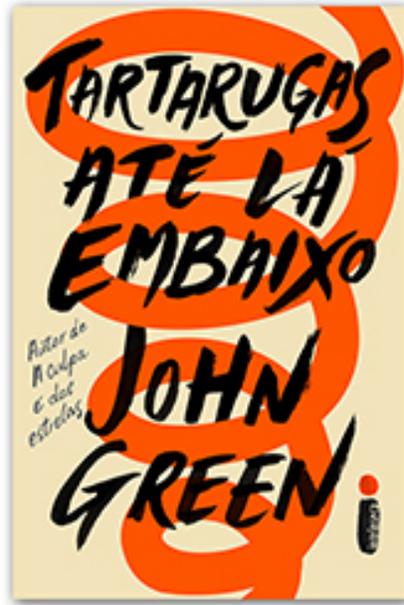


A sorte do agora



Garoto 21

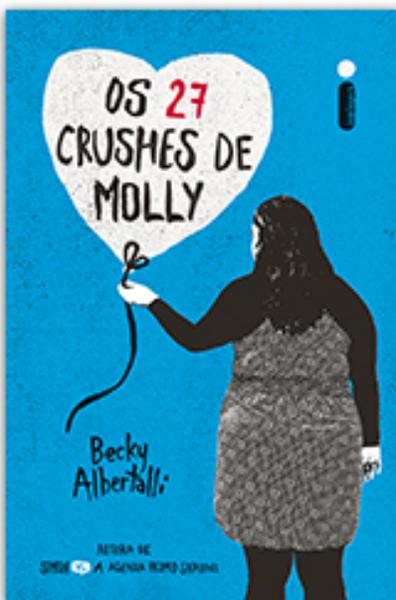
LEIA TAMBÉM



Tartarugas até lá embaixo
John Green



Com amor, Simon
Becky Albertalli



Os 27 crushes de Molly
Becky Albertalli



Jogo de espelhos
Cara Delevingne



Fãs do impossível
Kate Scelsa